

TEOLOGIA PASTORAL

Frei Gentil Lima

I

A QUE SE PROPÕE A TEOLOGIA PASTORAL

De onde vem o termo pastor na Bíblia?

O Deus-Pastor na Bíblia

O tema de Deus-pastor está presente nas três partes da Bíblia hebraica: na Torá, nos Profetas e nos Escritos (especialmente nos Salmos). Ele é expressão da cultura nômade que encontramos no antigo Oriente Médio, mas, ao mesmo tempo, é inseparável da história religiosa de Israel.

A. Os dados gerais do A T

1. Constatação surpreendente

Em todo o A T Deus é chamado pastor apenas quatro vezes. Número quase insignificante, se comparado com a freqüência dessa expressão tanto no Egito como na Mesopotâmia. E isso surpreende. Porém, mais surpreendente é que em Israel o soberano em exercício nunca seja chamado pastor. Nem Davi, modelo ideal do rei israelita, era designado oficialmente com esse apelativo. Por outro lado, a Bíblia não hesita em qualificar de "pastores" chefes políticos, militares e religiosos, tanto de Israel como de outros povos.

Finalmente, nos livros proféticos, pastor é título messiânico. Quando a instituição da monarquia já estava irremediavelmente ameaçada em decorrência da destruição de Jerusalém e da deportação para Babilônia, aparece, especialmente em Ezequiel, a figura do Messias pastor e príncipe (Ez 34,23-24).

O fato de o termo pastor aparecer poucas vezes como atributo da divindade do rei israelita não deve ser motivo de engano nem levar a conclusões apressadas. Se o título é raro, o uso do verbo apascentar e de seus sinônimos é freqüente. Essa primeira constatação já é significativa: o importante para a Escritura não é o uso formal de um título, mas o destaque de um comportamento. É constatar que Deus se comporta com seu povo como o bom pastor com seu rebanho. Mais do que o substantivo, o que interessa à Bíblia são os verbos".

O primeiro deles, e fundamental, é raah, "apascentar". Mas, existem outros - sinônimos ou não - que descrevem em concreto os diversos aspectos da função pastoril e esclarecem melhor o que a Escritura quer dizer quando fala de Iahweh como pastor, e do povo como seu rebanho. Onde e como encontrar esses verbos? Para não incorrerem em escolha arbitrária, limitar-nos-emos aos textos nos quais a terminologia explícita do pastor está presente, isto é, aos textos nos quais é usado elemento do grupo-base, a saber, pastor-apascentar / rebanho-ovelha, para designar as relações de Deus com seu povo e vice-versa. Essa terminologia explícita nos autoriza a considerarmos os termos que aparecem no contexto imediato como explicativos da função pastoral.

2. Os textos nos quais aparece a terminologia explícita

Torá: Gn 48,15 e 49,24s; (cf. Ex 15,13);

Profetas:

Is 14,30; 40,11; 49,9-10;

Jr 13,17; 23,1-6; 31,10; 50,6;

Ez 34,6-31; 36,37-38; 37,24;

Os 4,16; 13,5-6;

Am 3,12;

Mq 2,12-13; 7,14;

Sf 2,7; 3,13;

Zc 9,16; 10,3b; 13,7;

Escritos:

SI 23; 28,9; 48,15; 68,11; 78,52-53; 79,13; 80,2; 95,7; 74,1; 77,20-21; 100,3; 119,176

3. Os verbos que especificam a ação pastoral de Iahweh

Analisando o vocabulário das citações indicadas acima, encontramos ampla série de verbos - pelo menos 20 - que especificam o agir de Deus-pastor. Ei-los:

1. Apascentar (ra'ah)
2. conduzir (nahag)
3. guiar (nahal)
4. dirigir (nahah)
5. procurar (baqash)
6. procurar, cuidar (darash)
7. fazer retomar (shwb)
8. reunir (qabas)
9. guardar (shamar)
10. fazer recolher-se (rabas)
11. visitar (paqad)
12. inspecionar (baqar)
13. julgar (shapat)
14. tirar de, libertar (nasal)
15. fazer sair de (iasa')
16. fazer subir (alah)
17. fazer entrar/fazer vir (bw')
18. salvar (iasha')
19. conhecer (iada')
20. fazer aliança (karat berit)

Todos esses verbos estão ligados à terminologia explícita do pastor e são usados com referência a Iahweh.

A sua classificação por significados afins leva a oito grupos fundamentais:

1. apascentar-conduzir-guiar
2. prover: água, comida, pastagens
3. procurar-fazer voltar-reunir
4. guardar-construir recintos seguros
5. visitar, cuidar
6. julgar, fazer justiça-fazer os pastores cessarem de apascentar
7. tirar para fora, fazer sair, libertar, salvar
8. dar-se a conhecer, fazer aliança, confortar.

4. Quatro funções ou papéis fundamentais

Os verbos que classificamos em 8 grupos podem ainda ser organizados segundo os temas em quatro blocos, correspondentes às atitudes fundamentais do pastor:

- a. grupo 1
- b. grupo 2
- c. grupos 3-4-5-6-7
- d. grupo 8

a. O primeiro grupo abrange os verbos que exprimem a idéia de condução e guia. Eles nos trazem à mente a imagem do pastor que "caminha diante" das ovelhas (Jo 10,4). O uso metafórico desses verbos transfere para os planos político, ético e religioso a função de guia que o pastor exerce em relação ao seu rebanho.

b. O segundo grupo nos situa no âmbito da criação e do cuidado criacional da parte da divindade. Esse âmbito tem como termo de comparação o complexo de ações que o pastor deve

executar para fazer o seu rebanho viver e multiplicar-se. (Assim são transferidos para o plano da existência humana o significado-valor da água, do alimento, dos apriscos seguros etc.) Pascar não é sinônimo de caminhar, mas de pastar, de alimentar-se. Para o rebanho a meta do caminhar é comer; ele se move a fim de encontrar pasto, isto é, alimento adequado e suficiente.

Nessa perspectiva, pastor não é só aquele que guia, mas também aquele que procura o alimento, que conduz às pastagens. Ele é caminho para a vida. Caminhando na frente das ovelhas, ele se faz caminho para aquilo que garante a vida delas: a erva e a água. Transferindo para o plano teológico essa função do pastor, exprimimos aquele conjunto de elementos que formam o conceito de providência. O Pastor divino se interessa vivamente pela existência de suas ovelhas, preocupa-se com a sua vida e lhes assegura o necessário para o tempo e para a eternidade.

c. O terceiro campo de ação do pastor consiste em defender e vigiar seu rebanho. É indispensável que a vida das ovelhas seja alimentada por pastagens e fontes de água. Mas, é necessário também não deixá-las expostas aos perigos, ao assalto dos animais ferozes ou à voracidade dos salteadores. Assim, de dia o pastor é guia; de noite, guarda. Enquanto as ovelhas dormem, ele vigia. Especialmente se os apriscos são ao ar livre, no deserto ou nas montanhas. E se acontece de alguma ovelha se perder, o pastor digno desse nome volta pelo mesmo caminho à sua procura, chamando-a e tentando descobrir as suas pegadas.

A transposição para o plano teológico dos verbos que indicam proteção, vigilância e procura, contribui para delinear a imagem de Deus guarda e defensor, que usa a sua onipotência para sustentar a fraqueza e a precariedade da vida humana.

d. Há um quarto aspecto nas relações entre o pastor e seu rebanho. Trata-se de função não imposta pelas convenções sociais nem pela lógica do interesse e, portanto, ausente do pastor assalariado, mas presente naquele que vive a função de pastor como questão de amor. O pastor bíblico se sente ligado afetivamente ao seu rebanho. Estabelece relações de conhecimento, de amizade e de solidariedade para com as ovelhas. A cultura ocidental, enferma de eficientismo e burocracia, sente dificuldade para entender esse aspecto ou o considera, com ironia, coisa de poeta...

Mas, ele ainda existe: não só os beduínos, mas também os (nossos) pastores de hoje acabam falando com suas ovelhas, quando não por outro motivo, por causa da prolongada permanência com elas, longe da convivência humana. A transposição teológica desses restos de intimidade foi conservada pela Escritura no tema do Pastor divino, que estabelece aliança com suas ovelhas e que as ama a ponto de sacrificar a própria vida por elas.

Essas quatro categorias fundamentais, que qualificam a experiência pastoril, são empregadas pela Bíblia para descrever a história das relações de Iahweh com seu povo. A análise dos textos bíblicos nos mostrará, por outro lado, que a experiência humana, mesmo a do pastor totalmente dedicado ao seu rebanho, é apenas pálido paralelo do comportamento de Deus. De fato, aquilo que para o homem constitui paradoxo, no comportamento de Deus é norma constante.

AÇÃO PASTORAL DE JESUS

PALESTINA ANO ZERO

BRASIL ANO 2005

Como seria a nossa pirâmide tendo como referência a pirâmide da Palestina? Quem é "quem", hoje, aqui? Quais são as categorias dominantes? Onde se situa a Igreja ou as religiões? Em que categoria Jesus nasceria?

O PROJETO DE JESUS

O Reino

Jesus pregou o Reino de Deus. Não pregou a si mesmo, não quis ser um ídolo, renunciou o poder deste mundo em função do plano de Deus.

O Reino de Deus que Jesus pregou e inaugurou com atitudes, é o projeto de Deus para cada ser humano e para toda a humanidade. No Antigo Testamento, este projeto de Deus começou a se configurar desde a revelação a Abraão, depois com Moisés, os Juizes, os Profetas e, por fim, completou-se com Jesus. É o plano de Deus para o homem e para o mundo.

Quando falamos de Reino de Deus, é bom que tenhamos claro, em primeiro lugar, que o Reino de Deus, é de Deus. Ele não é propriedade de cada um em particular, nem de nenhuma Igreja, governo ou império que seja. É de Deus. Muitas vezes, é fácil confundir o Reino de Deus com o nosso projeto de poder, de domínio e em nome de Deus freqüentemente afirmamos o nosso reino, o que acontece muito em nossas comunidades.

O Reino de Deus não cabe em definições. As definições empobrecem a sua grandeza, mas, didaticamente, podemos dizer, de maneira genérica, que é a felicidade do homem e do mundo como um todo. Foi isso que Jesus pregou, concretizou e foi por isso que morreu. O nosso Deus quer ver o mundo e o homem felizes e a felicidade passa por muitas coisas: pelo pão, pela saúde, pelo direito ao trabalho, pela terra, pela liberdade, pelos direitos humanos.

O Reino de Deus começa neste mundo, mas não acaba aqui, pois tem sua dimensão escatológica, na eternidade. Entretanto, o Reino pode ser já experienciado neste mundo. Para nós que cremos, esta experiência do Reino começa com um encontro pessoal com o Cristo Ressuscitado o que veremos adiante, quando falaremos de Jesus Cristo.

Jesus foi missionário deste Reino durante três anos somente. Antes disso, foi um jovem que conheceu profundamente a vida do seu povo. Sua pregação, portanto, estava embasada numa verdadeira experiência de vida e não somente num discurso de "gabinete".

Da gramática para a prática

Jesus não deixou nada escrito. Tudo o que foi escrito sobre Ele foi escrito mais ou menos entre os anos 40 e 100 depois da sua morte e ressurreição: São os quatro Evangelhos, as Cartas de São Paulo, as Epístolas, o Livro dos Atos dos Apóstolos e Livro do Apocalipse. Todos esses escritos canônicos relatam um Jesus um tanto distante ou indiferente ao legalismo dos fariseus, isto é, um Jesus que manteve uma prática coerente e não sobrecarregou a humanidade com muitas normas codificadas.

A história de Jesus é uma história de episódios, de acontecimentos que se deram na vida corriqueira entre ele e seu povo, a começar pelo seu nascimento, fato marcante, pois, aquele ambiente, revela muito sua identidade.

Para Jesus, a grande lei que substitui todas as outras leis, é o amor. Quem ama verdadeiramente é livre, até pode dispensar os Mandamentos pois, quem ama respeita o próximo, não mata, não mente, etc. Eram os fariseus, em sua época, os que se apegavam ao legalismo. Jesus preferiu atitudes no lugar de códigos.

“AÇÃO PASTORAL DE JESUS”

Jesus e os pobres

Definitivamente, Jesus amou os pobres preferencialmente. Isto não significa que ele não amou os ricos. Ele amou mais os pobres porque são os pobres que mais precisam de amor. É uma questão de Justiça.

Jesus amou os doentes (Lc 4, 31-37). Os enfermos procuravam Jesus porque estavam despidos de qualquer outra alternativa ou possibilidade de cura e Jesus os abençoou e curou, inclusive no dia de sábado.

Jesus amou as crianças (Mc 10,13-16 e Mt 18,1-4). As crianças foram um referencial pois, para alcançarmos o Reino, segundo os Evangelhos, somos nós, adultos, que precisamos nos tornar como crianças e não elas como nós.

Jesus amou a viúva pobre (Lc 21-1-4). A contabilidade de Jesus não é capitalista pois, a viúva, objetivamente, foi a que menos doou e Jesus disse que ela doou mais que todos os outros.

Jesus amou os humildes e simples (Mt 11,25.28-30), os pobres e o povo da roça (Lc 6,20ss). Falava em parábolas para melhor ser entendido, usava a linguagem popular. Ele tinha a "cara" do povo.

Jesus amou os leprosos da sua época (Mc 1,14-22). Os leprosos eram considerados impuros, pecadores, e eram discriminados por toda aquela sociedade.

Não resta dúvida que os pobres foram seus preferidos tanto quanto foram preferidos de Javé no Antigo Testamento. Javé é o Deus dos pobres e o Reino de Jesus é a boa notícia para os pobres, porque para os ricos, a notícia não é lá muito boa. O Reino exige partilha, desapego, solidariedade e os que não estão dispostos a isto, podem entender o Reino como uma notícia ruim.

Jesus e as mulheres

As mulheres contavam muito pouco na sociedade da época de Jesus. Possivelmente o valor delas se resumia na procriação e, preferencialmente para a procriação de homens. Os fariseus agradeciam constantemente a Deus por não terem nascido mulher.

Dentre as mulheres haviam as prostitutas que Jesus considerou superiores aos fariseus (Mt 21-31). Jesus vai às raízes dos problemas pois, todos sabemos que não existem prostitutas sem prostitutos e que ninguém nasce com a vocação para a prostituição. Se existem prostitutas é por que elas são prostituídas. A mulher adúltera foi perdoada e amada (Jo 8,7), independentemente da condição moral em que ela se encontrava; o mesmo aconteceu com a moça da vida (Lc 7,41-50), quando Jesus a perdoou, e ao mesmo tempo condenou os que estavam do lado de fora, por não serem corajosos o suficiente para pedir perdão.

Já vimos que Jesus foi um homem inserido em sua cultura e aquela cultura não aceitava mulheres tão facilmente. Daí, o fato de Jesus ter escolhido homens para serem apóstolos. Entretanto, os Evangelhos narram que muitas mulheres o acompanhavam (Lc 8,1-3) e certamente Ele foi criticado por causa disso.

Jesus e os grupos constituídos

Jesus não discriminou o Capitão Romano (Mt 8,5-13). Amou aquele que era considerado inimigo, sem no entanto ser ingênuo. Isto significa que devemos abominar o pecado e amar o pecador.

O grupo dos fariseus, o que era fiel ao cumprimento rigoroso das leis, foi fortemente enfrentado por Jesus. Jesus foi até rude para com eles e seus costumes legais como: oração ritual, esmola, jejum, pureza legal, etc. (Cf. capítulo 23 de Mateus).

Os Samaritanos eram considerados hereges (estavam no erro) e separados. Havia uma grande rivalidade entre Judeus e Samaritanos, briga que vinha desde o tempo de Salomão. Por isso os Samaritanos até rezavam num outro templo. Jesus os acolhe e até conta uma parábola muito apropriada para explicar a relação entre eles, a parábola do Bom Samaritano (Lc 10, 29-37). Com a mulher samaritana a relação foi ainda mais forte pois, além de ser samaritana ela era mulher e prostituta (Jo 4, 1-30).

Jesus amou e ao mesmo tempo provocou a todos, inclusive os publicanos que eram odiados pelo povo (Mc 2, 14). É do grupo dos publicanos que surge Levi que se tornou, mais tarde, o grande evangelista Mateus.

Jesus e o poder

O poder é algo ambíguo. Quando ele é usado para oprimir, para dominar, torna-se o grande pecado do mundo, causa de morte, de desgraças; quando usado para servir, é uma ferramenta útil na construção do Reino.

O poder é algo bom e necessário enquanto serviço. Porém, no tempo de Jesus, o poder era usado para explorar o povo e por isso Jesus inverte o conceito, isto é: "quem quiser ser o maior, seja aquele que serve" (Lc 22, 24-27). Jesus tinha poder, um poder moral, porque era servidor. Ele lavou os pés dos discípulos, doou-se até a morte, e morte numa cruz.

Jesus disse que aqueles que usam o poder para dominar são como as raposas. Chamou Herodes de raposa (Lc 13,31-32). As raposas são falsas e atacam à noite, para roubar e ferir. Diante dos príncipes dos sacerdotes, escribas e Herodes, os poderosos da corte, Jesus calou-se. Certamente achou que não seria interessante gastar palavras com os dominadores e poderosos (Lc 13,31-32).

Acontece que, na vida, existe um poder legal, aquele que vem da lei, e um poder moral, aquele que nasce do serviço. O poder legal, normalmente, é exercido pela força, quando não com exércitos, e o poder moral nasce do amor, da solidariedade. O verdadeiro poder vem sempre de Deus (Jo 19,11). É Deus que nos faz servidores, que nos permite que tenhamos cargos, que ocupemos posições de destaque na sociedade, para tornar o mundo mais belo, mais fraterno.

Jesus assume também uma postura crítica com relação aos ricos do seu tempo. Provocou o jovem rico que gostaria de estar salvo porque tinha cumprido fielmente as determinações da lei. Jesus vai além do cumprimento da lei e pede-lhe a partilha. Ele se entristece e recusa, mas Jesus o ama assim mesmo (Mt 19, 16-21). Com Zaqueu, outro rico, acontece diferente. Diante da provocação de Jesus, para a partilha, Zaqueu converteu-se e tornou-se um semelhante aos seguidores de Jesus (Lc 19,1-10).

Na parábola do Rico e de Lázaro (Lc 16,19-31), Jesus, decididamente, toma o partido de Lázaro e condena o rico avarento, que não partilhou, que não foi solidário.

Parece-nos que a questão central não é tanto ter riqueza ou não, ou ter poder ou não ter. A questão é, como usamos e o que fazemos com o nosso poder e com a nossa riqueza. Todos sabemos da dificuldade objetiva de nos relacionarmos com a riqueza e com o poder numa perspectiva do Reino de Deus. Poder e riqueza são canais que facilmente nos conduzem ao domínio, ao egoísmo e nos afastam de Deus. É por isso que Jesus disse que é mais fácil um camelo passar pelo fundo de uma agulha do que um rico entrar no Reino (Mt 19,24). Muito embora Jesus não estivesse se referindo ao animal camelo com relação ao burquinho de uma agulha de costurar como temos hoje, é bom que não aumentemos muito o buraco da agulha, seja ela como for, e nem é bom que diminuamos muito o tamanho do camelo.

Assim, resumidamente, foi Jesus, o homem de Nazaré da Galiléia, na Palestina. Um homem, leigo, judeu, com endereço, pobre, que viveu numa sociedade de classes, pregou o Reino de Deus e teve atitudes com seu povo. Por causa disso tudo, este homem foi barbaramente assassinado numa cruz. Não morreu de acidente.

Este homem, Jesus, torna-se, então, o Cristo, para os que nele creram. De Jesus a Jesus Cristo, o Cristo da fé, o ressuscitado, aquele que faz diferença na vida dos que com ele se encontraram e se encontram.

II ORGANIZAÇÃO E DESCOBERTA DA AÇÃO PASTORAL NO INÍCIO DA CAMINHADA

IGREJA NASCENTE

Foi um período durante o qual prevaleceram fortes luzes as quais são perseguidas até hoje. Apesar dos contratempos naturais de tudo aquilo que começa, o cristianismo nascente, em seus primeiros séculos, seguiu autenticamente as pegadas do Jesus, sem nenhuma aliança com os poderosos, levando em conta que o Reino de Deus, em primeiro lugar, é de Deus, e não poderá nunca se confundir com reinos particulares que anulam ou ofuscam o Projeto de Deus.

Chamamos de Igreja nascente o período que vai desde a Páscoa até precisamente o ano 313 quando sobe ao poder no Império Romano o imperador Constantino que reconhece o cristianismo como religião oficial. A maioria dos historiadores usam a expressão "Igreja Primitiva", para aquilo que chamamos de "Igreja nascente". De qualquer maneira este primeiro

capítulo que refletir sobre a gênese do Cristianismo, sobre o embrião que se tomou na história aquilo que é hoje, graças aos seus mártires e santos.

Algumas características da Igreja Nascente

Uma igreja pobre

Os primeiros cristãos entenderam muito bem que o anúncio do Reino de Deus proclamado por Jesus era uma boa notícia para os pobres porque era uma notícia de partilha, de fraternidade, de um novo estilo de vida onde todos tinham tudo em comum. Por isso, para os ricos, a notícia não era boa, pela exigência que carregava. O império romano não reconhecia o Cristianismo como uma religião, por isso não tinham os direitos dos outros, não tinham nem cemitérios para enterrarem seus mortos em lugares públicos. A bem da verdade, para o império romano, as sementes do cristianismo era uma espécie de ameaça aos poderosos. A ideologia cristã não era nada bem-vinda naquele ambiente imperialista.

Uma Igreja pequena

O cristianismo nascente foi um cristianismo de pequenos grupos que eram fermento na massa. E esses pequenos grupos, nos dois primeiros séculos eram certamente muito menores do que imaginamos. Poucos realmente sabiam quem eram os cristãos. Como os cristãos não possuíam templos, eles se encontravam escondidos em certos abrigos, alguns chamados de catacumbas para repartir o pão e celebrar o mistério do Cristo ressuscitado.

Precisamos nos despir da idéia de que a Igreja se tornou forte e poderosa imediatamente depois da morte e ressurreição de Cristo. Eram grupos muito reduzidos, sem liturgia, sem templos, sem o Novo Testamento, sem hierarquia constituída, sem Direito Canônico, sem sacramentos. Era uma espécie de movimento que mais tarde se institucionalizou na Igreja, mas somente depois do terceiro século. Os atos dos apóstolos foram, portanto, atitudes dos primeiro seguidores de Jesus Cristo, num ambiente pequeno e pobre.

Uma Igreja perseguida

Oficialmente não era permitido ser cristão nos primeiros séculos. Os imperadores romanos bem como os judeus não viam nos cristãos um grupo de amigos. Pelo contrário, os perseguiam, apedrejavam, crucificavam, açoitavam e caluniavam. Mais tarde, as perseguições aos cristãos tornaram-se uma espécie de espetáculo nas arenas onde os convertidos eram expostos aos leões e aos gladiadores romanos para serem exterminados e isso se constituía numa grande festa pública.

Existiam muitas calúnias e rumores horríveis contra os cristãos dizendo maldades e mentiras sobre o comportamento moral dos seguidores de Jesus Cristo. Acreditamos que se não fosse a força do Espírito Santo, para os apóstolos e os primeiros seguidores, era bem melhor deixar tudo como estava e esquecer de Jesus.

Uma Igreja de Martírio

A palavra martírio significa testemunho, isto é, mártir é aquele que testemunha a ressurreição de Cristo, inclusive com seu sangue. Ser mártir é não negar a Cristo diante da morte e os primeiros cristãos, junto com os apóstolos, a começar por Estevão, o primeiro mártir, testemunhavam Jesus Cristo até as últimas conseqüências que eram as mortes horríveis a que eles eram submetidos.

Uma Igreja fiel ao projeto de Jesus Cristo

O que contava era a fidelidade a Jesus, até porque não havia tradição, nem mandamentos, nem dogmas. Pelo fato de a ressurreição ser algo recente, e a experiência do ressuscitado ser algo que fundamentasse a fé dos seguidores, os primeiros cristãos agiam e viviam como o mestre viveu, orientados pelos apóstolos.

Na história do Cristianismo, muitas vezes a Igreja não conseguiu fidelidade plena ao projeto de Jesus. O Evangelho se confundiu com interesses pessoais, com interesses de outros impérios e Jesus, com seu Projeto, ficou na sombra de outros projetos que se julgavam mais interessantes. No cristianismo nascente não. Os primeiros convertidos, em primeiro lugar, mesmo antes de

serem batizados, professavam a fé no ressuscitado e viviam seus ensinamentos com todas as implicações dessa profissão.

Uma Igreja Missionária

A perseguição levou à missão. A Igreja Nascente não se fixou no centro, isto é, saiu de Jerusalém e avançou pelo vasto império romano, convertendo pagãos, judeus e todos os que se afinavam com o jeito cristão de ser.

Rapidamente e principalmente através do grande missionário Paulo, a Igreja atingiu a Grécia, Roma, toda a Ásia menor e outros lugares. Isso vem revelar um pouco a essência da identidade cristã. A Igreja é essencialmente missionária, aberta, dinâmica, de diálogo com o diferente, ecumênica.

Sombras

Houve também, é claro, momentos de sombras. As pessoas divergiam e não entendiam muito bem os caminhos a serem tomados. A relação entre os judeus e cristãos era um tanto complicada por causa dos ritos, das leis judaicas, da radicalidade do cristianismo etc. A discussão teológica sobre a humanidade e a divindade de Jesus também gerou alguns conflitos. Existiram sombras, portanto. Nem tudo era maravilha.

Não havia clareza sobre o rito batismal (batismo de água ou circuncisão?), o discurso para os gregos precisou ser diferente, mais filosófico, os judeus demoraram a entender que o Cristianismo era uma outra religião (pensavam que era uma seita judaica), o papel das mulheres na Igreja, etc. Eram sombras, típicas de algo nascente, embrionário, mas que mais tarde, na força do Espírito Santo, tudo se resolveu deixando lugar para outras sombras, assim como hoje porque como dissemos, a Igreja não é estática. Para cada época existem luzes e sombras.

Nesse Período da Igreja nascente (de Pentecostes ao ano 313) a Igreja tenta se organizar...

COMO AGIU A IGREJA DO ANO 313 A APROXIMADAMENTE 1500?

CRISTIANISMO NA IDADE MEDIA

Introdução

Chamaremos de Idade Média na história do Cristianismo, o período que vai do ano 313 até o ano 1500, aproximadamente. Esta delimitação é um pouco diferente daquela da História Geral. Neste período, a Igreja exibiu um panorama de tenebrosas sombras, pois a aliança feita com os imperadores de Roma teve um custo muito alto na identidade do cristianismo. Sombras sobre as quais devemos falar, até para que nenhuma igreja ou religião volte a cometer os mesmos erros. Erros como: fusão entre religião e estado, excessivo controle burocrático (legalismo) hierarquia demasiadamente rígida (poder X carisma), etc.

Constantino

No ano 325 houve o histórico e famoso "Edito de Constantino". O imperador romano (Constantino), percebeu que era inútil perseguir o Cristianismo como era e será sempre inútil perseguir uma verdade qualquer que se impõe por si só. Constantino usou então, uma velha tática dos poderosos: "quando o inimigo é muito forte, melhor é fazer uma aliança com ele". Pelo "Edito de Constantino" o Cristianismo, arbitrariamente e por estratégia do imperador, passou a ser então, a religião oficial do império. Tornou-se obrigatório e assim, um caminho ideológico para a expansão e dominação do império romano. Constantino convocou um concílio (Nicéia) e oficializou o cristianismo para todo o império. É com Constantino também que começa a existir o domingo como o dia santificado, no ano 321.

Surge também nessa época a norma do celibato sacerdotal. Este, enquanto imposição, surgiu já no ano 306, com abrangência restrita à Espanha onde o casamento foi proibido para todos os religiosos. Com o papado de Gregório VII, na segunda metade do século XI, o celibato radicalizou-se. O papa Gregório, que era moralista, repudiava envolvimento afetivos de representantes do clero. A maioria dos papas seguintes reafirmou o celibato, mas foi somente

entre 1537 e 1563, durante o Concílio de Trento, que o celibato se tornou obrigatório em todo o clero da Igreja.

Sendo a religião oficial a hierarquia tinha alguns privilégios na Idade Média:

- O clero ficou imune das obrigações com o estado
- As decisões dos bispos tinham reconhecimento jurídico
- A Igreja podia receber heranças

Mas os papas, bispos e toda a hierarquia daquela época foram menos expertos que os imperadores e, cobertos de ouro, terras, riquezas e poder que vinha dos reis, tornaram-se opressores junto com eles. Cegos para a verdade e loucos pelo poder, não havia mais distinção entre cristianismo e império; entre a cruz libertadora e a espada assassina. Estava feita a aliança entre a Igreja e o poder. Uma aliança forçada que durou mais de mil anos e que foi desastrosa a ponto de provocar uma grande divisão no cristianismo. Estamos nos referindo à reforma protestante que começou com Martinho Lutero, grande sinal de alerta para que o Cristianismo voltasse a seguir as pegadas do mestre Jesus.

Com a oficialização do cristianismo, o paganismo acabou. O paganismo era uma espécie de religiosidade popular, um tanto politeísta, com seus símbolos ritos e mitos próprios, um tanto oriental, adoradores do deus sol. Os pagãos eram povos despreocupados com a vida, com o futuro, pobres, não gostavam de trabalhar produtivamente e possuíam características tribais. Não houve diálogo com o diferente na Idade Média. O Cristianismo simplesmente tomou conta do mundo.

No estudo da História da Igreja, o modelo que resulta dessa época se costuma chamar de Cristandade. É uma fusão entre Cristianismo e sociedade, ou seja, entre Igreja e Estado. As coisas não tinham mais limites definidos, tudo era mais ou menos a mesma coisa, pois eram os papas que coroavam os imperadores e eram os imperadores que escolhiam e legitimavam os papas. A Igreja se tomou simplesmente uma espécie de braço estendido do Império Romano, apoiando, sacralizando e dando toda a sustentação política.

É assim que começou o novo modelo. Na Teologia se dizia que a salvação passava exclusivamente pela Igreja, isto é, a Igreja era a única porta do céu. Nas catedrais e templos eram desenhadas cenas do juízo final representando a salvação ou a condenação dos não cristãos, a arquitetura dos templos era elevada, nas colinas das cidades, para representar o poder da cruz e a elevação do espírito cristão.

A patrística

Patrística ou patrologia, é uma disciplina da Teologia que estuda a doutrina dos santos padres. Esses chamados santos doutores da patrística, viveram no início da Idade Média e foram os primeiros responsáveis pela consistência da elaboração teológica da doutrina da Igreja.

O Período da Patrística é compreendido desde o século I d.c. até o ano oitocentos depois de Cristo. O principal objetivo dos padres da patrística era combater os erros (heresias) doutrinários que contaminavam a Igreja na sua relação com outras culturas e credos, e dar formalidade doutrinária ao Cristianismo enquanto tradição religiosa, para não se confundir com outros credos, seitas e filosofias das mais diversas.

A teologia que brotou da patrística foi, em toda a Idade Média, e até hoje é um pilar de sustentação para a catequese, a doutrina cristã, e a unidade da Igreja. É uma doutrina serena, de conceitos básicos e carrega os princípios elementares de todas as correntes teológicas que vieram depois, bem como os discursos diversos no modo de ser e agir dos cristãos.

Os principais padres da patrística, que merecem ser estudados com força na Teologia são: Agostinho de Hipona (Santo Agostinho), Ambrósio de Milão (Santo Ambrósio), Atanásio de Alexandria (Santo Atanásio), Cipriano de Cartago (São Cipriano), Clemente de Roma (São Clemente), Hipólito de Roma (Santo Hipólito), Inácio de Antioquia (Santo Inácio), São Jerônimo, Tertuliano de Cartago (filósofo cristão).

Foram, portanto, os santos padres da patrística que deram o fundamento de toda a doutrina cristã como: Trindade, Sacramentos, Maria, Redenção, Escatologia, Pecado e Graça, Ecclesiologia e tantos outros temas que com o passar do tempo sofreram algumas modificações nas suas abordagens, mas que mantiveram os princípios básicos dos escritos patrísticos.

As cruzadas

As cruzadas medievais foram expedições oficiais (do tipo militar) organizadas pela Igreja e coordenadas pelo papa (iniciativa do papa Urbano 11 - ano 1095) com o objetivo de libertar a terra santa (santo sepulcro) das mãos dos muçulmanos, em Jerusalém.

Os muçulmanos surgiram com Maomé, em 622, se expandiram rapidamente pelo

Oriente Médio e conseqüentemente tomaram posse dos lugares sagrados em Jerusalém e por toda aquela região, por se julgarem, eles também, descendentes da promessa feita a Abraão. O catolicismo, firme e forte na Europa (Espanha, Alemanha, França, Roma, Inglaterra) não quis admitir o que se chamou de profanação dos lugares santos e avançou pelo Oriente Médio com milícias para re-conquistar aquele espaço. Isso é o que foram as cruzadas, oficialmente.

Entretanto, numa leitura crítica do fenômeno das cruzadas podemos observar causas secundárias como, por exemplo, a conquista de novas terras dado a crise do feudalismo na Europa e a necessidade de expansão européia dado que o oriente era uma fonte de riquezas.

Encorajados pelo papa com promessas de indulgências e o perdão dos pecados, somando-se a isso o espírito de aventura, grandes exércitos de cristãos, carregando o símbolo da cruz de Cristo nas roupas e nas armas, invadiram o oriente, massacrando tudo e todos os que a eles se opunham, saqueando e roubando.

Foram oito grandes cruzadas até o ano de 1523, contra o Egito, e a todo o Oriente Médio, lamentavelmente sem sucesso, pois o Oriente ainda está com os árabes.

A inquisição

Sobre a inquisição, é farto o material existente na história geral. A prática da inquisição começou na igreja por volta do ano 1200 e se estendeu até o ano 1859 quando o papado extinguiu completamente o que se chamou de Tribunal do Santo Ofício da Inquisição.

A inquisição surgiu na Igreja com o objetivo de combater os erros (heresias) doutrinários, os desvios, e os conseqüentes cismas (divisões) no cristianismo que não podia se fragmentar.

Os principais movimentos considerados heréticos na época eram: crítica às autoridades eclesiásticas, crítica ao casamento monogâmico, discordância do celibato sacerdotal, costumes judaizantes e islâmicos (agir como judeus e muçulmanos), crenças alheias à fé cristã como a bruxaria.

Junto com as Cruzadas, em nome do princípio de que fora da Igreja não há salvação, a inquisição se encarregou de destruir sinagogas judaicas e mesquitas islâmicas, bem como de castigar os que tinham qualquer simpatia com judeus e muçulmanos. Os judeus precisavam ser castigados ("judiados" - criou-se até esse verbo, na língua portuguesa). Todos os bens dos que eram inquiridos e considerados hereges eram confiscados para a Igreja.

Tudo era válido para identificar heresias: promessas de cargos, absolvição dos pecados, indulgências. A confissão auricular também tomou-se um instrumento importante na identificação dos desvios doutrinários.

Para obter a confissão dos hereges usava-se de muitas práticas, dentre elas os instrumentos de tortura. A bem da verdade, a tortura, não foi uma invenção da Idade Média. Já era usada pelos babilônicos, assírios, egípcios, gregos até chegar na Idade Média e também aos nossos dias. O que dizer da ditadura militar dos anos sessenta no Brasil? Sugerimos a leitura de dois livros básicos sobre isso: Brasil nuca mais (com prefácio de D. Paulo Evaristo Arns) e Batismo de Sangue (Frei Beto). Esse material nos leva a concluir que as práticas contemporâneas, muitas vezes, não nos dão nenhuma autoridade para fazer qualquer crítica para a Idade Média.

O fato é que a inquisição torturou e queimou vivos mitos cristãos, culpados ou inocentes. Somente na França, entre 1307 e 1310, trinta e seis mil adeptos da seita dos templários foram

mortos em Paris. Ao par disso, grandes personalidades também foram queimados vivos como Joana Darc (hoje santa) e Giordano Bruno (existem filmes sobre eles)

Os mosteiros

A Igreja na Idade Média teve a graça do surgimento dos mosteiros. O período que vai entre os anos 548 (S. Bento) e 1153 (S. Bemardo) é chamado de séculos monásticos, ou a era monástica, enfim, época da florescência dos grandes mosteiros que tanto bem fizeram e fazem para a Igreja.

Longe das disputas políticas e econômicas que atingia a Igreja secular, atrelada ao poder temporal, com suas alianças, nem sempre para o Reino de Deus ou quase sempre para um reino que não é o de Deus, surgiram os mosteiros, encravados nas montanhas européias, distante do cotidiano da sociedade feudal e asseguraram a essência do Cristianismo. Foi nos mosteiros que a liturgia, a arte sacra, o canto litúrgico, a teologia, a espiritualidade, a intelectualidade cristã, todos esses elementos que dão consistência e identidade ao cristianismo, sobreviveram.

São Bento é considerado o patrono dos mosteiros e sua regra chamada regra beneditina foi válida para todos.

Os mosteiros eram grandes fortificações, possuíam também grande quantidade de terra e patrimônio doado pelos governos, que não queriam nenhuma confrontação com os religiosos monásticos, por isso doavam heranças e poder ao abade (superior dos monges). O clero secular já estava nas mãos do sistema imperial, porém não os monges, porque o sistema não tinha acesso a eles, às suas regras e bibliotecas. Por isso era melhor abraçar os possíveis "inimigos".

Ao redor dos mosteiros formavam-se cidades e vilas e tudo girava em função disso: a produção de alimento, a espiritualidade, a educação, a saúde e a vida social. Assim foi com os Beneditinos, Bernardinos, Franciscanos, Agostinianos, e tantos outros mosteiros de ordem masculina e feminina. Foi esse modelo monástico de cristianismo, periférico, longe da alta hierarquia, extra-oficial, que na Idade Média, carregou nos ombros o autêntico projeto de Jesus, assim como era o Cristianismo nascente. Os mosteiros foram como que caramujos fechados, onde em meio as grandes turbulências, se guardou o grande projeto de Jesus que voltaria a brilhar mais tarde.

III

A HISTÓRIA LEVA A IGREJA À SUA PRIMEIRA GRANDE REFORMA.

O CRISTIANISMO NA MODERNIDADE

Introdução

Uma reforma no Cristianismo, na Idade Média, era algo precisamente necessário. O que talvez não fosse necessário era um cisma ou a formação de novas Igrejas separadas daquele Cristianismo histórico com suas luzes e suas sombras. No entanto, a divisão aconteceu e é um fato. No início, mais por influências políticas dos estados do que por vontade de Martinho Lutero que foi o grande precursor da reforma protestante.

Temos que entender também que Lutero, o personagem central da reforma protestante, não foi alguém isolado, pois havia muitos focos de desentendimento naquela fase do Cristianismo. O movimento protestante foi muito mais do que o luteranismo. Antes de Lutero já havia iniciativas semelhantes, muitas delas abafadas pela cúria romana. Em toda a Europa pairava um clima de descontentamento com os rumos do cristianismo e principalmente com as altas taxas de impostos que os estados nacionais emergentes (principalmente Alemanha, Inglaterra e França) tinham que pagar para a Igreja Romana. Por isso, uma certa privatização do cristianismo nos estados distantes do Vaticano era bem-vinda para esses. De maneira que se cada estado tivesse sua própria Igreja, os bens do Vaticano poderiam ser confiscados pelos estados e os impostos

deixariam de ser pagos. E foi exatamente o que aconteceu mais tarde. Do ponto de vista político, o protestantismo foi um bom negócio para os estados e só não aconteceu antes por falta de razões filosóficas ou teológicas. Nesse sentido,

Martinho Lutero foi usado, para que acontecesse aquilo que possivelmente não estava em seus próprios planos.

O papel e a Teologia de Martinho Lutero

Lutero era um estudioso. Monge da ordem dos agostinianos, Lutero conhecia as línguas bíblicas (hebraico, aramaico e grego) e era um profundo conhecedor das Sagradas Escrituras. Ele nasceu em Eisleben, na Alemanha em 1483. Descontente com os rumos da missão da igreja na Idade Média, Lutero bradou seu grito de reforma escrevendo algumas teses que em sua percepção deveriam ser levadas em consideração na missão da Igreja. Foram noventa e cinco teses, as quais foram fixadas na porta das igrejas de seu país e que merecem algumas reflexões ainda hoje. Comentaremos a seguir os principais pontos da doutrina protestante em relação à prática da Igreja na Idade Média, que poderão ser ainda hoje objetos de produção teológica no universo da pastoral.

- A salvação é fruto da fé e da graça de Deus e não depende das obras ou a observância das leis

Hoje, na pastoral, temos um conceito de "obras", como sendo a prática da caridade, a solidariedade, a luta pela justiça, a organização popular na conquista e experiência do Reino de Deus. Na Idade Média não era assim. Obras, para a igreja medieval, era fundamentalmente a edificação da própria igreja institucional, que em última análise se resumia a templos e ao mundo material.

Na Epístola de São Tiago (Tg. 2,11-26) há um forte argumento reforçando a teologia de que a salvação depende das obras. Esse argumento, para a concepção de obras na igreja da idade média, era fundamental. Em contrapartida, São Paulo põe em seus escritos, alguns argumentos que dizem outra coisa: a salvação é fruto da fé e não das obras, nem da observância cega das leis judaicas, assim como faziam os fariseus no tempo de Cristo (Rm. 3,21-25; Gl. 2, 19-21). Para Paulo a redenção de Cristo é graça, presente de Deus, gratuidade, sem nenhuma exigência em troca. Isso quer dizer que para ser salvo é necessário antes de tudo crer e aceitar a redenção. A caridade será, depois, consequência disso. Para Paulo não são os ritos, nem as obras que salvam porque Deus não faz negócio. A salvação é graça e para todos.

Lutero, em sua tese, defendeu a Teologia paulina.

- A salvação não depende das mediações hierárquicas.

Como a salvação é dom de Deus e se estende a todos os que a aceitam, ela não precisa necessariamente passar pela hierarquia da Igreja enquanto instância mediadora. Em outras palavras, Deus, na sua misericórdia, através de Cristo, o único mediador, dá a salvação a todos os que aceitam o mistério do Cristo ressuscitado sem a necessidade do pagamento de indulgências nem comprar a salvação com dinheiro, como era comum acontecer na Idade Média, quando havia pregadores de indulgências com fins lucrativos para a Igreja construir templos.

Segundo Martinho Lutero o grande tesouro da Igreja são nos pobres e o santíssimo evangelho da glória e da graça de Deus. Os bens materiais, fruto das indulgências, são enganos, sem sustentação bíblica e contra a vontade de Deus que ama a todos, independente da condição moral e econômica que se encontram.

- A Bíblia é do povo e deverá ser traduzida na língua do povo

Na época de Lutero, o latim, língua oficial da Igreja, já não era mais uma língua popular, falada e ensinada ao povo. Cada nação, cada país ou cidade, possuía sua língua própria. No entanto, a Bíblia, estava escrita em latim, língua que o povo não compreendia.

Lutero sabia que a Bíblia foi escrita na história, pelo povo, na língua do povo e por isso pertence ao povo. No entanto, a igreja na Idade Média, temia devolver a Bíblia para os cristãos, o que na interpretação de Lutero podia ser porque o povo teria uma outra concepção do

Cristianismo e a conseqüente prática pastoral da Igreja, vindo a questionar a fidelidade da instituição ao projeto de Jesus.

Imediatamente depois de publicar suas teses, Lutero se retirou e traduziu a Bíblia, não do latim mas do hebraico para a língua alemã, que era a língua do seu país.

- Somente dois sacramentos: Batismo e Eucaristia

Na doutrina luterana somente existem dois sacramentos: Batismo e Eucaristia (ceia) sendo que na eucaristia, os protestantes não acreditam na transubstanciação, isto é, a presença de Jesus Cristo no pão é somente um mistério de fé. A substância (pão e vinho) permanece a mesma, por isso a eucaristia é válida somente na celebração do mistério, não há a presença do Cristo vivo na espécie, assim como é a fé da Igreja Católica. A fé na transubstanciação é que alimenta a festividade de Corpus Christi, feriado nacional no Brasil.

Quanto aos outros sacramentos, a teologia protestante sustenta que não são canais eficazes de salvação por si só. São momentos fortes, celebrativos, na caminhada da Igreja mas não sacramentos de salvação.

- Centralização do culto na palavra

Para a liturgia protestante, o culto dominical deverá ter sua centralidade na Palavra de Deus. A Bíblia deverá ser o centro da liturgia e ocupar o centro do espaço celebrativo, o altar.

Na Idade Média, o mistério do sacramento da eucaristia tinha absorvido o ministério da palavra. A missa girava quase que exclusivamente em torno da Eucaristia na qual não havia participação do povo nos ritos e nas orações, até porque tudo era em latim e o sacerdote celebrava de costas virado para o povo, que era espectador de um ritual sem ser participante.

- Rejeição do celibato obrigatório

A Teologia protestante entende que o celibato não possui suficiente fundamentação bíblica. Surgiu na história, por circunstâncias históricas e tornou-se condição para o exercício sacerdotal. Como foi algo criado na história da Igreja, pode também ser abolido e essa foi a opção do protestantismo.

A Contra-reforma Católica - O Concílio de Trento

O Concílio de Trento aconteceu em Trento, na Itália, entre os anos 1545 a 1563 e foi convocado pelo papa Paulo III. Foi este Concílio que provocou na Igreja um novo modelo que é chamado de contra-reforma, ou seja, uma espécie de defesa católica em função da reforma protestante encabeçada por Martinho Lutero.

As implicações pastorais do Concílio de Trento foram muito fortes e abrangentes em toda a Igreja universal, tanto que mesmo hoje, guiados por outro Concílio (Vaticano II), temos uma forte característica do modelo chamado tridentino. E não poderia ser diferente, dado que grande parte do nosso clero, que ainda está em atividade pastoral, bem como religiosos, foram formados antes do Concílio Vaticano II, em conseqüência, com mentalidade tridentina. Os próprios leigos que assumem atividades pastorais das mais diversas, como a catequese, são leigos com mais de quarenta anos de idade, logo, esses também foram evangelizados num modelo de Igreja que não é o modelo que seguimos hoje.

- Decisões do Concílio de Trento

O Concílio de Trento foi radicalmente fechado às reformas propostas por Lutero, principalmente com respeito à Bíblia. A Igreja Católica afirmou em Trento que a os fundamentos da autoridade da doutrina cristã não são somente Sagrada Escritura como afirmou Lutero, mas também a tradição da Igreja, entendendo por Tradição, a doutrina dos santos padres da patrística, a autoridade do papa e dos bispos, os costumes herdados e instituídos na história da Igreja.

Enquanto os protestantes afirmavam: somente a Bíblia e somente a fé, os católicos diziam: a bíblia e a fé sim, mas~também as obras, os sacramentos, os santos e a tradição do magistério da Igreja. Enquanto os protestantes simplificaram a doutrina e a pastoral, o modelo de Trento, complexificou, mantendo os sete sacramentos, a liturgia centrada em ritos, uma forte veneração

pelos santos e pela virgem Maria e uma hierarquia com plenos poderes. A Igreja católica, em Trento, também afirmou a crença na transubstanciação, isto é, a presença de Cristo vivo na Eucaristia.

Por outro lado, um dos grandes ganhos de Trento, foi a correção de certos abusos que existiam na igreja institucional, principalmente no que se refere a moral, as indulgências e a venda de objetos sagradas. Os católicos tornaram-se mais rigorosos, mais observantes das leis, mais tementes a Deus e fiéis a hierarquia.

É a partir do Concílio de Trento que começam a surgir grandes seminários para a formação de clérigos e religiosos. As campanhas vocacionais eram intensas e os seminários acolhiam centenas de candidatos à vida sacerdotal e religiosa, e a Igreja rezava obrigatoriamente pelas vocações. Criou-se uma cultura em que toda a família católica deveria ser abençoada e santificada com uma vocação sacerdotal. Os novatos eram admitidos nos seminários ainda no Ensino Fundamental, cursando depois o Ensino Médio, a Filosofia e a Teologia, distantes da vida das comunidades e das famílias (distantes dos protestantes), onde aprendiam além das disciplinas específicas de cada área, o latim e noções de grego para entenderem melhor as sagradas escrituras e assim se equipararem aos protestantes que consideravam a Bíblia o fundamento da Teologia além de tê-la na língua do povo.

Em Trento, a Igreja católica manteve o celibato para os clérigos e religiosos e universalizou esta disciplina. Para ser sacerdote foi necessário os votos de castidade, pobreza e obediência. O sacramento da ordem passou a ser um sacramento de grande valor e cada ordenação sacerdotal era um acontecimento ímpar, quer na liturgia, quer na vida social.

O Concílio de Trento não acabou com a inquisição, porém a Igreja organizou melhor e acompanhou os tribunais, para combater as heresias e também a reforma que tomava vulto.

Isso tudo aconteceu numa época em que se deram as grandes "descobertas": América, Brasil, colonização de países africanos. As novas colônias emergentes sempre se afinavam religiosamente com o cristianismo do país colonizador. Assim, o Brasil, colonizado por Portugal, que se manteve fiel ao Vaticano, tornou-se um país predominantemente católico e isto vale para os países latino-americanos colonizados pela Espanha. Diferente disso, na África, e também os Estados Unidos da América, que foram colonizadas pela Inglaterra, tornaram-se predominantemente protestantes.

Uma nova prática eclesial

Na perspectiva pastoral, a Igreja católica, orientada pelas decisões pelo Concílio de Trento, se tornou uma Igreja fechada para as novidades da história. Uma igreja legalista (mandamentos da Igreja), católica romana (tinha que explicitar que era católico apostólico romano), sacramental no sentido de que os sacramentos eram instrumentos de salvação (mediação).

As igrejas (templos) eram construídas com arquitetura européia, com altares distantes da assembleia, altos e isolados, e púlpitos para a pregação, principalmente pregações contra heresias e contra os protestantes. As missas continuaram ser rezadas em latim, logicamente sem a participação do povo, de onde vem a expressão "assistir a missa" ou "ouvir a missa inteira".

A pastoral era uma pastoral de anúncio, não tanto do mistério pascal, mas da prática eclesial e sacramental. A moral cristã (moralismo) tomou-se explícita e normativa e os pecados foram vistos mais na perspectiva da moral do que na perspectiva social.

Trento também uniformizou a Igreja, isto é, universalmente as práticas eram idênticas, com os mesmos cânticos, a mesma liturgia, os mesmos modelos de templos, os mesmos horários, os mesmos discursos, que eram produzidos e estudados nos seminários onde os padres eram formados (forma). Foi assim que a Igreja se fortaleceu, tendo o papa como pastor universal, representante de Cristo na terra.

Os protestantes por sua vez, não mantiveram um centro de unidade (papa), o que facilitou grandes e muitas divisões no protestantismo mundial. Algumas divisões deram origem à seitas,

que também se dividiram, e cada instituição acabou cuidando de si mesma, como se o próprio Cristo tivesse se dividido.

IV

Memória: I Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano: Rio de Janeiro

A primeira Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano foi realizada no Rio de Janeiro (Brasil), em 1955. Os trabalhos se desenvolveram no Colégio Sacré Coeur, de 25 de julho a 4 de agosto.

A reunião eclesial fora convocada por iniciativa direta da Santa Sé. O organismo responsável por auxiliar o Vaticano na preparação do evento foi a CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil), que havia sido criada em 1952 e teve como seu primeiro secretário, nesse período, Dom Hélder Câmara.

O Papa Pio XII enviou uma carta para ser lida na abertura da Conferência e que foi tomada como horizonte de orientação dos trabalhos dos bispos. Em seu texto, intitulado *Ad Ecclesiam Christi*, Pio XII faz um elogio à América Latina, afirmando acreditar que “dentro em pouco”, o continente Latino-Americano “possa achar-se em condições de responder, com vigoroso impulso, à vocação apostólica que a Providência divina” parece ter-lhe “designado”. Vocação essa de ocupar “lugar de destaque na nobilíssima tarefa de comunicar também a outros povos, no futuro, os ansiados dons da salvação e da paz”. [1]

Participaram das sessões de trabalho no Colégio Sacré Coeur os cardeais latino-americanos, exceto os dois da Argentina, devido a impedimentos causados pelo regime peronista. Congregaram-se 37 arcebispos e 58 bispos, que representavam 66 arquidioceses, 218 dioceses, 33 prelazias, 43 vicariatos e 15 prefeituras apostólicas. No total, a Assembléia seria composta de representantes diretos de 23 países, 60 províncias, 350 circunscrições eclesiásticas e 150 milhões de católicos. [2]

Presidiu a Conferência como legado pontifício o cardeal Adeodato Giovanni Piazza, secretário da Sagrada Congregação Consistorial, auxiliado por Dom Antonio Samoré, secretário da Congregação para Assuntos Eclesiásticos Extraordinários.

A Conferência do Rio de Janeiro teve como objetivo central de seu trabalho “o problema fundamental que aflige nossas nações, a saber: a escassez de sacerdotes”. [3] “A Conferência estima que a necessidade mais premente da América Latina é o trabalho ardoroso, incansável e organizado em favor das vocações sacerdotais e religiosas, e faz portanto fervoroso chamado a todos, sacerdotes, religiosos e fiéis, para que colaborem generosamente numa ativa e perseverante campanha vocacional”. [4]

Os bispos clamam a que todo o povo fiel tome consciência sobre a gravidade do problema e pedem que se empreguem as armas da oração e do apostolado para enfrentá-lo. O ardente desejo da Conferência é que a obra de vocações sacerdotais seja considerada, em todas as dioceses, como obra fundamental, insubstituível, que deve preocupar a todos, e que merece uma atenção carinhosa e efetiva ajuda de todos. [5] Outra preocupação assinalada pelos bispos foi a da instrução religiosa. Em consequência da escassez de sacerdotes, os conferencistas afirmam que falta aos povos latino-americanos a

devida instrução, o que faz com que o tesouro da fé católica se veja ameaçado por numerosos inimigos, que tentam arrebatá-lo a melhor herança da América Latina.

Os bispos apontaram também na Conferência do Rio de Janeiro “a deplorável condição de vida material” em que vive a grande maioria dos povos latino-americanos, condição essa que “põe em perigo o bem-estar geral das nações e seu progresso, e repercute forçosa e inevitavelmente na vida espiritual dessa numerosa população”. “Não obstante a multidão de bens que a Providência tem depositado” na América Latina, “nem todos desfrutam efetivamente de tão rico tesouro”. [6]

Os conferencistas destacaram ainda atenção aos temas do intenso processo de industrialização, da colaboração dos leigos, da população indígena, das Missões, da imigração e do apostolado do mar.

No final da Conferência, os bispos pediram a Pio XII a criação de um organismo que congregasse os episcopados de cada nação e unisse forças da Igreja na América Latina. Esse pedido recebeu aprovação pontifícia no dia 2 de novembro de 1955, quando se erigia oficialmente o CELAM (Conselho Episcopal Latino-Americano), que teria sua sede em Bogotá (Colômbia). Com o apoio e decidida animação do CELAM, entre os anos de 1956 a 1959 foi criada a maioria das Conferências Episcopais de cada país latino-americano.

[1] Josep-Ignasi SARANYANA. “Cem anos de teologia na América Latina (1899-2001)”, em Coleção Quinta Conferência – História. São Paulo: Paulus/Paulinas, 2005, p. 53.

[2] Ibid., p. 55.

[3] Conselho Episcopal Latino-Americano. Documentos do CELAM: Conclusões das Conferências do Rio de Janeiro, Medellín, Puebla e Santo Domingo. São Paulo: Paulus, 2005, p. 20.

4] Ibid., p. 20.

[5] Aloísio Cardeal LORSCHIEDER. A caminho da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e Caribenho: Retrospectiva histórica. Aparecida: Santuário, 2006, p. 9.

[6] Conclusões do Rio de Janeiro, op. cit., p. 24.

CONCÍLIO VATICANO II

O Concílio Vaticano II (CVII), XXI Concílio Ecumênico da Igreja católica, foi aberto sob o papado de João XXIII no dia 11 de outubro de 1962 e terminado sob o papado de Paulo VI em 8 de dezembro de 1965. Nestes três anos, com grande abertura intelectual se discutiu e regulamentou temas pertinentes à Igreja católica, sempre visando a um melhor entendimento de Cristo junto à realidade vigente do homem moderno. Este melhor entendimento de Cristo, foi e é a verdadeira hermenêutica do CVII. Hermenêutica que nos dá o verdadeiro espírito do CVII e todos os concílios ecumênicos da Igreja católica. Na homilia de abertura do CVII aos padres conciliares, o Papa da época expõe sua intenção: “Procuremos apresentar aos homens de nosso tempo, íntegra e pura, a verdade de Deus de tal maneira que eles a possam compreender e a ela espontaneamente assentir. Pois somos Pastores...” (João XXIII, 1962)[1]

O resultado desta procura pela verdade de Deus é sempre um melhor entendimento não só de Deus, mas também de todas as coisas do mundo. Um melhor entendimento, porém, não necessariamente implica em uma negação do que já se sabia. Assim, o CVII com seus resultados não marcou uma ruptura com o passado negando o que já se sabia, muito menos um afastamento das coisas presentes. Mas antes, João Paulo II, o grande, claramente ensina que “... graças ao sopro do Espírito Santo, o Concílio lançou as bases de uma nova primavera da Igreja. Ele não marcou a ruptura com o passado, mas soube valorizar o patrimônio da inteira tradição eclesial, para orientar os fiéis na resposta aos desafios da nossa época.” (JOÃO PAULO II, 1995) [2]

CONSTITUIÇÕES

Dei Verbum, a constituição dogmática A Revelação Divina, é um dos principais documentos do Concílio Vaticano II. É designada 'constituição dogmática' por conter e tratar 'matéria de fé'. De facto, o seu conteúdo aborda o delicado e complexo problema da relação entre Escritura e Tradição. A nível da Igreja católica pode dizer-se que, a partir deste documento conciliar, como que se abriu para a multidão dos fiéis o oceano da bíblia, se colocou nas mãos dos crentes a inesgotável fonte que é a Bíblia, a Palavra de Deus. Os padres conciliares pretenderam, com este documento, que "a leitura e estudo dos livros sagrados, «a palavra de Deus» se difunda e resplandeça (2Tess 3,1), e o tesouro da revelação confiado à Igreja encha cada vez mais os corações dos homens." (DV 26). A 18 de Novembro de 1965, na 8ª sessão pública do Concílio, o texto final foi votado com o seguinte resultado: 2350 votantes; 2344 placet; 6 non placet. Foi promulgada solenemente pelo papa Paulo VI nesse mesmo dia.

A **Lumen Gentium**, Luz dos Povos, é um dos mais importantes textos do Concílio Vaticano II. O texto desta Constituição dogmática foi demoradamente discutido durante a segunda sessão do Concílio. O seu tema é a Igreja, enquanto instituição. Foi objecto de muitas modificações e emendas, como, aliás, todos os documentos aprovados. Inicialmente surgiram, para o texto base, cerca de 4.000 emendas!

Depois de devidamente consideradas as modificações propostas, o texto definitivo foi sujeito globalmente à votação no dia 19 de Novembro: 2145 votantes; 2134 placet; 10 non placet; 1 nulo. No dia 21 de Novembro de 1964, a última votação teve o seguinte resultado: 2151 placet e 5 non placet, após o que o papa Paulo VI promulgou solenemente a Constituição.

Sacrosanctum Concilium, a Constituição A Sagrada Liturgia, foi o primeiro documento aprovado pelo Concílio Vaticano II. Não foi objecto de muita controvérsia pois a adaptação da liturgia já era frequente em muitíssimas comunidades eclesiais. Poder-se-á mesmo dizer que esta constituição foi o primeiro fruto do concílio por já estar, em boa parte, a ser levada à prática antes de ter sido discutida e aprovada. O que não significa que o documento de base tenha passado facilmente entre os padres conciliares. A sua votação e aprovação final teve o seguinte resultado: 2151 votantes; 2147 placet; 4 non placet. Foi promulgada pelo papa Paulo VI no dia 4 de Dezembro de 1963, final da segunda sessão conciliar.

A Igreja no mundo actual (**Gaudium et Spes**), constituição pastoral, é a 4ª das Constituições do Concílio do Vaticano II. Trata fundamentalmente das relações entre a igreja e o mundo onde ela está e actua.

Inicialmente ela constituía o famoso "esquema 13", assim chamado por ser esse o lugar que ocupava na lista dos documentos estabelecida em 1964. Sofreu várias redações e muitas emendas, acabando por ser votada apenas na quarta e última sessão do Concílio. A última votação teve os seguintes resultados: 2309 placet; 75 non placet; 10 nulos. O papa Paulo VI, no dia 7 de Dezembro de 1965, na 9ª sessão solene, promulgou esta Constituição.

Formada embora por duas partes, constitui um todo unitário. A primeira parte é mais doutrinária e a segunda é fundamentalmente pastoral.

Trata-se de um documento muitíssimo importante, pois significou e marcou uma viragem da igreja católica "de dentro" (debruçada sobre si mesma), "para fora" (voltando-se para as realidades económicas, políticas e sociais das pessoas no seu contexto) e constituiu um passo importante na fixação da Doutrina Social da Igreja.

DECLARAÇÕES

**Dignitatis Humanæ
Gravissimum Educationis
Nostra Aetate**

DECRETOS

**Ad Gentes
Presbyterorum Ordinis
Apostolicam Actuositatem
Optatam Totius
Perfectae Caritatis
Christus Dominus
Unitatis Redintegratio
Orientalium Ecclesiarum
Inter Mirifica**

**Memória: Conferência de MEDELLIN (1968)
II Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano – Medellín (1968)**

A segunda Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano foi realizada em Medellín (Colômbia), em 1968.

Durante os três anos de duração do Concílio Vaticano II (1962-1965), os padres conciliares latino-americanos mantiveram várias reuniões do CELAM em Roma. Ali brotou a idéia de propor ao Santo Padre a realização da segunda Conferência Geral.

Em 1966 a presidência do CELAM apresentou a Paulo VI a proposta da nova Conferência. O pontífice a acolheu com satisfação e a convocou para se realizar em Medellín, de 26 de agosto a 6 de setembro de 1968.

Sob o tema “A Igreja na atual transformação da América Latina à luz do Concílio”, Medellín apresentou-se como uma releitura do Vaticano II para a Igreja na América Latina.

A Conferência foi inaugurada por Paulo VI na catedral de Bogotá, no dia 24 de agosto, por ocasião do XXXIX Congresso Eucarístico Internacional. Dela participaram 86 bispos, 45 arcebispos, 6 cardeais, 70 sacerdotes e religiosos, 6 religiosas, 19 leigos e 9 observadores não católicos, presididos pelo cardeal Antonio Samoré, presidente da Comissão Pontifícia para a América Latina, e por Dom Avelar Brandão Vilela, arcebispo de Teresina (Brasil) e presidente do CELAM. No total, participaram 137 bispos com direito a voto e 112 delegados e observadores. [7]

Em seu discurso inaugural, pronunciado no dia 24 de agosto em Bogotá, Paulo VI sublinhou a secularização, que ignorava a referência essencial à verdade religiosa, e a oposição – pretendida por alguns – entre a Igreja chamada institucional e a Igreja denominada carismática. O pontífice também evidenciou sua preocupação com os problemas doutrinários que se percebiam no imediato pós-concílio. Insistiu em promover a justiça e a paz, alertando diante da tática do marxismo ateu de provocar a violência e a rebelião sistemática, e de gerar o ódio como instrumento para alcançar a dialética de classes. [8]

Três foram os grandes temas de Medellín: Promoção humana; Evangelização e crescimento na fé; Igreja visível e suas estruturas. Foram produzidos 16 documentos, no horizonte dos três grandes temas citados: I – Justiça, Paz, Família, Demografia, Educação, Juventude. II – Pastoral popular, Pastoral de elites, Catequese, Liturgia. III – Movimentos de Leigos, Sacerdotes,

Religiosos, Formação do Clero, Pobreza da Igreja, Pastoral de Conjunto, Meios de Comunicação.

Ganharam grande repercussão os documentos sobre a Justiça, a Paz e a Pobreza da Igreja. Diante da relevância e impacto desses documentos, elementos característicos de Medellín foram as reflexões sobre pobreza e libertação.

“O Episcopado Latino-Americano não pode ficar indiferente ante as tremendas injustiças sociais existentes na América Latina, que mantêm a maioria de nossos povos numa dolorosa pobreza, que em muitos casos chega a ser miséria humana.” [9]

“(…) para nossa verdadeira libertação, todos os homens necessitam de profunda conversão para que chegue a nós o “Reino de justiça, de amor e de paz”. A origem de todo desprezo ao homem, de toda injustiça, deve ser procurada no desequilíbrio interior da liberdade humana, que necessita sempre, na história, de um permanente esforço de retificação. A originalidade da mensagem cristã não consiste tanto na afirmação da necessidade de uma mudança de estruturas, quanto na insistência que devemos pôr na conversão do homem. Não teremos um continente novo sem novas e renovadas estruturas, mas sobretudo não haverá continente novo sem homens novos, que à luz do Evangelho saibam ser verdadeiramente livres e responsáveis.” [10]

Sobre a concepção cristã da paz, os bispos apontam três características: a paz, primeiramente, é obra da justiça, pois “supõe e exige a instauração de uma ordem justa na qual todos os homens possam realizar-se como homens, onde sua dignidade seja respeitada, suas legítimas aspirações satisfeitas, seu acesso à verdade reconhecido e sua liberdade pessoal garantida”. [11]

Em segundo lugar, a paz é uma tarefa permanente, pois “a paz não se acha, há que construí-la”, e o “cristão é um artesão da paz”. [12] Em terceiro lugar, a paz é fruto do amor, ou seja, “expressão de uma real fraternidade entre os homens”, fraternidade essa “trazida por Cristo, príncipe da paz, ao reconciliar todos os homens com o Pai”. [13]

Diante do quadro de injustiça e pobreza, os bispos afirmam que a missão pastoral da Igreja “é essencialmente serviço de inspiração e de educação das consciências dos fiéis, para ajudá-los a perceberem as exigências e responsabilidades de sua fé, em sua vida pessoal e social”. [14]

Já na Introdução das Conclusões de Medellín os bispos afirmam que “a Igreja latino-americana, reunida na II Conferência Geral de seu Episcopado, situou no centro de sua atenção o homem desde continente, que vive em um momento decisivo de seu processo histórico”. [15]

“Nessa transformação, por trás da qual se anuncia o desejo de passar do conjunto de condições menos humanas para a totalidade de condições plenamente humanas e de integrar toda a escala de valores temporais na visão global da fé cristã, tomamos consciência da vocação original” da América Latina: “a vocação de unir em uma síntese nova e genial o antigo e o moderno, o espiritual e o temporal, o que outros nos legaram e nossa própria originalidade.” [16]

[7] Josep-Ignasi SARANYANA, op. cit., p. 82.

[8] Ibid., p. 82.

[9] Conclusões de Medellín, op. cit., p. 199.

[10] Ibid., p. 79.

[11] Ibid., p. 96.

[12] Ibid., p. 97.

[13] Ibid., p. 97.

[14] Ibid., p. 81.

[15] Ibid., p. 73.

[16] Ibid., p. 76.

Memória: Conferência de Puebla (1979)

III Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano – Puebla (1979)

A terceira Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano foi realizada em Puebla de los Angeles (México), em 1979. No fim de 1976, no transcurso da XVI Assembléia do CELAM, celebrada em San Juan de Puerto Rico, o cardeal Sebastião Baggio, então prefeito da Congregação para os Bispos e presidente da Pontifícia Comissão para a América Latina, anunciou que Paulo VI tinha a intenção de convocar a III Conferência Geral.

Os bispos acolheram com entusiasmo a notícia e iniciaram os trabalhos preparatórios ao evento eclesial. Paulo VI apontou como documento de referência a exortação apostólica *Evangelii Nuntiandi*, de 1975, na qual o pontífice analisava o que é evangelizar, qual é o conteúdo da evangelização, quem são os destinatários da evangelização, quem são seus agentes e que espírito deve presidi-la.

Paulo VI convocou oficialmente a III Conferência no dia 12 de dezembro de 1977, sob o tema “Evangelização no presente e no futuro da América Latina”. O pontífice assinalou que ela seria celebrada de 12 a 18 de outubro de 1978, mas o seu falecimento e o breve pontificado de João Paulo I fizeram com que a Conferência fosse adiada, até ter lugar de 28 de janeiro a 13 de fevereiro de 1979. Participaram 356 delegados, sendo previstos inicialmente 249, 221 dos quais eram bispos. [17]

A presidência da Conferência de Puebla esteve a cargo do cardeal Sebastião Baggio, prefeito da Congregação para os Bispos e presidente da Comissão Pontifícia para a América Latina; do cardeal Aloísio Lorscheider, arcebispo de Fortaleza (Brasil), presidente da CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil) e presidente do CELAM; e de Dom Alfonso López Trujillo, arcebispo coadjutor de Medellín (Colômbia) e secretário-geral do CELAM. João Paulo II inaugurou a III Conferência pessoalmente, com um discurso lido no Seminário Palafoxiano de Puebla. Essa foi a primeira viagem do Papa polonês à América e despertou o interesse de multidões. Seu discurso inaugural ditaria a marcha dos trabalhos da reunião eclesial.

O Papa assinalou em seu discurso que os bispos deveriam tomar como ponto de partida desta nova Conferência as conclusões de Medellín, “com tudo o que têm de positivo, mas sem ignorar as incorretas interpretações por vezes feitas e que exigem sereno discernimento, oportuna crítica e claras tomadas de posição”. [18] Reafirmou a indicação de que os bispos tomassem como pano de fundo da Conferência a *Evangelii Nuntiandi*.

João Paulo II afirmou que era “um grande consolo para o pastor universal constatar que vos congregais aqui não como um simpósio de peritos, não como um parlamento de políticos, não como um congresso de cientistas ou técnicos, por mais importantes que possam ser estas reuniões, mas como um fraterno encontro de pastores”. [19]

“Vigiar pela pureza da doutrina --indicava o Papa Wojtyła--, base da edificação da comunidade cristã, é, pois, junto com o anúncio do Evangelho, dever primeiro e insubstituível do pastor, do mestre da fé.”

O pontífice insistiu firmemente na transmissão da verdade sobre Jesus Cristo, no anúncio do nome, da vida, das promessas, do reino, do mistério de Jesus de Nazaré, “pois do conhecimento vivo desta verdade dependerá o vigor da fé de milhões de homens”.

Fez um chamado à fidelidade à Igreja, a uma antropologia fundamentada no Evangelho, ao serviço à unidade, à defesa da dignidade humana, ao cuidado da família, das vocações sacerdotais e religiosas e da juventude.

Puebla teve como preocupação básica: o que é evangelizar, hoje e amanhã, na América Latina? A missão fundamental da Igreja é evangelizar, hoje, aqui, de olhos abertos para o futuro. [20]

Em sua Mensagem aos Povos da América Latina, os bispos delegados afirmavam que uma das primeiras perguntas que surgiram na reunião eclesial foi: “Vivemos de fato o Evangelho de Cristo em nosso continente?” Apesar de reconhecer a existência de “grande heroísmo oculto” e

“muita santidade silenciosa, confessavam que “o cristianismo, que traz consigo a originalidade do amor, nem sempre é praticado em sua integridade nem mesmo por nós cristãos”. [21]

Clamam então à conversão e à instauração de uma civilização do amor inspirada por Jesus Cristo, pois “o amor cristão ultrapassa as categorias de todos os regimes e sistemas, porque traz consigo a força insuperável do Mistério Pascal, o valor do sofrimento da cruz e as marcas da vitória e da ressurreição”. [22]

O documento conclusivo da Conferência de Puebla tem cinco partes, cujos títulos são: I Visão pastoral da realidade latino-americana; II Desígnio de Deus sobre a realidade da América Latina; III A evangelização na Igreja da América Latina: comunhão e participação; IV Igreja missionária a serviço da evangelização na América Latina; V Sob o dinamismo do Espírito: opções pastorais.

A primeira parte abre com uma visão da realidade latino-americana, que inicia com um olhar pelos cinco séculos da evangelização da Igreja. “Nosso radical substrato católico, com suas formas vitais de religiosidade, foi estabelecido e dinamizado por uma imensa legião missionária de bispos, religiosos e leigos.” [23]

Os bispos atentam para o fenômeno da desigualdade e da injustiça na América Latina, que gera uma situação de “pobreza desumana em que vivem milhões de latino-americanos”, fato visto como “escândalo e contradição com o ser cristão”. [24]

Aos imensos desafios à evangelização, que busca promover o encontro com Cristo para transformar um contexto de marginalização, desrespeito aos direitos humanos, subversão dos valores culturais, desagregação familiar e dos demais valores cristãos, os bispos pedem que se veja o rosto concreto do povo peregrino que sofre.

As feições das crianças, “golpeadas pela pobreza ainda antes de nascer”; dos jovens “desorientados por não encontrarem seu lugar na sociedade”; dos indígenas e afro-americanos “segregados”; dos camponeses, submetidos à exploração; dos operários, “que têm dificuldades em defender os próprios direitos”; dos desempregados; dos marginalizados e amontoados nas grandes cidades; dos anciãos, “postos à margem” por uma sociedade “que prescindiu das pessoas que não produzem”. [25]

A segunda parte das conclusões apresenta o conteúdo da evangelização e o que é evangelizar. “Propomos agora anunciar as verdades centrais da evangelização: Cristo, nossa esperança”; a Igreja, “mistério de comunhão, povo de Deus a serviço dos homens”; o homem, “por sua dignidade imagem de Deus”.

Os bispos enfatizam que “a evangelização dá a conhecer Jesus como o Senhor que nos revela o Pai e nos comunica seu Espírito. Ela chama-nos à conversão que é reconciliação e vida nova, leva-nos à comunhão com o Pai que nos torna filhos e irmãos. Faz brotar, pela caridade derramada em nossos corações, frutos de justiça, perdão, respeito, dignidade e paz no mundo”. [26]

A terceira parte das conclusões de Puebla refere-se à evangelização da América Latina, por meio da comunhão e participação. Aborda a situação da família latino-americana, das paróquias e pequenas comunidades, do ministério hierárquico, da vida consagrada, dos leigos, da pastoral vocacional.

Os bispos apresentam a oração particular e a piedade popular, “presentes na alma de nosso povo”, como valores de evangelização. Apontam a liturgia como o “momento privilegiado de comunhão e participação para uma evangelização que conduz à libertação cristã integral, autêntica”. [27] Destacam o testemunho como “primeira opção pastoral”; a catequese, que permite “formar homens pessoalmente comprometidos com Cristo”. Citam ainda a educação e os meios de comunicação social como instrumentos imprescindíveis de promoção humana e auxílio à instauração do Reino de Deus.

Na quarta parte das conclusões de Puebla, que aborda o tema da Igreja missionária a serviço da evangelização, os bispos afirmam que “os pobres e os jovens constituem a riqueza e a esperança da Igreja na América Latina, e sua evangelização é, por conseguinte, prioritária”. [28]

A opção preferencial pelos pobres apontada por Puebla, na trilha de Medellín, “exigida pela escandalosa realidade dos desequilíbrios econômicos da América Latina, deve levar a estabelecer uma convivência humana digna e a construir uma sociedade justa e livre”. [29]

Ao mesmo tempo em que clamam a uma “necessária mudança das estruturas sociais, políticas e econômicas injustas”, os bispos em Puebla reafirmam que esta “não será verdadeira e plena, se não for acompanhada pela mudança de mentalidade pessoal e coletiva com respeito a um ideal duma vida humana digna e feliz, que por sua vez dispõe à conversão”. [30]

Já a opção preferencial pelos jovens implica apresentar a eles “o Cristo vivo, como único Salvador, para que, evangelizados, evangelizem e contribuam, como em resposta de amor a Cristo, para a libertação integral do homem e da sociedade, levando uma vida de comunhão e participação”. [31]

“A juventude não se pode considerar em abstrato, nem é um grupo isolado no corpo social. Por isso, ela requer pastoral articulada que permita comunicação efetiva entre os diversos períodos da juventude e continuidade de formação e compromisso depois, na idade adulta.” [32]

A quinta parte das conclusões de Puebla enfatiza a vertente sobrenatural da ação da Igreja, ou seja, que é a força de Deus que impele para a plenitude a sua Igreja. Nessa trilha, apresenta opções pastorais relacionadas em muitos aspectos com a promoção humana.

Os bispos afirmam optar por uma “Igreja-sacramento de comunhão”, que “oferece energias incomparáveis para promover a reconciliação e a unidade solidária dos nossos povos”; uma “Igreja servidora”, “que prolonga no decorrer dos tempos o Cristo-Servo de Javé através dos diversos ministérios e carismas”; uma “Igreja missionária”, “que anuncia alegremente ao homem de hoje que ele é filho de Deus em Cristo”. [33]

[17] Josep-Ignasi SARANYANA, op. cit., p. 118.

[18] S. S. João Paulo II. “Discurso inaugural à III Conferência”, op. cit., p. 230.

[19] Ibid., p. 231.

[20] Aloísio Cardeal LORSCHEIDER, op. cit., p. 21.

[21] Conclusões de Puebla, op. cit., p. 283.

[22] Ibid., p. 288.

[23] Ibid., p. 293.

[24] Ibid., p. 299.

[25] Ibid., p. 300, 301.

[26] Ibid., p. 379. [27] Ibid., p. 502.

[28] Ibid., p. 546.

[29] Ibid., p. 551.

[30] Ibid., p. 552.

[31] Ibid., p. 554.

[32] Ibid., p. 562.

[33] Ibid., p. 582.

Memória: Conferência de Santo Domingo (1992)

IV Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano – Santo Domingo (1992)

A quarta Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano foi realizada em Santo Domingo (República Dominicana), em 1992. João Paulo II a convocou oficialmente no dia 12 de dezembro de 1990, estabelecendo como tema “Nova evangelização, Promoção humana, Cultura

cristã”, sob o lema “Jesus Cristo ontem, hoje e sempre” (Hb 13,8). O CELAM fora o encarregado de preparar a Conferência, tendo divulgado o Documento de Consulta em 1991. Este, após as contribuições das Igrejas locais, transformou no Documento de Trabalho, base das discussões dos bispos e convidados.

A Conferência de Santo Domingo foi celebrada de 12 a 28 de outubro de 1992. Marcava-se no contexto da celebração dos 500 anos do início da evangelização no Novo Mundo. Ela teria três objetivos: celebrar Jesus Cristo, ou seja, a fé e a mensagem do Senhor crucificado e ressuscitado; prosseguir e aprofundar as orientações de Medellín e Puebla; definir uma nova estratégia de evangelização para os próximos anos, respondendo aos desafios do tempo. Entre bispos, peritos e convidados participaram cerca de 350 pessoas. Destas, 234 eram bispos com direito a voto. [34]

A América Latina passara por diferentes mudanças desde 1979. Havia-se alterado a situação política das repúblicas latino-americanas, passando de ditaduras de distinto matiz a regimes políticos mais ou menos democráticos. Constatara-se a derrocada do “socialismo real” e afirmava-se o neoliberalismo de cunho anglo-saxão. A violência do narcotráfico se estendia, em convivência com algumas guerrilhas. Nos anos 80 se acentuara a urbanização, evidenciando a miséria de grandes parcelas de população aglomeradas nas grandes cidades. [35]

Na Mensagem que os Bispos da IV Conferência dirigiram aos povos da América Latina, diz-se expressamente que a Nova Evangelização foi a idéia central de todo o trabalho da Conferência. Todos os fiéis, especialmente os leigos e os jovens, são convocados para a Nova Evangelização.

A IV Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano quis traçar linhas fundamentais de um novo impulso evangelizador, que ponha Cristo no coração e nos lábios, na ação e na vida de todos os latino-americanos.” [36]

Em seu discurso inaugural, João Paulo II enfatizava que o chamado à nova evangelização é antes de tudo um chamado à conversão. “De fato, mediante o testemunho de uma Igreja cada vez mais fiel à sua identidade e mais viva em todas as suas manifestações, os homens e os povos poderão continuar a encontrar Jesus Cristo e, n’Ele, a verdade da sua vocação e da sua esperança, o caminho em direção à humanidade melhor.” [38]

Esta é a “nossa tarefa” – afirmava o Papa – “fazer que a verdade sobre Cristo e a verdade sobre o homem penetrem ainda mais profundamente em todos os segmentos da sociedade e a transformem”. [39]

João Paulo II explicava que “a nova evangelização não consiste num ‘novo evangelho’, que surgiria sempre de nós mesmos, da nossa cultura ou da nossa análise, sobre as necessidades do homem. Por isso, não seria ‘evangelho’, mas pura invenção humana, e a salvação não se encontraria nele”. [40]

“O Evangelho há de ser proclamado em total fidelidade e pureza, assim como foi conservado e transmitido pela Tradição da Igreja. Evangelizar é anunciar uma pessoa, que é Cristo”, afirmava o Papa Wojtyla. [41]

O Papa pedia uma especial atenção à catequese e à liturgia. Apontava como desafios o secularismo e o avanço das seitas. Pedia ainda um olhar especial ao clamor dos pobres, à família, à defesa da vida, às culturas indígenas e afro-americanas, aos meios de comunicação e à religiosidade popular. Destacava o “desafio formidável” da contínua inculturação do Evangelho. A primeira parte das conclusões de Santo Domingo intitula-se “Jesus Cristo, Evangelho do Pai”. Abre com uma bela e profunda profissão de fé. Em seguida há um breve panorama dos 500 anos da primeira evangelização da América Latina.

A segunda parte, a mais longa das conclusões, redige-se sob o título “Jesus Cristo, Evangelizador Vivo em Sua Igreja”. Apresenta elementos que serviriam de base para concretizar a estratégia evangelizadora para os próximos anos.

Ao explicitar o termo “Nova Evangelização”, os bispos afirmam que se chama “Nova” em comparação àquela que fora uma primeira evangelização da América Latina, realizada nos últimos 500 anos.

“É o conjunto de meios, ações e atitudes aptos para pôr o Evangelho em diálogo ativo com a modernidade e o pós-moderno, seja para interpretá-los, seja para deixar-se interpelar por eles. Também é o esforço por inculturar o Evangelho na situação atual das culturas de nosso Continente.” [42]

Os bispos recordam primeiramente que a Igreja é comunidade santa, pela presença nela do Cordeiro que a santifica por seu Espírito, convocada pela Palavra a pregar o Evangelho. A Igreja santa, com seu ministério profético, encontra o sentido último de sua convocação na vida de oração, louvor e ação de graças que o céu e a terra dirigem a Deus, razão pela qual a liturgia é cume ao qual tende toda a sua atividade. [43]

No desafio de implementar a Nova Evangelização, Santo Domingo enfatiza que a religiosidade popular é expressão privilegiada da inculturação da fé. “Não se trata só de expressões religiosas, mas também de valores, critérios, condutas e atitudes que nascem do dogma católico e constituem a sabedoria de nosso povo, formando-lhe a matriz cultural”. [44]

Ao delinear o rosto de uma Igreja particular “viva e dinâmica”, os bispos afirmam que é indispensável “promover o aumento e a adequada formação dos agentes para os diversos campos da ação pastoral” e “impulsionar processos globais, orgânicos e planejados que facilitem e promovam a integração de todos os membros do povo de Deus, das comunidades e dos diversos carismas, e os oriente à Nova Evangelização, inclusive a missão ad gentes”. [45]

Os bispos alentam ainda a fazer da pastoral familiar “prioridade básica, sentida, real e atuante”; traçam linhas pastorais para a promoção do sentido de unidade da Igreja, o cuidado da formação permanente de bispos, presbíteros, religiosos, o trabalho vocacional e a vida nos seminários, o ministério dos leigos. “Um laicato, bem estruturado com formação permanente, maduro e comprometido, é o sinal de Igrejas particulares que têm tomado muito a sério o compromisso da Nova Evangelização.” [46]

Ao recordar o compromisso missionário da Igreja latino-americana, Santo Domingo afirma que há carência de explícito programa de formação missionária na maioria dos seminários e casas de formação. Diante disso, pede às Igrejas particulares que se “introduza em sua pastoral ordinária a animação missionária, apoiada num centro missionário diocesano”. [47]

Ainda no contexto do anúncio do Reino a todos os povos, a IV Conferência afirma que o problema das seitas “adquiriu proporções dramáticas”. Assim, é preciso tornar “mais presente a ação evangelizadora da Igreja nos setores mais vulneráveis, como migrantes, populações sem atenção sacerdotal e com grande ignorância religiosa, pessoas simples ou com problemas materiais e familiares”. [48]

No capítulo dedicado à Promoção Humana, os bispos delegados da IV Conferência afirmam que “a falta de coerência entre a fé que se professa e a vida cotidiana é uma das várias causas que geram pobreza em nossos países”. [49]

Portanto, “a promoção deve levar o homem e a mulher a passar de condições menos humanas para condições cada vez mais humanas, até chegar ao pleno conhecimento de Jesus Cristo”. [50]

Os bispos denunciam as violações aos direitos humanos pelo terrorismo, repressão, assassinios, pela “existência de condições de extrema pobreza e de estruturas econômicas injustas que originam grandes desigualdades”. Fazem especial denúncia “às violências contra os direitos das crianças, da mulher e dos grupos mais pobres da sociedade”. [51]

Nesse sentido, pedem uma promoção mais eficaz e corajosa dos direitos humanos, comprometida na defesa dos direitos individuais e sociais do homem. Os bispos afirmam também a necessidade de comprometer-se com a defesa da vida desde o primeiro momento da concepção até seu último alento. Pedem ainda a promoção da reconciliação e da justiça.

Ao falar de promoção humana, Santo Domingo apresenta ainda linhas pastorais para os temas da ecologia, da terra, do empobrecimento, “o mais devastador e humilhante flagelo que vive a América Latina e Caribe” [52], o tema do trabalho, da mobilidade humana, da ordem democrática, da nova ordem econômica, e da integração latino-americana. Para atuar junto a esses desafios é necessário “robustecer o conhecimento, difusão e prática da Doutrina Social da Igreja nos distintos ambientes”. [53]

No capítulo dedicado à Cultura Cristã, os bispos delegados afirmam que “podemos falar de uma cultura cristã quando o sentir comum da vida de um povo tem sido penetrado interiormente, ‘até situar a mensagem evangélica na base de seu pensamento, nos seus princípios fundamentais de vida, nos seus critérios de juízo, nas suas normas de ação’ e dali ‘projeta-se o ethos de um povo... nas suas instituições e em todas as estruturas’”. [54]

Segundo os bispos, “a inculturação do Evangelho é um processo que supõe reconhecimento dos valores evangélicos que se têm mantido mais ou menos puros na atual cultura; e o reconhecimento de novos valores que coincidem com a mensagem de Cristo”. [55]

“Uma meta da Evangelização inculturada será sempre a salvação e libertação integral de determinado povo ou grupo humano, que fortaleça sua identidade e confie em seu futuro específico, contrapondo-se aos poderes da morte, adotando a perspectiva de Jesus Cristo encarnado, que salvou a vida de todos partindo da fraqueza, da pobreza e da cruz redentora.” [56]

Santo Domingo cita entre os desafios a serem enfrentados pela inculturação do Evangelho a corrupção, a má distribuição de renda, as campanhas anti-natalistas, a deterioração da dignidade humana, o desrespeito à moral natural. Como linhas pastorais, incentiva trabalhar na formação cristã das consciências, zelar para que os meios de comunicação não manipulem nem sejam manipulados, a apresentar a vida moral como seguimento de Cristo, favorecer a formação permanente de clero e laicato, acompanhar pastoralmente os construtores da sociedade. Os bispos pedem ainda ações pastorais junto aos indígenas e aos afro-americanos. Como desafios à Nova Evangelização, os bispos apresentam ainda a “ruptura entre fé e cultura, conseqüência do fechamento do homem moderno à transcendência, e da excessiva especialização que impede a visão de conjunto”. [57]

A terceira parte do texto conclusivo da Conferência de Santo Domingo apresenta-se sob o título “Jesus Cristo, vida e esperança da América Latina. Ali se descrevem as linhas pastorais prioritárias estabelecidas pela IV Conferência. Os bispos comprometem-se em trabalhar em uma Nova Evangelização dos povos latino-americanos, à qual todos estão chamados, com ênfase na Pastoral Vocacional, com especial protagonismo dos leigos, mediante a educação contínua da fé e sua celebração, mediante a catequese e a liturgia, fortalecendo uma América Latina missionária para além de suas fronteiras.

Os bispos comprometem-se a lutar por uma promoção integral do povo latino-americano e caribenho a partir de uma evangélica e renovada opção preferencial pelos pobres, a serviço da vida e da família; uma evangelização inculturada que penetre os ambientes marcados pela cultura urbana, que se encarne nas culturas indígenas e afro-americanas, com eficaz ação educativa e moderna comunicação. [58]

[34] Josep-Ignasi SARANYANA, op. cit., p. 147.

[35] Ibid., p. 148.

[36] Cardeal Aloísio LORSCHIEDER, op. cit., p. 42.

[37] Conclusões de Santo Domingo, op. cit., p. 620.

[38] S. S. João Paulo II. “Discurso inaugural à IV Conferência”, op. cit., p. 588.

[39] Ibid., p. 592.

[40] Ibid., p. 593.

[41] Ibid., p. 594.

[42] Conclusões de Santo Domingo, op. cit., p. 648.

- [43] Ibid., p. 654.
- [44] Ibid., p. 655.
- [45] Ibid., p. 663.
- [46] Ibid., p. 683.
- [47] Ibid., p. 693.
- [48] Ibid., p. 699.
- [49] Ibid., p. 707.
- [50] Ibid., p. 708.
- [51] Ibid., p. 709.
- [52] Ibid., p. 716.
- [53] Ibid., p. 725.
- [54] Ibid., p. 737.
- [55] Ibid., p. 738.
- [56] Ibid., p. 744.
- [57] Ibid., p. 748.
- [58] Ibid., p. 765, 766

V CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO DA AMÉRICA LATINA E DO CARIBE

Resumo do Documento Final

Aparecida, 30/5/2007

1. Os bispos, reunidos na V Conferencia Geral do Episcopado da América Latina e do Caribe, querem impulsionar, com o acontecimento celebrado junto a Nossa Senhora Aparecida no espírito de um novo Pentecostes e com o documento final que resume as conclusões de seu dialogo, uma renovação da ação da Igreja. Todos os seus membros estão chamados a ser discípulos e missionários de Jesus Cristo, Caminho, Verdade e Vida, para que nossos povos tenham vida Nele. No cominho aberto pelo Concilio Vaticano II e em continuidade criativa com as Conferencias anteriores do Rio de Janeiro, 1955; Medellín, 1968; Puebla, 1979 e Santo Domingo, 1992, refletiram sobre o tema Discípulos e missionários de Jesus Cristo para que nossos povos Nele tenham vida. Eu sou o Caminho a verdade e a Vida (Jo 14,6), e procuraram traçar em comunhão linhas comuns para prosseguir a nova evangelização em nível regional.

2. Eles expressam junto com o Papa Bento XVI que o patrimônio mais valioso da cultura de nossos povos é ' a fé em Deus amor'. Reconhecem com humildade as luzes e as sombras que há na vida crista e na ação eclesial. Querem iniciar uma nova etapa pastora,l nas atuais circunstancias históricas, marcada por um forte ardor apostólico e um maior compromisso missionário para propor o evangelho de Cristo como caminho à verdadeira vida que Deus oferece aos homens. Em diálogo com todos os cristãos e a serviço de todos os homens, assumem 'a grande tarefa de custodiar e alimentar a fé do Povo de Deus, e recordar também aos fiéis deste continente que em virtude do seu batismo estão chamados a ser discípulos e missionários de Jesus Cristo' (Bento XVI, discurso inaugural, 3). Eles se propuseram a renovar as comunidades eclesiais e as estruturas pastorais para encontrar as mediações da transmissão da fé em Cristo como fonte de uma vida plena e digna para todos, para que a fé, a esperança e o amor renovem a existência das pessoas e transformem as culturas dos povos.

3. Neste contexto e com esse espírito, oferecem suas conclusões abertas no Documento Final . O texto tem três grandes partes que seguem o método de reflexão teológico-pastoral 'ver, julgar, agir'. Assim, olha-se a realidade com os olhos iluminados pela fé e um coração cheio de amor, proclama com alegria o Evangelho de Jesus Cristo para iluminar a meta e o caminho da vida

humana, e busca, mediante um discernimento comunitário aberto ao sopro do Espírito Santo, linhas comuns de uma ação realmente missionária, que ponha todo o Povo de Deus num estado permanente de missão. Esse esquema tripartite está alinhavado por um fio condutor em torno à vida, em especial a vida em Cristo, e está tecido transversalmente pelas palavras de Jesus, o Bom Pastor: ‘ Eu vim para que as ovelhas tenham vida e a tenham em abundância’. (Jo 10,10)

4. A primeira parte se intitula A vida de nossos povos. Ai se considera, brevemente, o sujeito que olha a realidade e que bem diz a Deus por todos os dons recebidos, em especial, pela graça, a fé que o fez seguidor de Jesus e pela alegria de participar da missão eclesial. Esse primeiro capítulo, que tem o tom de um hino de louvor e ação de graças, denomina-se Os discípulos missionários . Imediatamente segue o capítulo segundo, o maior desta parte, intitulado Olhar dos discípulos missionários sobre a realidade . Como um olhar teológico e pastoral, considera, com acuidade, as grandes mudanças que estão sucedendo em nosso continente e no mundo, e que interpelam a evangelização. Analisam-se vários processos históricos complexos e em curso nos níveis sócio-cultural, econômico, sócio-político, étnico e ecológico, e se discernem grandes desafios como a globalização, a injustiça estrutural, a crise na transmissão da fé e outros. Aí se postulam muitas realidades que afetam a vida cotidiana de nossos povos. Nesse contexto, considera a difícil situação de nossa Igreja nesta hora de desafios, fazendo um balanço de sinais positivos e negativos .

5. A segunda parte , a partir do olhar sobre o hoje da América Latina e o Caribe, entra no núcleo do tema. Seu título é A vida de Jesus Cristo nos discípulos missionários. Indica a beleza da fé em Jesus Cristo como fonte de vida para os homens e as mulheres que se unem a Ele e percorrem o caminho do discipulado missionário. Aqui, tomando como eixo a vida que Cristo nos trouxe, são tratadas, em quatro capítulos sucessivos, grandes dimensões inter-relacionadas que concernem aos cristãos como discípulos missionários de Jesus Cristo. A alegria de ser chamado para anunciar o evangelho com todas as suas repercussões como ‘Boa notícia’ na pessoa e na sociedade (cap 3); a vocação à santidade que recebemos os que seguimos a Jesus ao ser configurados com Ele e animados pelo Espírito Santo (cap 4); a comunhão de todo o Povo de Deus e de todos no Povo de Deus, contemplando a partir da perspectiva de discípula e missionária os distintos membros da Igreja com suas vocações específicas, e o diálogo ecumênico, o vínculo com o judaísmo e o diálogo inter-religioso (cap 5);

Finalmente, se aborda um itinerário para os discípulos missionários que considera a riqueza espiritual da piedade popular católica, uma espiritualidade trinitária, cristocêntrica e Mariana de estilo comunitário e missionário, e variados processos formativos, com seus critérios e seus lugares segundo os diversos fieis cristãos, prestando especial atenção à iniciação crista, à catequese permanente e à formação pastoral (cap 6). Aqui se encontra uma das novidades do documento que busca revitalizar a vida dos batizados para que permaneçam e caminhem no seguimento de Jesus.

6. A terceira parte entra plenamente na missão atual da Igreja Latino-americana e Caribenha. Conforme o tema, está formulada com o título A vida de Jesus Cristo para nossos povos. Sem perder o discernimento da realidade nem os fundamentos teológicos, aqui se consideram as principais ações pastorais com um dinamismo missionário. Num núcleo decisivo do documento, se apresenta a missão dos discípulos missionários a serviço da vida plena, considerando a vida nova que Cristo nos comunica no discipulado e nos chama a comunicar na missão, porque o discipulado e a missão são como as duas faces de uma mesma moeda. Aqui se desenvolve uma grande opção da Conferência: converter a Igreja em uma comunidade mais missionária . Com este fim, se fomenta a conversão pastoral e a renovação missionária das Igrejas Particulares, das comunidades eclesiais e dos organismos pastorais. Aqui se impulsiona uma missão continental

que teria por agentes as dioceses e os episcopados (cap. 7). Na seqüência, se analisam alguns âmbitos e algumas prioridades que se quer impulsionar na missão dos discípulos entre nossos povos na aurora do terceiro milênio.

Em O Reino de Deus e a promoção da dignidade humana se confirma a opção preferencial pelos pobres e excluídos que se remete a Medellin, a partir do fato de que, em Cristo, Deus se fez pobre para enriquecer-nos com sua pobreza, se reconhecem novos rostos dos pobres (por exemplo, os desempregados, migrantes, abandonados, enfermos e outros) e se promove a justiça e a solidariedade internacional (cap 8). Sob o título Família, pessoas e vida, a partir do anúncio da Boa Nova da dignidade infinita de todo ser humano, criado à imagem de Deus e recriado como filho de Deus, se promove uma cultura do amor no matrimônio e na família, e uma cultura do respeito à vida na sociedade; ao mesmo tempo, deseja-se acompanhar pastoralmente as pessoas em suas diferentes condições de criança, jovens e idosos, de mulheres e homens, e se fomenta o cuidado do meio ambiente como casa comum (cap 9).

No último capítulo, intitulado Nossos povos e a cultura , continuando e atualizando as opções de Puebla e de Santo Domingo pela evangelização da cultura e a evangelização inculturada, tratam-se os desafios pastorais da educação e a comunicação, os novos arcebispos e os centros de decisão, a pastoral das grandes cidades, a presença dos cristãos na vida pública, especialmente o compromisso político dos leigos por uma cidadania plena na sociedade democrática, a solidariedade com os povos indígenas e afro-descendentes, e uma ação evangelizadora que aponte caminhos de reconciliação, fraternidade e integração entre nossos povos, para formar uma comunidade regional de nações na América Latina e no Caribe (cap 10).

7. Com um tom evangélico e pastoral, uma linguagem direta e propositiva, um espírito interpelante e alentador, um entusiasmo missionário e esperançado, uma busca criativa e realista, o Documento quer renovar em todos os membros da Igreja, convocados a ser discípulos missionários de Cristo, ‘ a doce e confortadora alegria de evangelizar’ (EN 80). Remando os barcos e lançando as redes mar a dentro, deseja comunicar o amor do Pai que está no céu e a alegria de ser cristãos a todos os batizados e batizadas, para que proclamem com audácia Jesus Cristo a serviço de uma vida em plenitude para nossos povos. Com as palavras dos discípulos de Emaús e com a oração do Papa em seu discurso inaugural, o Documento conclui com uma prece dirigida a Jesus Cristo: ‘ Fica conosco porque é tarde e o dia declina’ (Lc 24,29).

8. Com todos os membros do Povo de Deus que peregrina pela América Latina e Caribe, os discípulos missionários encontram a ternura do amor de Deus refletida no rosto da Virgem Maria. Nossa Mãe querida, a partir do Santuário de Guadalupe, faz sentir a seus filhos pequeninos, que estão sob seu manto, e a partir daqui, em Aparecida, nos convida a deixar as redes para aproximar a todos de seu Filho, Jesus, porque Ele é ‘o Caminho, a Verdade e a Vida’(Jo 14,6), só Ele tem ‘palavras de vida eterna’ (Jo 6,68), e Ele veio para que todos ‘tenham vida e a tenham em abundância’ (Jo 10,10).

V

QUEREMOS VER JESUS, CAMINHO, VERDADE E VIDA! DIRETRIZES DA AÇÃO EVANGELIZADORA

Diante dos desafios do mundo atual que são numerosos e complexos, procurando a fidelidade à missão que Jesus Cristo confiou à Igreja e a docilidade ao seu Espírito, destacamos os três âmbitos e as diretrizes da Ação Evangelizadora da Arquidiocese:

A) PROMOVER A DIGNIDADE DA PESSOA.

Hoje existe um desejo de autonomia das pessoas, uma reivindicação dos direitos individuais. Existe a cultura do individualismo. A pessoa vive numa sociedade voltada para o consumismo insaciável. Há várias formas de desrespeito à vida.

Porém, sabemos que a fé cristã nos diz que nós somos filhos de Deus (Cf. 1 Jo 3,2). O homem e a mulher criados semelhantes ao Criador são pessoas dotadas de liberdade e chamadas à criatividade, à responsabilidade e ao amor-doação. Portanto, eis o nosso primeiro desafio: promover a dignidade da PESSOA.

SERVIÇO

1. Criar a Pastoral da Acolhida: que haja acolhida e orientação (85a)

Qualquer pessoa que procure a comunidade eclesial deve ser recebida por alguém que a escute e ajude a encontrar uma solução para sua necessidade (um conselho, uma orientação para encontrar assistência religiosa ou psicológica ou médica ou jurídica ou material...) e alguma forma de apoio.

2. Promover a formação integral da pessoa: criar escolas de formação; cuidar da formação na fé (85e):

Oferecer oportunidades de aprofundamento de formação integral da pessoa: afetiva, relacional, social, intelectual, religiosa.. .

3. Incentivar o trabalho com a juventude e adolescência (85f)

Incentivar e apoiar as iniciativas que favoreçam a educação dos jovens, visando a formação de uma personalidade madura e equilibrada, a correta vivência da sexualidade, a vivência do amor verdadeiro, o autocontrole em face dos desvios do alcoolismo, da dependência de drogas et do consumismo fácil e ilusório.

DIÁLOGO

1. Educar a pessoa para o diálogo e abertura para novos horizontes culturais (87):

A globalização tende a impor modelos culturais comuns em todos os lugares. Há uma reação forte daqueles que defendem suas próprias tradições. Aí está o desafio de educar as pessoas para o diálogo e o entendimento.

2. Educar para o diálogo integral, para o respeito à diversidade e o exercício da escuta (88):

Suscitar um diálogo integral, orientado ao conhecimento, à escuta, à compreensão dos valores de cada um, que supere apressadas avaliações e respeite a fé que o outro vive. Promover a amizade e fraternidade universal.

3. Educar para o diálogo com outras igrejas e religiões (90-91):

Oportunizar uma preparação específica segundo as orientações do Diretório Ecumênico e valorizar as oportunidades para crescer no conhecimento, na compreensão e na estima para com os nossos irmãos em Cristo. Promover momentos de oração comum e de diálogo (Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos). Para o diálogo com outras religiões promova-se uma preparação adequada segundo os documentos "Diálogo e missão" e "Diálogo e anúncio" e sejam valorizadas as oportunidades para o conhecimento e a compreensão das outras religiões. Preparar pessoas para uma formação sistemática e participação em eventos inter-religiosos.

ANÚNCIO

1. Anunciar o Evangelho a todos: na família, na escola, no trabalho, na comunidade, no bairro... (94)

Os cristãos não podem guardar só para si a graça do Evangelho. São desafiados a anunciá-lo, por meio de uma "nova evangelização" em todos os lugares.

2. Anunciar o Evangelho através do diálogo e do testemunho de vida, despertando os batizados para o compromisso vocacional e ministerial (98)

O evangelizador deve ter consciência de que, mesmo se tratando de "Boa-Nova", não pode impor, mas deverá esforçar-se para persuadir o ouvinte, pelo testemunho de vida e por uma argumentação sincera e rigorosa, que estimule no interlocutor a busca da verdade, respeitando, porém, sua liberdade de escolha.

3. Estimular o primeiro anúncio (kerigma) dando atenção especial aos católicos não praticantes (34-35,95):

Acolher através do diálogo pastoral os católicos de ocasião. Receber com particular atenção jovens e adultos que pedem o batismo, para o qual devem ser preparados segundo as indicações do "Rito de Iniciação Cristã dos Adultos". Acolher as pessoas que, embora não guardem o preceito dominical ou raramente se aproximam dos sacramentos, continuam professando a fé católica e esforçam-se para viver a caridade e a ética cristã.

TESTEMUNHO DE COMUNHÃO

1. Cuidar para que a liturgia, como testemunho de comunhão, revele a comunidade fraterna de igual dignidade de todos os fiéis (105a):

Os sacramentos da iniciação cristã conferem direitos e deveres, isto é, uma missão, da qual todos são participantes, em espírito de comunhão fraterna, onde as diferentes vocações não escondem a igual dignidade de todos os fiéis nem desestimulem a participação de todos.

2. Oferecer programas de boa qualidade nos meios de comunicação (111)

3. Valorizar os ministérios leigos e estimular a participação dos fiéis no planejamento, decisões e avaliação na Igreja (105d):

Desde Puebla a Igreja insiste no protagonismo dos leigos. Por isso, procure-se promover assembléias e sínodos do povo de Deus, e estimular os conselhos paroquiais e os ministérios leigos.

2. RENOVAR A COMUNIDADE.

A organização social acentua o isolamento dos indivíduos, que leva ao egoísmo. O enfraquecimento da família, a diluição da vida comunitária e a violência acentuam o isolamento e a incerteza gerando desconfiança e medo nas relações humanas.

Mas, a fé cristã diz que nós somos todos irmãos (Cf. Mt 23,8), pois filhos do mesmo Pai. A fraternidade é a característica essencial da vida cristã. Por isso o nosso segundo desafio será: renovar a **COMUNIDADE**.

SERVIÇO

1. Dar atenção especial à família e à sua formação (123b-c):

Buscar a reestruturação das relações no interior da família e das famílias entre si. Reorganizar a família buscando novas formas de realização, mais plena, à luz dos valores essenciais da concepção cristã da família.

2. Incentivar a formação de comunidades acolhedoras (105bc, 139-141):

Formar comunidades eclesiais menores, CEBs, de rosto humano, mais afetivas e acolhedoras, com mais participação, que ofereçam aos cristãos a experiência da convivência, solidariedade e valorização da pessoa.

3. Pastoral social: ação comum entre as paróquias do mesmo setor; promoção humana (atenção e compromisso de inclusão dos portadores de necessidades especiais; dos excluídos, migrantes...); valorizar o voluntariado...

Que as paróquias do mesmo setor se organizem numa ação comum para facilitar e melhorar o atendimento da Ação Social e a promoção humana.

DIÁLOGO

1. Ecumenismo interno e externo: buscar reaproximação com os cristãos de outras igrejas e comunidades cristãs (125-128):

Incentivar o movimento ecumênico em sentido próprio. O espírito ecumênico deve impregnar toda a ação pastoral das comunidades e, particularmente a dimensão catequética.

2. Buscar a unidade pastoral e a comunhão eclesial através da integração das pastorais, da pastoral orgânica e do intercâmbio entre as Paróquias e comunidades.

3. Estimular a paróquia para que seja uma comunhão de comunidades, estabelecendo comunicação e trabalho entre os grupos da comunidade e, conhecer suas dificuldades e sua ação.

ANÚNCIO

1. Anunciar o Evangelho à luz da pedagogia de Jesus: a indivíduos, a grupos, à grande massa e às diversas categorias sociais (134-137)

A comunidade cristã deve ser ela mesma anúncio. Deve irradiar a presença de Cristo Deus-conosco. A comunidade deverá perguntar-se quais são os grupos humanos ou as categorias sociais que merecem uma atenção especial e devem ter prioridade no trabalho de evangelização.

2. Valorizar as Missões Populares e incentivar que sejam uma ação permanente (135):

A pregação do Evangelho deve acontecer nas variadas modalidades que o ministério da Palavra pode assumir. Aproveitar as missões populares, nas suas diversas formas, para a evangelização.

3. Despertar para as Missões "ad gentes" (138)

A comunidade, mesmo pobre, deve "dar de sua pobreza" também para a evangelização "ad gentes" ou para as missões além-fronteiras.

Estimular a formação de equipes missionárias paroquiais (COMIPAS)

TESTEMUNHO DE COMUNHÃO

1. Buscar a unidade pastoral pela fidelidade às normas pastorais e maior articulação e comunhão entre paróquias e arquidiocese.

Estimular reuniões bimestrais do clero e dos leigos do mesmo setor.

2. Fortalecer as estruturas intermediárias: áreas e setores (descentralização) (196)

Estimular a vida e a ação pastoral nas áreas e setores, promovendo a formação de agentes, resolvendo problemas comuns, realizando trabalhos sociais comuns, partilhando recursos, incentivando a reflexão e o planejamento pastoral em comum...

3. Formar comunidades com "espiritualidade de comunhão" e partilha (dízimo) e, incentivar a prática de paróquias-irmãs (149-150):

A eucaristia cria comunhão e educa para a comunhão. O modo de orar revela a espiritualidade de comunhão. É preciso saber equilibrar as orações que expressam o "eu" (as necessidades do indivíduo) com a expressão do "nós" (a solicitude pela comunidade). As comunidades devem ter abertura uma para as outras, superando a tentação de tornarem-se auto-suficientes. Deve acontecer a partilha e comunhão dos bens.

3. CONSTRUIR UMA SOCIEDADE SOLIDÁRIA.

A sociedade brasileira é hoje uma das mais desiguais do mundo. Há problemas graves como: a concentração de terra, desemprego, violência, criminalidade, tráfico de drogas, etc.

Porém, a fé cristã nos remete para as primeiras comunidades onde "não havia necessitados entre eles" (Cf. Atos 4,34). Eis o nosso terceiro desafio: construir uma SOCIEDADE solidária.

SERVIÇO

1. Fortalecer a ação social-solidariedade e o mutirão contra a miséria e a fome (176-177):

Que haja empenho no serviço da cidadania, na luta contra a exclusão, a miséria e a fome. Que haja esforço para a realização do Mutirão para a superação da miséria e da fome, solicitando generosa participação dos cristãos. Criem-se comissões para a realização do Mutirão.

2. Incentivar o combate à corrupção e a luta contra a violência, contra a exclusão e contra o consumismo (176;183):

Que as comunidades eclesiais e instituições católicas empenhem-se com todas as forças, na luta contra a corrupção e a violência. Trabalhem por uma mudança de mentalidade, visando superar o excessivo apego aos bens materiais e ao consumismo.

3. Formar uma consciência moral e uma prática cristã em vista dos novos problemas de ordem ética, e incentivar a participação social e política em busca da cidadania plena (185;176):

Que haja empenho em formar uma consciência moral e uma prática social de inspiração cristã e incentivem o diálogo e a reflexão de teólogos, pastoralistas, cientistas..., acerca dos novos problemas de ordem ética. Fortalecer o Movimento pela ética na Política (MEP).

DIÁLOGO

1. Colaborar com outros grupos: religiosos, civis e ONGs, apoiando iniciativas ecumênicas contra a violência, a corrupção e a exclusão (186-188)

Estabelecer parcerias suprapartidárias visando a difusão da solidariedade.

Apoiar a iniciativa ecumênica conhecida como "Década para a superação da violência" (www.conic.org.br). Unir-se às ONGs na luta contra a corrupção.

2. Empenhar-se na defesa das tradições culturais das diferentes etnias (189):

Apoiar propostas que favoreçam a inclusão social e o reconhecimento dos direitos das populações de origem indígena e africana visando a cidadania. Empenhar-se para que as legítimas tradições culturais e religiosas indígenas e afro-brasileiras sejam respeitadas e valorizadas.

3. Dialogar sobre as grandes questões éticas (192):

Faz-se necessário o diálogo, pois a sociedade precisa urgentemente: escolher entre a insensatez de um egoísmo desenfreado e a racionalidade de uma ordem social construída sobre valores universais; reconhecer a dignidade da pessoa; e preservar o meio ambiente.

ANÚNCIO

1. Atenção à pastoral urbana (196):

Criar estruturas eclesiais novas para enfrentar a problemática das enormes concentrações humanas e as novas formas de cultura. Por exemplo: a) multiplicar e diversificar as comunidades nas periferias e em ambientes específicos; b) incentivar a reflexão e o planejamento pastoral em comum entre paróquias do mesmo setor; c) criar centros de evangelização que atendam a mobilidade da população; d) tecer uma rede de comunicação com aqueles que não conseguem ligar-se com uma comunidade.

2. Investir na comunicação: Uso adequado dos modernos Meios de Comunicação Social na evangelização; investir na formação de comunicadores; ampliar a comunicação católica (TV, rádio, jornal, internet...) despertar o espírito crítico (195)

3. Valorizar a religiosidade popular (197):

Ser sensível em relação a essa realidade rica e vulnerável. Conhecer suas dimensões interiores e inegáveis valores. Estar disposto a ajuda-la a superar os seus perigos de desvio. Bem orientada, a religiosidade popular pode vir a ser um verdadeiro encontro com Deus em Jesus Cristo, para as nossas massas populares.

TESTEMUNHO DE COMUNHÃO

1. Valorizar, aprofundar e viver a Doutrina Social da Igreja (200):

Educar os católicos no conhecimento da Doutrina Social da Igreja como decorrência ética imprescindível da própria fé cristã. A ética social cristã não é facultativa, mas exigência para todos.

2. Superar as desigualdades econômicas e sociais no interior da própria Igreja, tornando mais efetiva e dinâmica a circulação e partilha dos recursos materiais e humanos entre as paróquias ricas e pobres (203):

As comunidades eclesiais tenham consciência de que devem praticar, elas mesmas, a solidariedade que pregam para a sociedade. Superando as desigualdades e acontecendo a partilha, a Igreja dará um testemunho visível de comunhão.

3. Criação de novas comunidades financeiramente assumidas pela arquidiocese, através de um Fundo a ser criado:

Muitas comunidades das periferias têm enorme dificuldade de adquirir um terreno e construir algo. Faz-se necessária a ajuda da arquidiocese, através da criação de um Fundo Arquidiocesano de Partilha.

AUTO-ESTIMA

O primeiro e grande desafio na construção de uma nova sociedade, passa pela construção do ser humano, capaz e protagonista da sua história. Requer pessoas fortes, convictas, seguras, harmonizadas e com uma boa auto-estima. Seres humanos capazes, confiantes nas suas capacidades e nos seus valores. Que saibam relacionar-se consigo mesmo, com as suas luzes e com as suas sombras; com a sua complexidade. A esperança de um futuro diferente e harmonioso, passa pela esperança de um novo ser humano, que acredita em si mesmo e é capaz de afrontar os desafios da vida.

1. Auto-estima: Sistema Imunológico da consciência.

Existem algumas realidades fundamentais na vida que nós não podemos negar, pois fazem parte inerente da nossa existência. Uma delas diz respeito a grande importância da auto-estima em nossa vida. Mesmo que não queiramos admitir, mas é impossível ficarmos indiferentes à nossa auto-avaliação.

Vamos no decorrer deste texto, buscar uma compreensão maior da necessidade da auto-estima em nossa vida, e qual é o seu papel no nosso cotidiano.

Iniciamos buscando uma definição daquilo que é auto-estima. Em resumo ela é:

a. A confiança em nossa capacidade de pensar; confiança em nossa habilidade de dar conta dos desafios básicos da vida; e

b. A confiança em nosso direito de vencer e sermos felizes, como pessoas de valor, merecedores da felicidade, capazes de alcançarmos nossas metas e colhermos os frutos de nossos esforços.

Adquiri-la é uma conquista ao longo do tempo. Nunca estaremos plenamente prontos, pois somos seres humanos a caminho, num processo contínuo do sempre mais.

A essência da auto-estima é, então, confiar nas próprias idéias e saber-se merecedor da felicidade.

Ela se reflete na: auto-eficiência e no auto-respeito.

Características da auto-estima

Pessoas com auto-estima persistem diante das dificuldades. Se eu perseverar, a probabilidade é de que eu tenha mais sucessos do que fracassos. O nível de auto-estima vai influenciar em todos os campos: trabalho, família, relações humanas, estudo e assim por diante.

A auto-estima elevada busca o desafio e o estímulo das metas exigentes e valiosas.

A baixa auto-estima busca a segurança do que é conhecido e pouco exigente. Quanto mais elevada for a nossa auto-estima, mais ambiciosos tenderemos a ser.

A auto-estima nos toma pessoas mais abertas, honestas e adequadas em nossas comunicações, porque acreditamos que o que pensamos tem valor e, portanto apreciamos, muito mais do que tememos, a clareza.

Quanto mais alta for a nossa auto-estima, mais estaremos dispostos a criar relacionamentos que não alimentem e não nos intoxiquem. O fato é que o semelhante atrai o semelhante e o saudável é atraído pelo saudável. Nos sentimos mais em casa com pessoas cujo nível de auto-estima se assemelha com o nosso. Os relacionamentos mais desastrosos são aqueles entre

pessoas que não se valorizam. É importante a auto-estima para o sucesso no âmbito dos relacionamentos íntimos.

Pessoas de auto-estima saudável podem ser derrubadas pelo excesso de problemas (doenças, morte, desemprego, perdas), mas são rápidas em recuperar-se. Dão a volta por cima porque pensam positivo. É a baixa auto-estima que nos torna adversários de nosso próprio bem-estar.

Auto-estima não é gabolice, vaidade ou arrogância; esses traços revelam uma falta de auto-estima. As pessoas com auto-estima elevada não precisam se ver como superiores às outras; não tentam provar seu valor medindo com um padrão comparativo. Seu prazer está em ser como são, não em serem melhores que as outras pessoas.

Pessoas que não se aceitam como são e não se conhecem, vivem numa contínua ansiedade baseada na preocupação exagerada com o outro e com o amanhã. Três 'as' fazem parte do ansioso: antecipa, acumula e amplifica.

Não existe auto-estima "demais". Homens inseguros, por exemplo, em geral se sentem mais inseguros na presença de mulheres auto-confiantes. Indivíduos com baixa auto-estima em geral se irritam na presença de pessoas entusiasmadas com a vida. A triste verdade é que todos os que conseguem sucesso nesse mundo correm o risco de se tornar um alvo.

Ninguém pode ignorar a necessidade de auto-estima. Se negar a importância da auto-estima é um erro, atribuir-lhe valor demais é outro.

A auto-estima não substitui um teto nem comida, mas alimenta para a pessoa a probabilidade de ela conseguir satisfazer essas necessidades. A auto-estima não substitui o conhecimento e as habilidades necessárias para se agir com eficiência no mundo, mas aumenta a probabilidade de serem adquiridos.

A pessoa de auto-estima saudável tem autonomia nas escolhas. Precisamos aprender a pensar em nós mesmos, a cultivar nossos próprios recursos, e a assumir a responsabilidade pelas escolhas, pelos valores e pelas ações que dão forma à nossa vida.

Quanto maior for o número de escolhas e decisões que precisamos tomar em nível consciente, mais premente será nossa necessidade de auto-estima.

Nem nossos pais, nem nossa educação nos preparam de maneira adequada para um mundo com tantas opções e desafios. Por isso a questão da auto-estima tomou-se premente.

2. O significado da auto-estima.

A auto-estima tem dois componentes inter-relacionados. Um deles é um senso de confiança diante dos desafios da vida: a auto-eficiência. O outro um senso de merecer a felicidade: o auto-respeito.

Auto-eficiência: confiança no meu funcionamento mental, em minha capacidade para pensar, compreender, aprender, escolher e tomar decisões;

Auto-respeito: significa a certeza de que tenho valor como pessoa; é a sensação de que o prazer e a satisfação são meus direitos naturais.

Auto-eficiência e auto-respeito são os dois pilares da auto-estima saudável; se um deles estiver ausente, a auto-estima estará comprometida. Ambos são características definidoras do termo por serem fundamentais. Não representam significados derivados ou secundários da auto-estima, mas sua essência.

Podemos definir de modo resumido a auto-estima como a disposição para experimentar a si mesmo como alguém competente para lidar com os desafios básicos da vida e ser merecedor de felicidade. Ter auto-estima elevada é sentir-se confiantemente apropriado à vida.

A auto-estima é uma necessidade básica de todo ser humano. De onde vem essa necessidade? Qual é a sua origem? Podemos afirmar que ela é o resultado de dois fatores básicos, ambos intrínsecos à nossa espécie. O primeiro é que dependemos do uso apropriado de nossa consciência para sobreviver e dominar com sucesso o meio ambiente; nossa vida e nosso bem-estar dependem da nossa capacidade de pensar; segundo é que o uso correto de nossa consciência não é automático, não é 'programado' pela natureza. Para ajustar sua atividade há um

elemento crucial de escolha - portanto, de responsabilidade pessoal. Um desserviço prestado às pessoas quando se lhes oferece a noção de auto-estima é sentir-se bem, divorciando-a das questões da consciência, da responsabilidade e da escolha moral.

A essência humana é a nossa capacidade de raciocinar, o que significa compreender os relacionamentos. É dessa capacidade - em última instância - que depende a nossa vida.

Mente é tudo aquilo por meio do qual percebemos o mundo e o apreendemos. Tudo exige um processo mental - tudo exige um processo de pensamento, de conexão racional. Mas a nossa mente não nos leva automaticamente a agir segundo nosso melhor, mais racional e informado entendimento. A natureza deu-nos uma extraordinária responsabilidade: a opção de aumentar ou diminuir o alcance da luz da lanterna da consciência. Nosso livre arbítrio diz respeito à escolha que fazemos quanto ao funcionamento de nossa consciência numa determinada situação.

1. Auto-eficiência ou competência significa auto-estima saudável. Ser eficiente é ser capaz de produzir um resultado desejado. Confiar em nossa eficiência básica é confiar na nossa capacidade de aprender o que precisamos e de fazer o que é preciso para atingir nossos objetivos, desde que o sucesso dependa, de nossos próprios esforços. É a convicção de que somos capazes de pensar, julgar, conhecer - e corrigir nossos erros. É confiar em nosso processo e, em conseqüência, estar disposto a esperar que nossos esforços resultem em sucesso. É acreditar que a compreensão é possível e que pensar não é inútil.

Ninguém pode esperar ser igualmente competente em todas as áreas - e ninguém, precisa sê-lo. É ser capaz de sustentar a própria vida e ganhar o próprio sustento. É cuidar de si mesmo no mundo, de maneira independente - assumir que essa possibilidade existe. É ser capaz de interagir afetivamente com outros seres humanos; poder dar e receber benevolência, cooperação, confiança, amizade, respeito, amor; e ser capaz de expressar sua natureza de maneira responsável e aceitar a auto-afirmação nos outros. É ter resistência e flexibilidade para lidar com o infortúnio e as adversidades - ser capaz de cair e se levantar.

Num mundo em que a totalidade do conhecimento humano duplica a cada dez anos, nossa segurança só pode se assentar em nossa capacidade de aprender.

2. Auto-respeito é a convicção do nosso próprio valor e não a ilusão de que somos "perfeitos" ou superiores a qualquer outra pessoa. Assim como a eficiência pessoal envolve a expectativa do sucesso como algo natural, o auto-respeito acarreta a expectativa da amizade, do amor e da felicidade como uma conseqüência natural de quem somos e do que fazemos.

Somos bons, valorosos e merecemos o respeito dos outros. Para viver bem, temos que buscar e adquirir valores. A necessidade de nos vermos como bons é a mesma de sentirmos auto-respeito. A necessidade de auto-respeito é básica e dela ninguém escapa.

Para otimizar a realização de nossas possibilidades, precisamos confiar em nós mesmos e nos admirar; e a confiança e a admiração tem de estar assentadas na realidade, e não serem geradas pela fantasia e por ilusões a nosso próprio respeito.

O orgulho autêntico não tem nada em comum com a fanfarronice ou a arrogância. Tem raízes diferentes. Sua origem é a satisfação e não o vazio. Não é "ter que se mostrar", mas desfrutar. O orgulho é a recompensa emocional pela conquista. Não é um vício a ser superado, mas um valor a ser alcançado.

3. A fisionomia da auto-estima.

Auto-estima expressa-se no rosto, nos modos, na maneira de falar e de se mover que projetam o prazer que a pessoa sente por estar viva. Na tranquilidade em falar das próprias conquistas, ou dos defeitos de maneira direta e sincera, pois a pessoa tem uma relação amistosa com os fatos.

No conforto que a pessoa experimenta ao fazer e receber elogio, expressar afeto, apreciação ou algo semelhante. Na abertura a críticas e no tranqüilo reconhecimento de seus erros. As palavras e os movimentos tendem a ter uma qualidade tranqüila e espontânea, refletindo o fato de que a pessoa não está em guerra consigo mesma.

Existe uma harmonia entre o que a pessoa diz e o que faz, na maneira como se apresenta visual e verbalmente e se movimenta.

Na atitude de abertura e curiosidade diante de idéias novas. Aceita as sensações de ansiedade e insegurança, aceitando-as e sabendo lidar com elas. Na capacidade de apreciar os aspectos humorísticos da vida. Na flexibilidade para reagir às situações e aos desafios, pois a pessoa confia em suas idéias e não encara a vida como uma condenação ou derrota. Expressa-se também na capacidade de preservar uma qualidade harmoniosa e digna sob condições estressantes.

No físico se percebe: olhos atentos, brilhantes e vívidos; rosto relaxado, com colorido natural e bom tônus na pele; queixo naturalmente posicionado e alinhado com o resto do corpo: e maxilares relaxados. Ombros relaxados, porém eretos; mãos que tendem a ser soltas e graciosas; postura bem descontraída; caminhar decidido; a pronúncia é clara.

Auto-estima está ligada com:

Racionalismo - é o exercício da função integradora da consciência - a produção de princípios a partir de fatos concretos, a aplicação dos princípios aos fatos concretos, e a vinculação dos novos conhecimentos e informações ao contexto do que já é conhecido. Sua base é o respeito pelos fatos.

Realismo - o termo significa simplesmente o respeito pelos fatos, o reconhecimento de que o que é, é, e o que não é não é. .

Intuição - a mente que aprendeu a confiar em si mesma tem mais probabilidade de confiar nesse processo. A intuição é um importante fator para a auto-estima apenas na medida em que expressa uma alta sensibilidade aos sinais interiores e uma apropriada consideração pelos mesmos.

Criatividade - pessoas criativas ouvem seus sinais interiores e confiam neles mais do que a média. Valorizam os próprios pensamentos e as próprias percepções. Valorizam sua produção mental.

Independência - é a prática de pensar por si mesmo; assumir toda a responsabilidade pela própria existência.

Flexibilidade - ser flexível é ser capaz de reagir às mudanças sem apegos inadequados ao passado. A rigidez é, em geral a reação demente que não confia em si mesma para lidar com o novo, ou dominar o desconhecido.

Capacidade para enfrentar mudanças - a auto-estima acelera o tempo de reação.

Disponibilidade para admitir erros - a auto-estima saudável não se envergonha de dizer, quando a ocasião exige, 'eu estava errado'.

Benevolência é cooperação - ser bom e cooperativo. Meu relacionamento com os outros tende a espelhar e refletir meu relacionamento comigo mesmo. Se estou seguro de meu direito de existir, se confio que pertencço a mim mesmo, se não me sinto ameaçado pela certeza e pela autoconfiança dos outros, então a cooperação com eles para obtermos resultados comuns tenderá a ser desenvolvida com espontaneidade.

Meu relacionamento com os outros tende a espelhar e refletir meu relacionamento comigo mesmo. Ao comentar a máxima "ama ao teu próximo como a ti mesmo", o filósofo Eric Hoffer observa em algum lugar que o problema é que as pessoas fazem exatamente isso: elas odeiam os outros como odeiam a si mesmas.

4. A ilusão da auto-estima.

Quando a auto-estima é baixa, frequentemente o medo nos domina: medo da realidade, de si mesmo, de se expor, de ser humilhado, do fracasso. Vivemos mais para evitar o sofrimento do que para experimentar o prazer:

A base, o motor da baixa auto-estima não é a confiança e sim o medo. A baixa auto estima teme o desconhecido e o não familiar. ao passo que a auto-estima elevada busca novas

fronteiras. A baixa auto-estima evita os desafios enquanto a auto-estima elevada deseja-os e necessita deles.

Existe uma pseudo-auto-estima. Posso projetar uma imagem de segurança e equilíbrio que engana quase todo o mundo e, no íntimo, tremer de tanto me sentir inadequado.

A auto-estima é uma experiência íntima; reside no âmago do ser de cada um. É o que eu sinto e penso sobre mim mesmo, não o que outra pessoa sente ou pensa de mim. Posso ser amado por minha família, pela pessoa com quem casei, por meus amigos, e mesmo assim não amar a mim mesmo.

O aplauso dos outros não cria a auto-estima. A tragédia da vida de muitas pessoas é que procuram pela auto-estima em todos os lugares menos dentro delas, e por isso fracassam.

A fonte essencial da auto-estima é e só pode ser interior - está no que fazemos, não no que os outros fazem. Relacionamentos benéficos são preferíveis aos doentios, mas procurar nos outros as fontes necessárias do nosso próprio valor é perigoso. Inovadoras e criadoras são pessoas que, num grau acima da média, aceitam a condição de estar só.

A alternativa para a dependência excessiva do feedback e de validação alheia é ter um sistema bem desenvolvido de sustentação interior. A fonte de convicção está dentro.

O foco na Ação.

O que o indivíduo tem de fazer para gerar e manter a auto-estima? Que padrões de ações devem ser adotados? Quais são as minhas e as suas responsabilidades como adultos?

O que a criança precisa aprender a fazer para gozar da auto-estima? Qual é o caminho mais desejável para o seu desenvolvimento? Quais atitudes devem os pais e professores dedicados tentar despertar, estimular e promover nas crianças?

Os atos da pessoa são decisivos. O que determina o nível da auto-estima é o que o indivíduo faz. Os atos da pessoa são decisivos. As atitudes são escolhas que nos confrontam a cada Minuto da nossa existência. Uma 'atitude' envolve a disciplina de agir de uma certa maneira, vezes e vezes seguida, consistentemente. Trata-se de uma maneira de operar no dia a dia; é um modo de ser.

As pesquisas apontam que uma das melhores maneiras de se ter boa auto-estima é contar com pais que a tenham e sirva de modelo. Mas isso nem sempre é determinante, porque há pais e professores maus, e filhos e alunos com boa auto-estima.

Nos perguntamos: o que posso fazer hoje para levantar meu nível de auto-estima?

Primeiro, conhecer as atitudes específicas. O ponto de partida é em si mesmo. Os assuntos não resolvidos internamente criam limites para a capacidade de ajudar os outros de maneira eficaz. Temos de nos tornar aquilo que desejamos ensinar. Exemplo disso é o gurú da Índia/ filho que ama doces/ família vai conversar com ele/ manda voltar dentro de duas semanas/ primeiro precisava resolver dentro dele a fraqueza por doces para ajudar o filho.

Seis atitudes internas, seis pilares da auto-estima. Elevar o desempenho da auto-estima para experimentar o aumento da auto-eficiência e do auto-respeito. O importante é dar pequenos passos.

SEIS PILARES – SEIS ATITUDES

A atitude de viver conscientemente

A consciência a mais alta manifestação da vida. Quanto mais elevada for a forma de consciência, mais avançada será a forma de vida.

Consciência como o estado de estar ciente, de perceber algum aspecto da realidade. Somos seres para os quais a consciência é volitiva. Temos a opção de exercitar nossos poderes ou de subverter nos meios de sobrevivência e bem-estar. A mente é o nosso instrumento básico de sobrevivência. Se a mente é traída, a auto-estima sofre. Por exemplo: "sei que estou dando um passo maior que a perna... comendo demais... sendo falso e mentindo sobre minhas realizações, mas...".

Viver conscientemente significa querer estar ciente de tudo o que diz respeito a nossas ações, nossos propósitos, valores e objetivos - ao máximo da nossa capacidade, qualquer que seja ele - e comportarmos-nos de acordo com aquilo que vemos e conhecemos.

Viver conscientemente implica respeito pelos fatos da realidade. É viver responsabilmente perante a realidade. Não temos de gostar necessariamente do que vemos, mas reconhecemos que o que é, é, e o que não é não é.

Viver conscientemente é:

Ter a mente ativa em vez de passiva - é a escolha de pensar, de buscar a conscientização, o entendimento, o conhecimento, a clareza. Implícita está a auto-responsabilidade.

Ter uma inteligência que deriva prazer de seu próprio funcionamento. Alguém dizia que pensar é um dos maiores prazeres do ser humano. O aprendizado se toma um manancial cada vez mais abundante de satisfação.

Estar "no momento" sem perder o contexto mais amplo. É estar presente no que está fazendo. Fazer o que estou fazendo enquanto estou fazendo.

Buscar o fato relevante em vez de afastar-me deles. O que determina a relevância são as minhas necessidades, a minha vontade, os meus valores, os meus objetivos e as minhas ações.

Querer estabelecer a distinção entre os fatos, as interpretações e as emoções (vejo, interpreto, sinto). Vejo você franzir as sobrancelhas. Interpreto isso ,como uma maneira de dizer que está zangado comigo. Sinto-me, então, magoado, na defensiva, ou injustiçado. Para viver conscientemente 'preciso' estar sensível a essas distinções- O que percebo, como interpreto essa percepção e o que sinto a respeito dela são três questões isoladas.

Perceber, e confrontar os meus impulsos de evitar, ou negar realidades dolorosas ou ameaçadoras. Nada é mais natural do que evitar o que evoca medo ou dor. O medo e o sofrimento deveriam ser vistos como sinais, não para fechar os olhos, mas para mantê-los bem abertos; não para desviar o olhar, mas para ver com mais atenção.

Querer saber' "onde estou" em relação a meus vários objetivos e projetos e se estou tendo sucesso ou fracassando (por exemplo, no meu casamento. sacerdócio, etc).

Querer saber se minhas ações estão alinhadas com as minhas intenções. Aquilo que anunciamos ser nosso maior foco de interesse pode estar recebendo o mínimo de atenção. Viver conscientemente envolve monitorar minhas ações em relação aos meus objetivos.

Buscar o feedback do meio ambiente de modo a ajustar ou corrigir meu procedimento se for necessário. Na condução da nossa vida e na busca de nossos objetivos, não podemos ter a segurança de estabelecer um curso uma vez e permanecer nele daí em diante. Sempre existe a possibilidade de novas informações requerendo o ajuste de nossos planos e intenções (um profissional, religioso ou qualquer ramo, deve estar sempre aberto às novas mudanças, e direcionar a vida de modo diferente.

Perseverar na tentativa de entender a despeito das dificuldades. É fundamental persistir frente a novos desafios e, não desistir. O mundo pertence aos que perseveram. Frente a uma platéia ávida por ouvir o discurso de Churchill em dia de formatura, o mesmo levantou-se, olhou para todos e bradou: "nunca,' nunca, nunca, nunca, nunca, nunca desistam". E voltou a sentar-se.

Ser receptivo a novos conhecimentos é estar disposto a rever os antigos pressupostos. É preciso manter a abertura para novas experiências e novos conhecimentos.

Estar disposto a ver e corrigir os erros. Darwin, toda vez que alguém discordava da sua teoria, anotava-a de imediato, porque não confiava que sua memória fosse guardá-la. Achar humilhante admitir um erro é sinal claro de auto-estima imperfeita.

Buscar sempre expandir a percepção - assumir um compromisso com o crescimento. Os que acreditam que "já pensaram o bastante" e "aprenderam o suficiente" estão no caminho descendente de crescente inconsciência. A resistência de muitas pessoas ao uso de computadores é um exemplo comum.

Querer entender o mundo ao meu redor. Viver conscientemente envolve o desejo, de compreender o contexto em seu todo.

Interessar-me não só em conhecer a realidade externa como também a interna, a realidade de minhas necessidades e aspirações, de meus sentimentos e motivos, para não ser um estranho ou um mistério para si mesmo. É a "arte de perceber". Perceber minhas emoções, meu comportamento, as sensações em meu corpo e assim por diante. Tenho de acreditar que há valor em conhecer a mim mesmo.

Querer estar ciente dos valores que me movem e me guiam, bem como conhecer suas raízes, para que eu não seja dirigido por valores que eu tenho adotado irracionalmente, ou aceito dos outros, de forma não crítica. Refletir e pensar à luz da razão e da experiência pessoal os valores que estabelecem nossas metas e propósitos. Evitar a consciência é algo nitidamente evidente nos problemas de viciados. Para o viciado, a consciência é inimiga.

Se eu reconheço que estou num relacionamento destrutivo para minha dignidade, e que pode arruinar minha auto-estima e pôr em perigo meu bem-estar, e mesmo assim prefiro continuar nele, primeiro tenho de calar a voz da razão, anuviar o cérebro e me tornar funcionalmente estúpido.- A auto-destruição é um ato mais bem praticado no escuro.

A consciência está ligada ao corpo. Quando as emoções, os sentimentos e as sensações são bloqueados e reprimidos, esse processo acontece no plano físico: a respiração fica limitada e os músculos se contraem. Libertar o corpo contribui para a liberação da mente. Se o objetivo for viver em alto nível de consciência, um corpo defendido contra os sentimentos e as sensações será um grave impedimento.

A prática de viver conscientemente é o primeiro pilar da auto-estima.

A atitude de auto-aceitação.

Sem auto-aceitação não existe auto-estima.

Enquanto a auto-estima é algo que experimentamos, a auto-aceitação é algo que fazemos. Três níveis:

Primeiro nível: aceitar a mim mesmo é estar do meu lado - valorizar-me - estar a meu favor. É um ato de auto-afirmação pré-racional e pré-moral - uma espécie de egoísmo natural que é um direito inato ao ser humano - e ao mesmo tempo de poder agir contra ele e anula-lo. Com pessoas que se rejeitam totalmente, é impossível realizar um trabalho de crescimento. É a voz da força da vida. É o "egoísmo" no significado mais nobre da palavra. Se permanecer silenciosa, a auto-estima será a primeira perda. A auto-aceitação é a minha recusa em manter um relacionamento antagônico comigo mesmo.

Segundo nível - aceitar a realidade tal como se apresenta hoje. Revelo-me e me manifesto como estou e como me sinto. É a disposição de dizer sobre quaisquer emoções ou comportamentos. Aceitar a plena realidade da minha experiência (dor, raiva, medo...).

Sinto o que sinto e aceito a realidade da minha experiência. Entrar em contato com nossos sentimentos tem um poder de cura direto. A auto-aceitação é a pré-condição para a mudança e o crescimento. Não posso aprender com um erro que não aceito ter cometido. Não posso me perdoar por um ato que não reconheço ter praticado. Não posso vencer um medo cuja realidade eu nego.

Terceiro nível - a auto-aceitação envolve a idéia de simpatia, de ser amigo de mim mesmo. O interesse acolhedor e simpático não estimula comportamentos indesejados, mas reduz a probabilidade de eles voltarem a acontecer. Ex. olhar para si mesmo no espelho, (preferentemente estando nu) e ir aos poucos aceitando todas as partes do seu corpo.

“Aceitar” não significa necessariamente “gostar”; mesmo que você não aprecie tudo o que vê quando se olha no espelho, ainda poderá dizer: Neste momento, eu sou assim. E não posso negar esse fato. Eu o aceito. Isto é ter respeito pela realidade: Nada faz tanto pela auto-estima de um indivíduo que se tornar consciente das partes rejeitadas do self e aceita-las. Os primeiros passos no caminho da cura e do crescimento são a percepção e a autoconsciência e integração. São a

nascente do desenvolvimento pessoal. Quando lutamos contra um bloqueio, ele se torna mais forte. Quando o reconhecemos, vivenciamos e aceitamos, ele começa a se dissolver. Aceitar que sinto raiva; ciúme; medo, vergonha, ou outras sensações, é o primeiro e decisivo passo para a mudança e aceitação de mim mesmo.

A atitude da auto-responsabilidade.

É o mesmo que sentir que tenho algum controle sobre a minha vida. Para tanto, preciso assumir a responsabilidade pelos meus atos e que eu alcance meus objetivos. A auto-responsabilidade é essencial à auto-estima, e também é um reflexo ou uma manifestação da mesma. Ela envolve as seguintes constatações:

Sou responsável pela realização de meus desejos. Se eu tenho desejos, depende de mim descobrir como satisfazê-los. Ninguém me deve a satisfação de meus desejos.

Sou responsável por minhas escolhas e meus atos. Sou o principal agente causal, na minha vida e no meu comportamento. Se as escolhas e os atos são meus, então eu sou a fonte dos mesmos. O contrário disso é a vítima que sempre joga a culpa dos seus erros e fracassos nos outros.

Sou responsável pelo nível de consciência com que trabalho.

Sou responsável pelo nível de consciência com que vivo os meus relacionamentos.

Sou responsável por meu comportamento com os outros colegas de trabalho, sócios, clientes, cônjuge, amigos e filhos. Fugimos da responsabilidade quando tentamos culpar os outros por nossos atos.

Sou responsável pela maneira como priorizo o meu tempo.

Sou responsável pela qualidade de minhas comunicações.

Sou responsável pela minha própria felicidade. Isso me fortalece e coloca minha vida de volta em minhas mãos.

Sou responsável por aceitar ou escolher os valores pelos quais vivo.

Sou responsável pelo alimento de minha auto-estima. Ela é gerada interiormente. Devemos ser adultos, tornamo-nos responsáveis por nós mesmos.

Temos controle de certas coisas; de outras, não. Preciso saber a diferença entre o que depende de mim e o que não depende. As características de auto-responsabilidade são orientadas para a busca de uma solução. Sempre encontramos dois tipos: os que esperam que os outros providenciem a solução, e os que assumem a responsabilidade de providenciá-la.

Na mesma proporção em que me esquivo da responsabilidade, causo danos à minha auto-estima. Ao assumi-la, eu a construo. Sem metas e esforços produtivos continuamos crianças para sempre. A auto-responsabilidade expressa-se numa orientação ativa diante da vida.

Praticar a auto-responsabilidade é pensar por si mesmo. Ninguém pode pensar com a mente do outro. A auto-estima saudável resulta numa inclinação natural para o pensamento independente.

Os outros seres humanos não são nossos servos e não existem para satisfazer nossas necessidades. Não temos o direito moral de tratar outros seres humanos como meios para nossos fins, assim como não somos meios para os deles. Nunca se deve pedir a uma pessoa que aja contra seus próprios interesses, da maneira como ela os entende.

A atitude de auto-afirmação.

Tenho direito de viver. A vida me pertence.

Auto-afirmação é honrar minhas vontades, minhas necessidades e meus valores, buscando formas apropriadas de expressá-las na realidade. É simplesmente uma disposição para ficar ao meu próprio lado, para ser abertamente quem sou, para tratar a mim mesmo com respeito em todos os meus contatos humanos. É recusar-me a falsificar a mim mesmo para ser apreciado.

Praticar a auto-afirmação é viver com autenticidade, é falar e agir de acordo com as minhas convicções e os meus sentimentos mais íntimos.

O primeiro e mais básico ato de auto-afirmação é afirmar a consciência. Fazer perguntas é um modo de auto-afirmação. Desafiar a autoridade é um ato de auto-afirmação. Pensar por si mesmo e defender seus pontos de vista pessoais é a raiz da auto-afirmação. Auto-afirmação sem consciência não é auto-afirmação. É dirigir bêbado.

Aspirar a alguma coisa não é auto-afirmação, mas levar as nossas aspirações até a realidade é ter valores não é auto-afirmação, mas se os buscarmos e defendermos no mundo, é um dos maiores auto-enganos é considerar-se um idealista ou alguém com valores sem tentar pô-los concretamente em prática, na realidade.

Em segundo lugar, praticar o auto-afirmação com lógica e consistência é estar comprometido com o direito de viver. Significa ter a vida nas próprias mãos. Significa ser responsável pela própria existência. Minha vida não pertence aos outros e não estou neste mundo para corresponder às expectativas alheias. Para tanto preciso estar convicto de que minhas idéias e vontades são importantes. Requer muita coragem honrar o que se quer e lutar para isso.

Terceiro ponto importante é que sem a auto-afirmação apropriada, somos expectadores e não participantes. A auto-estima saudável pede que entremos na arena, que estejamos dispostos a sujar as mãos.

Por fim, a auto-estima saudável envolve a disposição para enfrentar os desafios da vida, fazendo de tudo para vencê-los.

Um homem ou uma mulher realizados são os que se movem com sucesso ao longo de duas linhas de desenvolvimento, que servem e complementam um ao outro: a via da individuação e a via do relacionamento. Autonomia, de um lado; capacidade de intimidade e conexão de outro.

A atitude da intencionalidade

Viver sem propósitos é viver à mercê do acaso, porque não há critérios pelos quais julgar o que vale e o que não vale à pena. Nossa orientação para a vida é reativa em vez de pro-ativa. Somos náufragos à deriva. Ter propósito, em vez é estabelecer metas produtivas que correspondam às habilidades que se possuem.

Construímos nosso senso básico de eficiência através do domínio de formas particulares de eficiência relacionadas com a realização de tarefas específicas. São nossos objetivos que nos lançam para frente.

A eficiência fundamental não pode ser gerada no vazio; deve ser criada e expressada através de tarefas específicas e bem realizadas. Não que as realizações "provem" o nosso valor, mas o processo de realizar é o meio pelo qual desenvolvemos nossa eficiência e nossa competência perante a vida. Não posso ser eficiente num sentido abstrato se não o for para algo em particular, por isso, o trabalho produtivo tem o potencial de ser uma poderosa atividade de construção da auto-estima.

Viver de maneira intencional e produtiva exige que cultivemos dentro de nós a capacidade de autodisciplina, que, por sua vez, é a capacidade de organizar o comportamento ao longo do tempo, em função de tarefas específicas. Ninguém vai se sentir competente para vencer os desafios da vida se não tiver a capacidade de autodisciplina. A autodisciplina exige que se seja capaz de adiar uma gratificação imediata em nome de um objetivo remoto; Essa é a capacidade de projetar conseqüências futuras, pensar, planejar e viver a longo prazo. Nem um indivíduo nem um negócio podem funcionar bem, e muito menos progredir, sem essa atitude.

A atitude de viver intencionalmente envolve as seguintes questões:

Assumir a responsabilidade de formular conscientemente seus próprios objetivos e propósitos. Se quisermos ter o controle de nossa vida, precisamos saber o que queremos e onde desejamos chegar.

Preocupar-se em identificar os atos necessários para alcançar os objetivos estabelecidos. Devemos nos perguntar: o que preciso fazer? Que metas assumir? O sucesso na vida é para aqueles que agem.

Monitorar o comportamento para que ele esteja em sintonia com os objetivos estabelecidos. Se nos afastamos deles, às vezes é preciso voltar às intenções originais, outras vezes reformula-las.

Prestar atenção aos resultados dos próprios atos, para saber se eles levam ao que se quer chegar. Numa economia dinâmica, as estratégias e táticas de ontem não se adaptam necessariamente aos dias de hoje (a formação do passado não é a mesma de hoje).

A vida é impossível sem 'realização de objetivos'.

Viver intencionalmente é essencial a uma auto-estima realizada com plenitude. A raiz da nossa auto-estima não são nossas realizações, mas as atitudes geradas interiormente que, entre outras coisas, nos possibilitam realizar algo. Realizações produtivas podem expressar uma elevada auto-estima, mas não é sua principal causa.

Realizações produtivas podem expressar uma elevada auto-estima, mas não é sua principal causa.

Viver intencionalmente significa não fechar os olhos nem para o presente, nem para o futuro, mas integrar um e outro em nossas experiências e percepções. Corresponde de modo significativo à auto-responsabilidade.

A atitude da integridade pessoal.

Integridade e a integração dos ideais, das convicções, dos critérios e das crenças e do comportamento. Quando esse é congruente com os valores que professamos, quando os ideais e a prática se coadunam, temos integridade. Quando nos comportamos de forma conflitante com o que julgamos apropriado, perdemos o respeito por nós mesmos.

A maioria das questões de integridade que enfrentamos não são grandes, mas pequenas, e ainda assim o peso acumulado de nossas escolhas causa um impacto em nosso senso do self.

No nível mais simples, a integridade pessoal envolve questões como: sou honesto, confiável e fidedigno? Cumpro o que prometo? Faço as coisas que digo admirar e evito aquelas que deploro? Sou justo e claro na minha conduta com os outros?

Integridade significa congruência. Palavras e comportamento se equiparam. Há pessoas nas quais confiamos e outras nas quais não confiamos. Se buscarmos uma causa para isso, veremos que a congruência é fundamental. Confiamos na congruência e desconfiamos da incongruência.

Quando eu ajo em desacordo com o que eu mesmo considero certo, e se meus atos colidem com os valores expressos por mim, então estarei agindo contra o meu julgamento. Estarei traindo aquilo que penso. A hipocrisia por sua natureza, é auto-invalidadora. É a mente rejeitando a si mesmo. A falta de integridade debilita a mim mesmo e contamina meu senso de self. Prejudica-me como nenhuma outra censura ou rejeição externas poderiam fazê-lo.

Quando se trata de auto-estima, tenho mais medo de meu próprio que o de qualquer outra pessoa. Nos recônditos de minha mente, meu julgamento é o único que importa. Meu ego, o 'eu' no centro de minha consciência, é o juiz do qual não há como escapar. Posso evitar as pessoas que conhecem a humilhante verdade a meu respeito. Não posso evitar a mim mesmo.

A idéia de pecado original é antagônica à auto-estima por sua própria natureza. De maneira geral cinco passos são necessários para restaurar o senso de integridade com relação a uma falha em particular ou seja:

1. Temos de admitir o fato de que fomos nós que agimos de determinada maneira. Temos de encarar e aceitar a plena realidade do que fizemos sem recusar ou omitir nada. Admitimos, aceitamos, assumimos a responsabilidade.

2. Procuramos entender o que fizemos e por quê. Fazemos isso compassivamente, mas sem justificativas escapistas.

3. Se há outras pessoas envolvidas, e em geral há, reconhecemos explicitamente diante delas o que fizemos. Dizemos-lhes que sabemos quais são as conseqüências de nosso comportamento. Reconhecemos como foram afetadas por nossa conduta. E dizemos-lhes que entendemos o que sentem.

4. faremos tudo o que for possível para reparar ou minimizar o dano que causamos.

5. Prometemos firmemente comportamo-nos de modo diferente no futuro.

Quando percebemos que viver de acordo com nossos princípios pode estar nos levando à autodestruição, chegou a hora de questioná-los.

Nesse sentido, um dos aspectos mais positivos do movimento feminista é a insistência em que as mulheres pensem por elas mesmas sobre quem são e o que querem. Mas, tanto quanto as mulheres, os homens também precisam aprender a pensar de forma independente.

CARACTERÍSTICAS DE UM INDIVÍDUO COM ELEVADA AUTOESTIMA.

Não tem medo de comunicar seus sentimentos, emoções, reações, opiniões, pensamentos, etc.

Aceita as próprias realizações e as dos outros como resultado de trabalho e esforço pessoal, e como motivação para um crescimento contínuo.

Aceita os erros e as críticas como instrumentos de aprendizagem.

Aceita-se como é, sem frustrar-se ou gastar energias em recriminações, mas utilizando-as para sua contínua superação.

A curto prazo, não tem expectativas inatingíveis sobre si mesmo e sobre suas relações com os outros. Seu objetivo é a contínua superação, num limite aceitável e realista.

Sabe escutar de forma ativa e empática, e está aberto a qualquer mensagem que se transmita, inclusive críticas construtivas.

Reconhece, assume, processa e integra seus sentimentos de origem infantil, como culpa, medo, vergonha, orgulho e ressentimento, a respeito de si e dos outros.

Aceita que de sua auto-percepção depende poder desativar a virulência desses sentimentos, em qualquer momento que surjam.

É otimista, pois crê em sua capacidade de progresso e na dos outros e nas correspondentes relações. A partir dessa confiança, sua abertura à solução de problemas, situações conflitos toma-se automática.

É honesto e sincero. A sinceridade e a honestidade são consequência direta da empatia.

É tolerante e compreensivo. A tolerância e a compreensão são consequência direta da empatia.

É entusiasta.

Tem senso de humor.

Tem a necessária humildade, no sentido de reconhecer tanto as próprias limitações como as próprias qualidades e potenciais.

É corajoso e decidido.

É criativo.

É flexível.

É capaz de gozar as pequenas coisas da vida.

Tem capacidade de empatia, podendo realmente ver as coisas da perspectiva do outro.

Está aberto ao imprevisto.

É receptivo a novos conhecimentos.

Tem boa compreensão do processo de mudanças. A cada momento, algo nasce e morre, dentro e fora de nós.

Está aberto ao reconhecimento e à aceitação das diferenças pessoais de cada um, ao mesmo tempo em que reconhece e aceita suas semelhanças.

É consciente da interdependência de todas as coisas e pessoas.

É capaz de comunicar-se abertamente.

Tem mente criativa, analítica e inquisidora na busca de novas idéias e soluções alternativas.

É individualista no sentido do próprio desenvolvimento pessoal e social, ou seja, é consciente de que, apesar das semelhanças que temos em muitos aspectos, cada indivíduo é

singular, não tendo, portanto, de esperar que o outro se comporte de acordo com nossas exigências. Isso facilita o diálogo.

Sente-se comunitário, no sentido de promover a interação e a participação coletiva para um desenvolvimento global das relações e do meio.

Anseia pela auto-superação.

Tem convicções próprias, mas está disposto a mudá-las, quando for da sua conveniência ou dos demais.

Tem o dom da comunicação.

Está aberto à percepção e à interpretação positivas das pessoas com as quais interage.

Interessa-se com sinceridade e compreensão pela maneira de ser das pessoas.

Tem confiança na capacidade dos outros de resolver seus próprios problemas, ainda que se disponha a ajudá-los, se necessário.

Vê as pessoas como amistosas e favoráveis e não como ameaçadoras e hostis.

Respeita a todos, considerando que cada um tem sua própria integridade, dignidade e motivação positiva.

Procura os aspectos positivos de cada um.

Aprecia e desfruta a interação com as pessoas, em vez de considerá-la uma ameaça à sua segurança.

Confia em si mesmo e em sua capacidade de resolver a problemática de sua vida.

Diante das dificuldades, não perde tempo nem energias preocupando-se ou queixando-se, mas buscando soluções.

Considera a vida terrena um dom, não uma carga.

Não é rancoroso.

Não se deixa distrair ou imobilizar por sensações passadas de culpa, medo, ansiedade, insuficiência, vergonha etc; integra-os e vive o aqui e agora, num clima de aceitação da realidade e de superação pessoal.

Não julga as pessoas, mas seus comportamentos, e sempre de forma construtiva. Ajuda os outros a encontrar suas próprias soluções e superações, em vez de tentar controlá-los.

Compreende e justifica, no lugar de condenar.

Aceita os outros como são, em qualquer circunstância, ao invés de rejeitá-los.

É positivo e age de maneira otimista.

Exige muito de si mesmo, considerando seus próprios limites e, ao mesmo tempo, a própria tendência e capacidade de superação pessoal.

Tem capacidade de organização.

Consegue prever soluções e agir a partir disso, ainda que esteja aberto a improvisações.

Atua segundo planos e objetivos gerais, mas ele se permite improvisações quando parecem necessárias.

Convicto da interdependência de todas as coisas tem curiosidade em todos os campos.

É consciente da importância da saúde física, mental e espiritual.

ENDORFINAS

O que são as endorfinas?

Elas são substâncias bioquímicas analgésicas segregadas pelo cérebro que executam um papel essencial no equilíbrio entre o tônus vital e a depressão. Delas depende o nosso estado emocional, em estarmos bem ou mal.

Ao longo do corpo encontramos fechaduras para as endorfinas, que nós chamamos de receptores de endorfinas. Esses estão presentes no coração, na pele, no cérebro, no pâncreas, nos rins, etc. As enxaquecas e as dores de cabeça correspondem a uma diminuição das endorfinas.

São agentes bioelétricos transmissores de energia vital. Seu fluxo procede do cérebro que os cria e os dirige. As mãos acalmam a dor com carícias e carinho.

Endorfinas e Encefalinas. A solução da dor sempre foi um campo de pesquisa. Sabemos que os derivados do ópio acalmam a dor, mas criam dependência e efeitos colaterais. Em 72, Aleil descobriu que existia uma morfina interna produzida pelo animal, capaz de atuar sobre seu próprio organismo. As endorfinas são um sistema químico definido que atua dentro de toda a estrutura cerebral.

As endorfinas e a cura. A medicina sempre discutiu sobre o modo de curar uma doença. Quem cura realmente, o corpo ou o fármaco administrado pelo médico? Existe um equilíbrio de importância, segundo uma série de conclusões. O importante é manter em ótimo estado os mecanismos imunológicos do corpo. Qualquer tipo de tratamento será favorecido, se o nosso corpo for capaz de fabricar endorfinas com normalidade. A imunidade geral, ou seja, o conjunto das defesas do organismo, beneficia-se do fluxo correto das endorfinas. Todos temos em nosso corpo um elevado número de células, potencialmente cancerígenas, que nosso sistema imunizador encarrega-se de vigiar e eliminar. Não é o vírus o principal causador das doenças, mas a nossa incapacidade para defender-nos dele. Não é imunidade endorfinas, mas ambas estão muito ligadas.

O efeito placebo e as endorfinas. (placebo, do latim, significa agradarei).

A auto-sugestão, ao tomar uma aspirina, na certeza de que vai fazer bom, é sinal do efeito placebo. Que a simples aspirina possa acalmar dores nas quais a morfina já não dá resultado, não depende obviamente da aspirina, mas de algo que se encontra no interior do doente. Existe uma relação entre as endorfinas e o efeito placebo. Há uma estreita relação entre o efeito placebo e a confiança que o doente tem no médico e na medicação. As endorfinas exercem um papel essencial no efeito placebo; os placebos amargos apresentam melhores resultados.

Se o paciente está convencido que determinado medicamento lhe fará bem, provavelmente será assim, ainda que esta seja uma aberração do ponto de vista farmacológico. A cura pela fé também acontece; os casos de curas pela fé caracterizam-se por estados emocionais fora do normal. A ansiedade aumenta o sofrimento, o contrário, diminui a dor.

As endorfinas e o stress

Desde que o ser humano existe, a vida está cheia de stress e esta pode manifestar-se de muitas maneiras. Assim foi desde o homem das cavernas até hoje. Tudo aquilo que nos impede de 'fluir' de um modo espontâneo e natural, provoca-nos uma reação, então, somos obrigados a enfrentar o fato e adaptar-nos - é o stress. Qualquer mudança importante em nossa rotina diária é geradora de stress. A felicidade está na capacidade de enfrentar e superar essas situações.

O stress pode definir-se como um conjunto de fatores e atitudes que submetem o corpo e a mente a uma verdadeira erosão. Entre os fatores mais estressantes encontram-se os de natureza emotiva. O stress é de ordem essencialmente psicológica. A reação ao stress, e a capacidade de adaptação às situações agradáveis e desagradáveis nessa vida dependem do grau de 'inchaço' em que se encontra o nosso ego.

No mundo moderno nada permanece, tudo muda e esta troca constante parece ser a fonte mais comum do stress. Quando esses fatos acontecem ao mesmo tempo ou em rápida sucessão, o mecanismo de adaptação física e mental do indivíduo sofre uma pressão excessiva, então, o nível de stress aumenta. Em períodos de instabilidade ou recessão econômica, é normal que os níveis de stress agravem-se bastante.

O seu tratamento geralmente é à base de calmantes ou estimulantes, mas seus efeitos secundários podem causar ainda mais stress. A única maneira de compensar esse problema, em

vez de combatê-lo, consiste em ajudar o corpo a segregar normalmente as endorfinas necessárias.

O stress positivo: O stress é estimulante e interessante. Se o fluxo de endorfinas é constante e adequado ao stress gerado, este se torna estimulante: é o stress positivo, que adentra em nossa capacidade normal de adaptação e cria em nosso organismo uma resposta no sistema nervoso vegetativo que nos estimula e tonifica. O stress negativo, pelo contrário, faz com que nos sintamos sobrecarregados além das nossas forças: é a estafa.

Quando conseguimos suportar os desafios que a vida nos propõe e notamos que o perigo nos excita, vivemos um estado de stress positivo, estamos eufóricos; ele nos permite triunfar, crescer, aprender e, usufruir, de acordo com a nossa vontade. Não podemos forçar a máquina para ir além das suas forças.

O homem moderno consome muito mais energias, com possibilidades de esgotamento das reservas. Isso eleva a probabilidade de buscar substitutos para os prazeres naturais: consome mais televisão, mais tabaco, mais álcool e mais droga a cada ano que passa.

É preciso descobrir qual o sistema que se ajusta melhor à nossa personalidade para ajudar-nos a viver sem stress. Para alguns será a Ioga, o Tai-Chi ou a meditação, para outros a massagem e para outros um esporte ou um hobby.

Como controlar o stress: Existe só um método: equilibrar o fluxo de endorfinas em nosso organismo. Um sistema essencial é o relaxamento. Para isso, devemos mudar o nosso sistema de vida, fazendo funcionar de outro modo o dia-a-dia. Se melhorarmos nosso estilo de vida, conseguiremos atenuar os fatores que geravam o stress. Um bom exercício consiste em fazer um repasse periódico de nossas convicções, de nossas atitudes, crenças e escala de valor. Um corpo sadio e treinado pode ajudar muito a reduzir o stress. Caminhar 20 minutos cada manhã, nadar, fazer esporte, são práticas altamente positivas. O stress é uma forma de endurecimento. Outro aspecto essencial é a dieta. Relaxar - interiorização e meditação.

As endorfinas e as drogas: As endorfinas são um verdadeiro veículo de prazer, da euforia e da sensação de felicidade. O homem desde que abandonou o paraíso, procura fora dele o que já tem em seu interior (as drogas são externas). Quem consome a heroína ou morfina, está tentando provocar externamente o que seu organismo deveria fazer em seu interior. No começo, a droga provoca sensação de felicidade, euforia (é como estar de férias) e relaxamento. Depois de um tempo a pessoa não se 'pica' mais para sentir prazer, mas para evitar a dor e o stress. No período de reabilitação, a única maneira de salvar esses doentes seria levar em conta a estimulação da secreção de endorfinas.

As endorfinas são nossa morfina interna. Para poder tirar algo de alguém é preciso oferecer algo em troca, de preferência alguma coisa da qual ande escasso e, no caso que nos ocupa agora, esse algo são as endorfinas. Elas são um produto natural, algo que não se compra, não se vende e não se pode negociar. É o próprio organismo que as fabrica de dentro.

Além da droga, exerce um efeito negativo no corpo, tanto o álcool como o tabaco. O mais perigoso do álcool é que sob seus resultados produz-se uma perda do controle da vontade e dos reflexos, cujas conseqüências são imprevisíveis. Muitos para relaxar bebem e o álcool produz calma e relaxamento. O hábito crônico de consumir álcool anula a capacidade do corpo de manter corretamente o fluxo de endorfinas no organismo. Quando procuramos o álcool para lutar contra o stress, o que realmente estamos querendo é uma sensação de calma e de relax que está em nós. Bebendo nos sentimos mais soltos, mais livres, com a ilusão de que afastamos os nossos complexos e problemas. É uma fuga e alívio momentâneos.

Se depois da tempestade vem a calmaria, no caso do álcool, depois de uma calma artificial, virá uma tempestade. Ele pode fazer esquecer um problema, mas uma questão esquecida não é

uma questão resolvida. O tabaco também reduz a secreção das endorfinas. Fumar gera em nosso organismo uma reação de stress que comporta todas as conseqüências positivas e negativas do stress. Para parar de fumar, a acupuntura pode ser útil. Junto a isso, a corrida, os exercícios físicos, as massagens, sobretudo na planta dos pés.

As endorfinas e o riso: 'Rir faz bem para a saúde', assim como levar as coisas com humor, positivamente, sem projetar negatividade, ajuda a viver uma vida mais plena (exemplo do executivo de Nova Iorque). Rir nos ajuda a encarar a existência de um modo mais positivo. Diante de uma pessoa deprimida, o melhor modo de ajuda-la é faze-la rir. O humor, com a sua irracionalidade, tem algo que ajuda o desbloqueio psicológico.

Rir provoca um relaxamento que favorece a produção de endorfinas. Uma atitude positiva e um certo toque de bom humor perante a vida implica em uma bioquímica equilibrada e, uma bioquímica equilibrada contribui para que nossas glândulas segreguem corretamente os hormônios que devem congregiar. Um tratamento contra a dor surpreendente e afetivo é a gargalhada. Um simples sorriso emite uma informação que ativa a secreção de endorfinas no cérebro. Contar piadas, fazer uma brincadeira, ver um filme engraçado ou ler uma história divertida, podem ser excelentes remédios para o nosso corpo e nosso espírito. E sem efeitos colaterais.

Diante da seriedade, da dureza da vida, adote uma atitude solene: ria. É a única coisa inteligente que pode fazer. Quando conseguir encarar a vida como deve ser, ela será um fluir constante de prazer e alegria, um perpétuo renascer. É preciso ver as duas faces da mesma moeda. Aprenda a ver a verdade na mentira, o bem no mal, a oportunidade que inevitavelmente se encontra em qualquer dificuldade. Tudo aquilo que à primeira vista parece negativo, tem seu lado positivo. Não caia na armadilha de julgar de modo prematuro o que lhe acontece ou as pessoas que encontra no seu caminho. Vá até o fundo das coisas, além das aparências.

A negatividade e as endorfinas: Uma atitude negativa, pessimista e sombria, bloqueia o sistema de secreção das endorfinas. Para ter êxito e ser feliz, é preciso ser positivo, encarar a vida com humor e dinamismo. Para os otimistas e confiantes, a vida será uma sucessão de interessantes descobertas; para os pessimistas, a vida será um caminho sombrio e cheio de dificuldades. Quando nos bons momentos fabricamos endorfinas, nos maus, elas escasseiam.

A saída da depressão não está fora de nós mesmos, mas em nossa própria capacidade de reagir, produzindo endorfinas para alcançar, novamente, o equilíbrio perdido. Quando abaixa, invés de álcool ou droga, vamos ver um filme, conversar com um amigo. A depressão é uma limitação, uma frustração. Para vence-la, é preciso nos conhecer melhor, aprendendo a nos amar e nos aceitar tal qual somos.

A vida é cheia de obstáculos. Transpô-los não é somente algo excitante ou edificante, como um prêmio ou bater um recorde, mas é algo que estimula em nosso organismo a secreção de endorfinas.

A droga da felicidade: A vida humana gira em torno da busca da felicidade. É normal. Em alguns momentos nos sentimos bem, estamos eufóricos e isso é resultado da ação das endorfinas. Exemplo daquele executivo (squash), onde o exercício mudou a sua vida. Arriscar-nos, apaixonarmos, fazer aquilo que realmente tínhamos vontade de fazer, passando por cima das insuportáveis barreiras da rotina, dos preconceitos e tabus, contribui para melhorar a secreção das endorfinas. As endorfinas causam prazer e aquilo que nos causa prazer estimula a fabricação e o fluxo correto das endorfinas.

Altos níveis de endorfinas estão associados ao otimismo e ao bem-estar. Nossas escolhas, tanto afetivas como mentais, desempenham um papel significativo no equilíbrio bioquímico do

organismo. O que vemos e o que ouvimos é transformado no nosso cérebro em mensagens bioelétricas.

Essas mensagens encarregam-se de estimular a formação das endorfinas. Nesse mecanismo, a memória desempenha um papel primordial. Temos medo de coisas já conhecidas. O medo, a dor e o prazer são memória; somente a surpresa está além do conhecido. A dor psicológica relembra fatos já conhecidos, vividos na infância, lembra-nos antigos sofrimentos. No prazer, recordamos um momento de intensa felicidade. Lembranças adversas inibiram a fabricação ou o fluxo das endorfinas no organismo, e por isso, voltamos a ter as mesmas sensações desagradáveis de outrora. No caso do prazer, acontece o contrário.

Para que as endorfinas possam fluir livremente, através do nosso organismo, é imprescindível praticar relaxamento de forma periódica. Um bom exercício consiste em praticar técnicas de relaxamento antes de dormir. Na cama, antes de dormir, devemos concentrar nosso pensamento na ponta dos pés, senti-los e Relaxar. Quando os pés estiverem relaxados, faremos o mesmo com os tornozelos, os joelhos, as pernas. Depois o tronco e todo o corpo. Esse relaxamento será muito reparador, com um sono relaxante instaurador.

Como segregar as endorfinas: As boas lembranças são um poderoso 'criador' de endorfinas. É a chamada 'visualização criativa'. Podemos ajudar a fabricação das endorfinas de duas maneiras: praticando relaxamento, ou forçando o organismo. A prova do benefício do relaxamento é que geralmente dormimos. Após esse exercício, muitas situações prazerosas se farão presentes, tais como, escutar um disco preferido, incensar o ambiente, ligar para alguém especial, ler novamente um livro; outros sentirão fome, vontade de ver uma partida de futebol ou fazer amor.

Um simples exercício nos servirá para auxiliar o corpo a fabricar endorfinas. Devemos, então, recordar coisas agradáveis. Descrevemos no papel as sensações prazerosas vividas. Deixamos então sentir em nós as reações produzidas no corpo e na mente no momento das lembranças agradáveis. Outro exercício útil é visualizar as endorfinas.

Também podemos 'forçar' o organismo a segregar endorfinas. É o caso dos esportes que exigem muito de nós, como a corrida ou o squash. Em geral, quando aceitamos um desafio e vamos além de nossas forças, a sensação de plenitude que experimentamos depois, é conseqüência das endorfinas produzidas durante essa atividade.

Devemos fazer todo o possível para lembrar quais imagens nos causam prazer e felicidade para poder aproveitá-las posteriormente. O mar tranqüilo, as águas de um lago, o azul do céu, o olhar da criança, a beleza e perfume de uma mulher, tudo ajuda a lembrar aquilo que em determinado momento causou-nos felicidade. Uma lembrança da pessoa amada tem um enorme valor emocional.

Se quisermos ativar a secreção de endorfinas devemos começar a nos conhecer melhor, ter certeza dos nossos gostos, saber o que nos gratifica. Se gostarmos de comer, devemos tentar ser mais conscientes e saborear nossa comida sem pressa. No transcórrer da refeição todas as conversações devem ser positivas. É aberrante ver tanta gente comendo e assistindo programas de televisão. Após a refeição, o mais apropriado é um passeio tranqüilo, continuando a conversação iniciada anteriormente.

Talvez o que mais nos dá prazer é escutar música. Ouvir música antiga faz-nos lembrar de coisas muito positivas. O rumor dos pássaros, de um rio, as ondas do mar ou o farfalhar das folhas secas que caem no outono, podem ser muito agradáveis se soubermos escutar. Também nós somos capazes de segregar endorfinas cantando. O nível de endorfinas presente em nosso corpo está estreitamente ligado às cordas vocais. Uma música desafinada pode também ocasionar sérias perturbações.

A leitura pode ser nosso centro de interesse; ou então, a prática de esportes. Quando possível, devemos praticar o esporte escolhido ao ar livre. A corrida gera uma enorme quantidade de

endorfinas. Pessoas que parecem enfrentar o stress, sem problemas, possuem endorfinas parassimpáticas mais constantes e resistentes; pessoas altamente irritáveis parecem sofrer de carência de endorfinas.

É importante encontrar a característica que nos deixa felizes: estar apaixonado, dar um presente ou recebê-lo, ser bem tratado, etc. Nestes momentos estamos mais pré-dispostos a fabricar endorfinas. Ficamos então mais sensíveis e pacientes, pois se realizou em nosso organismo o equilíbrio bioquímico necessário. A imaginação é uma força muito poderosa por causa de sua conexão com a bioquímica cerebral. Um elevado número de doenças são de natureza psicossomática.

A felicidade requer um restabelecimento do fluxo correto de endorfinas em nosso organismo. Essa recuperação só é possível quando conseguimos que a mente e o corpo trabalhem em conjunto. O antigo provérbio latino 'mens sana in Corpore sano' oferece-nos o segredo da felicidade. Quando estamos sadios física e mentalmente tudo funciona melhor em nossa vida. Esse é o segredo, e ele está em nós...

O segredo está em nós...

Todo ser humano normal almeja ser feliz. É um desejo inconsciente, mas não se pode confundido com satisfação pessoal. Às vezes, frente às contrariedades da vida, não conseguimos reagir. Cedemos então à depressão ou à angústia. Anunciam-se diversos modos para sermos felizes, através de propagandas de consumo. Muitos doentes tomam-se compradores compulsivos de coisas desnecessárias. Acabam associando a felicidade com o objeto em si e não em si mesmo, em sua própria capacidade de usufruí-lo.

Nosso potencial para ser felizes encontra-se exclusivamente em nós; Os mestres espirituais de todos os tempos já o disseram e repetiram: o segredo está em nós. Ser feliz é uma questão de qualidade de vida. Ser feliz é uma questão de equilíbrio, de estar em paz consigo mesmo, com nossos desejos, com nossas aspirações, até com nossos sonhos. Trata-se de aprender a ver o lado positivo das coisas e de aproveitar as oportunidades que a vida nos oferece. A felicidade se respira dentro de nós, e o 'oxigênio da felicidade' são as endorfinas. O segredo está nas endorfinas.

O otimismo é a melhor couraça contra os ataques externos que nos deixam infelizes e abatidos. Até nos piores momentos de nossas vidas, devemos lembrar que cada um de nós é especial e somos todos uma parte desse mundo maravilhoso. É preciso rebelar-nos contra o tédio e a depressão!

Fabrique endorfinas e embriague-se com a vida!

Básico da auto-estima. A pessoa segura de si e de suas possibilidades atreve-se a agir e agindo, obtém resultados. É um fator de motivação para o trabalho. Quando estou seguro de mim, sinto-me livre para pensar, agir ou reagir. A atitude positiva na relação com o outro gera segurança nele.

O indivíduo inseguro manifesta excessiva timidez; é muito nervoso; frente a situações exigentes, facilmente se estressa, manifestando dores localizadas; ressentimento e oposição verbal e física contra qualquer autoridade; considera-se injustiçado; é avesso a novas experiências; tem dificuldade de aceitar mudanças, em ser espontâneo; prefere o benefício imediato.

O indivíduo seguro é aberto à comunicação consigo mesmo e com os demais; sente-se à vontade no contato físico com pessoas que estima; assume riscos; confia nos outros; está disposto a aceitar as injustiças; aceita as diretrizes que são impostas; está aberto à interação mútua e respeitosa com os outros.

A pessoa segura de si mesma, pode ser modelo, um amigo, um conselheiro. Na interação aberta e positiva; reside uma das chaves da segurança do formador com os formandos. Para

tanto, o educador precisa estar seguro do seu valor e importância como pessoa. O uso da autoridade é sinal de insegurança. A humildade é sinal de segurança pessoal.

Muitos educadores necessitam de preservar aquela imagem de autoridade, que no fundo é fruto do ego do indivíduo. Um trabalho pessoal para ampliar sua segurança pode eliminar essas exigências, motivando o educador a se permitir atuar na vida com uma visão de si mesmo baseada na consciência da própria realização e humildade.

Auto-conceito

É bom entendermos como vemos ou percebemos a nós mesmos, como indivíduos ou pessoas. Em geral o nosso auto-conceito se desenvolve a partir da maneira como fomos percebidos e tratados pelos pais e demais membros da família.

A pessoa com auto-conceito limitado tem preocupação exagerada em agradar os outros; costuma incomodar-se com sua aparência física; faz uso de desculpas e mentiras para justificar determinado comportamento; sente-se incomodado quando o cumprimentam; tem dificuldade em expressar sentimentos e emoções; queixa-se dos outros e os responsabiliza por situações vividas; sente-se vítima das circunstâncias; é hipersensível; sente o seu trabalho muito pesado; não é causa, mas efeito; Tem ilusões e manias de grandeza ou de superioridade; tem limitado conhecimento de si mesmo; tem uma linguagem não verbal reveladora; tende a criticar a si mesmo e aos outros; sente-se incomodado com os esforços físicos; sente-se inadequado e inferior.

Sujeito com bom auto-conceito: sabe que pode confiar em si mesmo e nos outros; é seguro de si; sente-se à vontade sob o olhar dos outros; aceita bem qualquer mudança; está pronto para tomar decisões; o medo de críticas não o afeta pois sabe quem é, como é e o que quer. O educador com bom conceito de si mesmo, aceita mais facilmente o educando, reconhecendo valores nele, reservando-lhe tempo de escuta. Acredita na mudança do outro; lembra-se de suas datas importantes; não rotula ninguém; busca o auto-conhecimento; valoriza a capacidade do outro; cria ambiente positivo.

Sentimento de pertença e Integração

Significa estar satisfeito com as pessoas; sentir que fazemos parte de um grupo familiar, de amigos, de trabalho, de diversão, de estudo e que contribuímos para ele. A auto-estima é uma característica que se desenvolve socialmente, ainda que no interior de cada um. As pessoas que vivem solitárias, falta-lhes esse senso de pertença, e uma carga de auto-estima poderia ajudá-las, levando-as a novos relacionamentos.

A pessoa com facilidade para integrar-se sente-se à vontade em todos os contextos e está capacitada e motivada para envolver-se e criar ambientes de pertença com todos e em todas as situações. É ainda capaz de fazer amizades em qualquer contexto.

Quem tem negativo sentimento de pertença isola-se; tem dificuldades em manter amizades; prefere objetos a pessoas; é prepotente; não está disposto a compartilhar; gaba-se; é influenciado facilmente; não tem iniciativa num grupo; tende a competir e não a colaborar; prefere a crítica destrutiva.

Quem tem positivo sentimento de pertença gosta de colaborar, contribuir e participar ativamente; é sensível com os demais; pronto a cooperar e compartilhar; sente-se à vontade em todos os grupos; consegue a aceitação dos demais; demonstra características sociais positivas; sente-se valorizado pelos demais; aceita as pessoas como são; é motor de sua própria ação.

Sugestões: promover situações em que todos possam trocar idéias e pontos de vista no grupo; criar contextos em que os educandos com dificuldades de expor-se tenham a oportunidade de sobressair; criar contextos em que os educandos aprendam a ser líderes e apreciem tal função; procurar, promover e criar situações em que os educandos possam ajudar

aos demais; criar um ambiente de atenção, interesse e aceitação geral; criar situações que permitam ao educando compartilhar com os demais detalhes de sua vida pessoal (a dinâmica das caras...sorridentes, tristes, irritadas; e tranqüilas).

Finalidade ou motivação

Agimos, em geral, baseados em algumas motivações que fazem nossa atuação parecer-nos oportuna, necessária e inevitável. Quando criamos Motivações suficientes para modificar determinado comportamento, fazemos tudo para consegui-lo.

O primeiro elemento de motivação é o prazer e a fé em sermos capazes de fazer aquilo a que nos propomos; estamos convencidos do que queremos. Para a realização de qualquer atuação pessoal é preciso acreditar em sua possibilidade.

O educador ou educando sem motivação demonstra falta de iniciativa; no seu íntimo sente que não é capaz de realizar; parece estar sempre aborrecido; sente-se inútil e incapaz; dá desculpas para não atuar; tem dificuldades em tomar decisões; não se preocupa com a qualidade do trabalho que faz, mas procura apenas ficar livre dele; não assume suas responsabilidades e atribui seus fracassos aos outros ou às circunstâncias; não é ativo, mas reativo.

A pessoa que tem motivação sabe agir para chegar aonde quer chegar; está motivada a empreender novas atividades; toma decisões e inicia novos projetos; responsabiliza-se por suas ações; define objetivos realistas e os persegue; é ativo; é consciente de seu contínuo processo de aprendizagem.

Para tanto, é importante criar contextos em que cada um possa descobrir a si mesmo fazendo coisas bem feitas e dignas de elogio; identificar objetivos a curto, médio e longo prazo; dinâmicas onde cada um se permita imaginar, criar, e até sonhar; organizar o uso do tempo; expressar e verbalizar confiança e reforço na capacidade e disponibilidade para a ação, imediatamente após a ação e conquista de resultados; dizer o que foi bem feito, em vez de pontuar seus erros.

A melhor motivação para atuar reside na confiança na própria capacidade e possibilidade de ação e de êxito.

Competência

É importante reconhecer em nós o muito que sabemos e ao mesmo tempo, o muito que podemos aprender ao longo da vida. Ver que aquilo que já fizemos nos dá segurança e nos projeta para o futuro.

No que diz respeito à competência, essa significa ter consciência de que aprendemos e somos capazes de aprender, estamos aprendendo continuamente e temos um potencial de aprendizagem ilimitado.

Para o educador a competência é um forte elemento motivador de segurança e de seu auto-conceito como pessoa capaz; Precisa entender a competência como um campo vivencial mais amplo e de perspectivas que realcem sua visão de si mesmo e de sua vida.

O indivíduo incompetente depende excessivamente dos outros; não tem o sentido de criatividade; acredita que o êxito depende mais da sorte e dos outros que de si mesmo; não aceita como positivos os pequenos progressos; não concebe alternativas ao que está fazendo; preocupa-se com o futuro em vez de agir no presente; renuncia facilmente a continuar o que está fazendo; falta-lhe, em geral sentimento de segurança; não aceita que erros são ensinamentos; utiliza frases como não sei, não posso, não sou capaz; não sabe pedir apoio aos outros quando compreende que não pode fazer sozinho; resiste em contribuir com idéias e opiniões; não ousa correr riscos; duvida de qualquer vantagem ou sucesso seu ou dos outros; tem dificuldades em aceitar fraquezas suas e dos outros; age de forma incompetente em contextos ou áreas que poderia ter aprofundado; não se compromete com trabalhos ou tarefas por medo de falhar ou cometer erros; tem dificuldade em reconhecer suas habilidades e dons; não sabe perder e,

superestima seus erros; demonstra freqüentes frustrações, renúncias, resistências, devaneios pouco construtivos e auto-enganos.

O sujeito competente busca sua auto-superação e aceita os respectivos riscos; é consciente de seus dons, virtudes e fraquezas; toma iniciativas e sente-se motivado a agir, mesmo correndo riscos; compartilha seus gostos, idéias e opiniões com os demais; tem espírito esportivo e aceita a derrota como lição para superar-se; busca a colaboração e a auto-superação; reconhece seus êxitos, valoriza-os e é capaz de falar positivamente sobre eles sem medo de ser considerado presunçoso e orgulhoso.

Cada um dos cinco componentes tem sua própria função e é preciso ter cada um deles em doses suficientes para nos considerarmos pessoas com elevada auto-estima, realizadoras e sem limites. Vale a pena ousar nesse processo ou, pelo menos, tentar. Os resultados podem ser mais ou menos rápidos e importantes, mas até o menor progresso pode modificar nossa vida. Ninguém, até agora arrependeu-se de tê-lo feito, e todos os que nele permaneceram transformaram-se em promotores e defensores da idéia básica de um clero com elevada auto-estima, como a única solução rápida e viável que conhecemos para uma transformação real e efetiva da sociedade.

AUTO-ESTIMA: HUMANIZAÇÃO DO EDUCADOR VOLUNTÁRIO

Gostaria de iniciar essa reflexão trazendo um texto maravilhoso do educador espanhol, F. SAVATER: "a principal tarefa da humanidade é produzir mais humanidade. O principal não é produzir mais riqueza ou desenvolvimento tecnológico, todas as coisas que, por outro lado, não são desprezíveis. Mas o fundamental da humanidade é produzir mais humanidade, é produzir uma humanidade mais consciente dos requisitos do ser humano". O autor quer afirmar que a educação deve ensinar as pessoas a viver humanamente.

MOUNIER, um grande pintor francês assim expressa sua visão de educação: "uma educação que desperte o ser humano que temos dentro de nós, que nos ajude a construir a personalidade e dar rumo à nossa vocação no mundo - aprender a viver como seres humanos, de aprender a amar e ser livres, de despertar uma nova consciência".

Ou como diz o grande filósofo alemão HABERMAS: "despertar uma nova consciência encaminhada para a transformação de uma sociedade supertecnificada e irracional numa sociedade humana e racional, na qual os homens sejam capazes de determinar livremente qual é o sentido de suas vidas, como querem viver".

Viver é fazer-se, construir-se, inventar-se, desenvolver os talentos e possibilidades, chegar a ser autenticamente livre. Deram-nos a vida, mas não no-la deram pronta. Está em nossas mãos a possibilidade de gastá-la na banalidade e na mediocridade, ou de enchê-la de plenitude e sentido.

Diz Manuel BARROSO: "a observação e a experiência me levaram à crença de que a maioria dos humanos vive e morre alheia a si mesma, a saber quem é. Ignora sua identidade, seus objetivos, suas necessidades ou para que e por que vive".

A educação humanizadora deve ensinar a viver, a defender a vida, a assumi-la como tarefa, como projeto. O único conhecimento realmente importante é o conhecimento de si mesmo e isso já nos ensinava Sócrates: "nosce te ipse".

O educador voluntário, no seu trabalho com aquele que sofre, deve ter como convicção, pautada no seu jeito de ser e conduzir a história, de que a vida é um DOM. E se é dom, é gratuidade. Ninguém se dá um dom, mas o recebe como algo a ser colocado a serviço dos outros. O dom é para ser partilhado, dividido, colocado em comum. A vida como dom - pessoal, único, intransferível - cada pessoa brilha com luz própria, é um fogo único.

A vida é o dom mais fantástico e maravilhoso, base de todos os outros, que nos foi dado gratuitamente, como o mais sublime presente. Somos pessoas únicas e irrepetíveis, com um corpo próprio, sentimentos, aspirações e sonhos que são somente nossos.

A humanização deve passar, permear uma educação que cultive em todos nós a capacidade de admiração, gratidão e humildade. O educador voluntário deve cultivar em si mesmo essas qualidades indispensáveis, sobretudo num mundo que prioriza o visível, a aparência, a cobrança, a competitividade, a eterna insatisfação.

1) Cultivar a admiração (em si mesmo e nos outros)

Somos um mistério no meio dos mistérios, em um mundo de surpresas e assombros. Como diz Einstein, "podemos viver como se não existisse o mistério ou viver como se tudo fosse mistério".

A cultura pós-moderna é light e nos leva a admirar bugigangas, objetos superficiais e banais (coisas líquidas e passageiras). Em seu livro belíssimo "Amor Líquido", BAUMANN fala de uma sociedade que perdeu a solidez, o perene, e vive num mundo descartável. As relações humanas acabam sendo influenciadas pela cultura vigente. É preciso devolver às pessoas o encanto pelo mistério. Admirar é se encantar com o mistério que se esconde em tudo (água, pedra, riacho, vento...). Tudo é milagre em nós.

Deram-nos a vida para que gozemos a canção da brisa, a sinfonia da chuva, o murmúrio das águas entre as pedras, a gritaria dos bosques, o sol na pele, os beijos calados das flores, os sorrisos dos anciãos e das crianças. Cada um de nós é um monte de prodígios.

Somos, em primeiro lugar, CORPO. A vida se faz, se sente, se desfruta e se sofre no corpo. Torna-se fundamental admirá-lo como ele é, nesse tempo de ofertas milagrosas de beleza e de invasão de produtos que vendem a ilusão de um corpo perfeito e o sonho de uma juventude eterna. Não aceitar o corpo como ele é, é no fundo um reflexo da negação de si mesmo. Educador que humaniza respeita o seu corpo assim como ele é, dom de Deus. Ele é perfeito, pois criado pela perfeição divina. A humanização passa e se reflete no corpo.

O corpo, como diz a Bíblia, é o Templo do Espírito Santo. É a manifestação externa daquilo que somos e carregamos dentro de nós. É a expressão do nosso mais profundo mistério, do nosso íntimo, das nossas certezas e convicções.

Nosso corpo são os OLHOS que se abrem à luz para contemplar a beleza do universo. Como diz um provérbio oriental: "se você olha uma árvore e vê somente uma árvore, não sabe observar. Se você olha uma árvore e vê um mistério, então você é um bom observador".

Olhos com a capacidade de contemplar a dor alheia, o rosto da opressão e da injustiça, os lampejos de bondade e de generosidade de tantas pessoas boas. Olhos que podem se oferecer para ser luz, para iluminar caminhos de esperança, para ajudar a ver a realidade sem medo. Como diz BARROSO: "os olhos são janelas do corpo. Olhar de frente é responder por si mesmo, ser responsável. Os olhos são portas da auto-estima.

Nosso corpo são os OUVIDOS com os quais podemos desfrutar o canto dos pássaros, seus gorjeios e os risos das crianças, a sinfonia dos oceanos, o bramido das tormentas, a melodia das palavras e do amor. Ouidos para escutar os lamentos dos pobres, a gritaria da miséria, os queixumes da terra, os rugidos da violência e as guerras.

A escuta empática é simplesmente essencial e indispensável na relação com o outro, em vista de uma humanidade mais acolhedora e fraterna. Empatia, ou seja, do grego - en: dentro; pathos: sentimento. Ou seja, dentro do sentimento do outro. É um desvestir-se e vestir a roupa do outro. Ter compreensão empática é ir além da simples apreensão verbal e do mero entendimento fático. A conversa não-diretiva é o meio utilizado pelo educador para ir mais além e atingir os significados, sobretudo emocionais, como se encontram no mundo subjetivo do outro.

A compreensão empática só tem lugar de fato quando existe uma consciência aguda de separação: eu não sou o outro. Apenas ajo como se fosse. Mas, na verdade, somos duas individualidades, dois seres diferentes que se comunicam. A identificação empática é a confusão entre o tu e o eu, gerando ambivalências e angústias.

Compreensão empática não é igualdade de mundos subjetivos. É uma comparação: uma aproximação entre eles. Os pensamentos e os sentimentos que o outro me revela pertencem a ele e não a mim, e são originados em experiências e percepções próprias, que em hipótese alguma, eu atribuo a mim. O termo comparativo 'como se fosse eu' - refere-se a pensamentos e sentimentos e não às percepções e experiências. Na identificação empática eu tenho o mesmo sentimento desesperador que ele tem como se a experiência dele fosse minha. Formas não-diretivas: paráfrase (reformular e confrontar) e verbalização (uso de sinônimos, antinomia e optativos).

A conversa diretiva é verbal usando palavras de comando, e quase sempre desrespeitosas. Moralizar, dogmatizar, diagnosticar, interpretar, generalizar, identificar e minimizar são as formas no diálogo que não respeita o outro por aquilo que ele vive, desrespeitando seus sentimentos e emoções.

A melhor maneira que temos de prestar atenção às pessoas é ouvindo-as ativamente. Ouvir ativo requer esforço consciente e disciplinado, para silenciar toda a conversação interna enquanto ouvimos outro ser humano. Isso exige sacrifício, uma doação de nós mesmos para bloquear o mais possível o ruído interno e de fato entrar no mundo de outra pessoa - mesmo que por poucos minutos. Isso se chama empatia e requer muito esforço.

Há quatro maneiras essenciais de nos comunicarmos com os outros - ler, escrever, falar e ouvir. As estatísticas mostram que na comunicação uma pessoa gasta uma média de sessenta e cinco por cento do tempo ouvindo, vinte por cento falando, nove por cento lendo e seis por cento escrevendo. No entanto, nossas escolas ensinam bastante bem a ler e escrever, e talvez ofereçam uma ou duas línguas eletivas, mas não fazem nenhum esforço para ensinar a prática de ouvir. Ouvir e compartilhar o problema de outra pessoa alivia sua carga.

Nosso corpo é o OLFATO com o qual podemos desfrutar o cheiro das rosas, das matas, dos mares, dos perfumes. Educador voluntário respira o odor da vida, da esperança, e se embriaga com o perfume da flor, o cheiro da criança, o perfume das matas.

Nosso corpo são as MÃOS, com as quais podemos percorrer e acariciar a insondável geografia de um corpo amado e apalpar o estremecimento da pele, a rugosidade das rochas. Mãos para serem estendidas ao necessitado, para levantar o caído, encurtar distâncias, construir pontes, expressar perdões. Sentir a presença milagrosa do outro. O toque é fundamental. É uma necessidade que perpassa toda a nossa vida, do nascimento até a morte. Mãos que abraçam, afagam, despertam um corpo frio, sem vibração e sem esperança. Isso é tão verdadeiro, que Virginia SAFIR chega a afirmar que necessitamos: de 4 abraços diários para a sobrevivência; 08 para a manutenção e 16 para o crescimento. Isso nos faz crer que o doente, muitas vezes, mais do que palavras, necessita de um toque, que demonstre uma presença ativa e acolhedora.

Nosso corpo são os PÉS, com os quais podemos correr ao encontro dos irmãos, percorrer os caminhos da vida, abrir rumos para a esperança e para o amor. Foram nossos pés que nos trouxeram até aqui. Os pés nos colocam em movimento, em ação, são o símbolo do trabalhador, daquele que busca vencer na vida. E também são o símbolo do educador voluntário, que sai de sua casa, deixa o seu mundo, para dirigir-se àquele que necessita do seu apoio, da sua presença, do seu conforto e do seu carinho. Como dizia São Paulo: "bendito os pés que evangelizam", ou seja, nossos pés devem nos conduzir para aqueles que mais precisam da nossa presença. Louve a Deus por poder caminhar, locomover-se, e através dos pés ser um instrumento de salvação.

Nosso corpo são os ÓRGÃOS INTERNOS que silenciosamente purificam a vida, alimentam-na e recriam-na. Sobretudo o coração, que palpita esperança, amor e ternura. Dai-nos Senhor um coração de carne, capaz de sentir a dor, o sofrimento do próximo, e ser para ele alívio nas horas pesadas da sua existência.

Nosso corpo é um corpo alimentado pelo ESPÍRITO, com capacidade para recordar rostos e palavras, para ressuscitar acontecimentos e experiências do passado. Capaz de sonhar e imaginar o novo, de se sobrepor às dificuldades e se levantar sobre os ombros das próprias fraquezas.

Cada pessoa é um acúmulo insondável de realidades e de possibilidades. Somos todos um conjunto de maravilhas e temos todos, como pessoas, um valor incalculável. Além disso, queridos por um Deus misericordioso e bom que nos chamou à vida por amor. Daí a necessidade de recuperar a admiração e o agradecimento.

Helen Keller amou apaixonadamente a vida. Era cega, surda e muda. Chegou a ser uma intelectual sábia e escritora de sucesso. Nos propõe um exercício muito simples. Ela diz que seria bom que, no começo de sua juventude, todo ser humano fosse cego e surdo durante alguns dias. A escuridão o faria apreciar mais o dom da visão, e o silêncio lhe ensinaria os deleites do som. Não podia entender como era possível que, ao perguntar a uma amiga o que havia visto em seu passeio pelo bosque, esta pudesse lhe responder: NADA. Em sua cegueira era capaz de perceber pelo tato a delicada simetria de uma folha, o tronco liso de uma bétula, a casca áspera de um pinheiro ou a ternura de um rebento novo.

Para finalizar a reflexão sobre a maravilha do nosso corpo, vamos expressar a vida que brota de todos os nossos membros, através da dinâmica do corpo. André MARMILICZ, no seu livro "Auto-estima. Suas implicações no cotidiano", cap. 13, página 59, propõe essa bela dinâmica. Deixemos nosso corpo falar, numa sinfonia maravilhosa, a sinfonia da vida.

2. Cultivar o agradecimento.

Um grande filósofo espanhol, ORTEGA Y GASSET, assim se manifesta sobre a gratidão: "O defeito mais grave do homem é a ingratidão. Fundamento essa qualificação superlativa em que, sendo a substância do homem sua história, todo comportamento anti-histórico adquire nele um caráter de suicídio. O ingrato se esquece de que a maior parte daquilo que tem não é obra sua, mas de outros, que se esforçaram para criá-las e obtê-las. Assim ao esquecer-se disso, ele despreza radicalmente a verdadeira condição do que tem".

O homem pós-moderno tomou-se exigente, incapaz de reconhecer o verdadeiro valor da vida. O egoísta, o individualista, arrogante, auto-suficiente, julga ser o grande causador de tudo o que é e possui desconhecendo e ignorando a dádiva da presença e colaboração do outro. Toma-se então um eterno insatisfeito, incapaz de vibrar e estupir-se com as maravilhas da vida. Não consegue desfrutar o sorriso cândido que vem de uma criança. Sempre julga-se merecedor de muito mais, esquecendo de exaltar a vida e agradecer pelas simples e corriqueiras ações e intervenções do cotidiano.

Do reconhecimento da coisa maravilhosa que todos e cada um de nós somos, dos inumeráveis assombros e prodígios que nos rodeiam e que nos foram presenteados gratuitamente, por amor, deve brotar um profundo agradecimento. Deveríamos todos viver em estado de espanto, de alegria e de agradecimento. Nunca me esqueço de um bispo já em idade avançada, que no seu leito de morte agradecia cada pequeno gesto feito em prol dele. Foi uma grande lição para a minha vida.

Educador voluntário agradece o dom da sua vida diariamente, e tudo aquilo que é e possui, servindo os outros. É o gesto máximo de agradecimento. Quem só pede, exige, cobra, se sente sempre no direito, com certeza precisa recuperar a sua auto-estima para perceber as belezas de tudo aquilo que lhe é oferecido gratuitamente no dia-a-dia.

A gratidão nasce de um coração delicado e humilde; com efeito, uma pessoa agradece somente quando está convencida de que tudo o que recebe não lhe é de direito, mas é pela bondade alheia. Uma pessoa agradecida não pretende nada, antes, é reconhecida pelo muito e pelo pouco que recebe, porque o reconhecimento nos faz grandes.

Na verdade, uma das grandes qualidades do ser humano é a sua capacidade de dizer 'muito obrigado', de agradecer, de reconhecer o bem que lhe foi feito. Todos os dias temos tantos motivos para repetir esse gesto. Se pararmos, veremos que dependemos imensamente dos outros.

Quando levantamos, tomamos o café que alguém nos preparou; se vamos ao trabalho de ônibus, somos beneficiados pelo motorista que o dirige; se vamos de carro, sabemos que tantas

peças trabalharam para que ele fosse construído; a cadeira que sentamos, o prédio em que trabalhamos, enfim, tudo que está ao nosso redor e do qual dispomos para o nosso trabalho, está aí graças a ação de alguém. O almoço, o jantar, todas as refeições tiveram o empenho de tanta gente, desde o colono que plantou até aquela pessoa que preparou. Se adoecemos, procuramos o médico que nos possa curar, e o hospital que possa nos acolher. Na hora da doença dependemos do amor de tantos seres humanos. Com certeza, o maior motivo de agradecimento é a nossa própria vida, e ela só aconteceu graças a um Deus que nos criou e aos nossos pais que nos geraram. Enfim, temos motivos de sobra para agradecer a vida, o dia, as pessoas, e tudo aquilo que está ao nosso redor.

Como educadores voluntários, amantes da vida e das pessoas, somos convidados a aprender a agradecer sempre, em todos os momentos da nossa vida, por tudo o que está próximo de nós porque nada enobrece tanto o ser humano como a sua capacidade de reconhecer-se obra de Deus, criado por seu amor, gerado para a vida e por tudo isso, vale a pena dizer MUITO OBRIGADO.

3) Cultivar a humildade.

Admiração, agradecimento, humildade. De modo algum é mérito nosso sermos inteligentes, fortes, bonitos, se nascemos em uma família de posses que nos pôde dar carinho, proteção, boa educação. Não somos superiores àquele que não recebeu tanto quanto nós nem teve as mesmas oportunidades. Foi-nos dado muito para que o puséssemos a serviço dos que não receberam tanto quanto nós.

Ser humilde é reconhecer o lado bom, positivo de nossas vidas, as qualidades, os valores, as potencialidades. É fundamental para a nossa auto-estima trabalharmos o nosso lado positivo. Somos um poço de potencialidades, mas precisamos deixar que esse poço emerja, e manifeste mais plenamente aquilo que somos.

Ser humilde é ser otimista perante a vida, e expressar toda a certeza de que as coisas podem ser diferentes, É ser alguém que acredita no ser humano, porque acredita em si mesmo, e já fez diversas experiências desse seu poder interior.

Quanto mais nos conhecemos e confiamos em nós mesmos, nos sentiremos capazes e senhores da nossa história, mais poderemos oferecer o melhor do que somos àqueles que necessitam de nossa ajuda.

Humildade não quer dizer negação, pobreza, incapacidade. Isso denigre a nossa imagem de seres humanos, criados por Deus. Foi uma educação nociva do passado que enalteceu nossas fraquezas em detrimento das nossas fortalezas.

Segundo Nuno COBRA, no seu maravilhoso livro "A semente da vitória", ele nos diz que "desde o início da vida, ainda na primeira infância, por necessidade de fazer de nós criaturas civilizadas, nossos pais cuidadosamente vão enchendo o saco das negatividades.

São as críticas, os não, as repreensões ou repressões, em que sempre se salienta os erros." Os acertos e façanhas, esforços e vitórias parecem não receber a mesma atenção. Por uma questão cultural, os acertos são vistos como obrigações das crianças e jovens e, como não são louvados e levados em conta, o saco das positivities vai ficando vazio. Com o tempo, nossos erros passam a ser o ponto de referência para todas as coisas".

Mais para frente, ele salienta o valor do positivo, dizendo que a felicidade está em salientar ao máximo as coisas boas que acontecem e menosprezar as coisas ruins. As pessoas positivas são otimistas porque conseguem otimizar a positividade. Segundo ele, devemos encher o saco da positividade. E conclui, "o negócio é encher o saco de seus filhos, encher o saco de seus alunos, encher o saco de seu vizinho, encher o saco de todo mundo. Mas o esforço é no sentido de encher o saco certo. Temos de descobrir por nós mesmos quem somos. Essa é a razão pela qual passamos a vida em busca de auto-conhecimento, única maneira de desenvolver nossas potencialidades e expressar o melhor de nós mesmos".

Ser humilde é tudo isso, é olhar a si mesmo e ao outro pelo seu lado positivo, e perceber em si mesmo e no outro a força interior para superar seus negativismos e medos.

O educador voluntário é aquele que se trabalha continuamente, cultivando o seu lado positivo, e assim, despertando no doente, naquele que é colocado no seu caminho, o valor intrínseco desde sempre inerente a ele.

Ser humilde é buscar a qualificação pessoal, a excelência naquilo que faz, para poder ajudar, servir de modo mais intenso e produtivo. Oferecer então o que tem de melhor, buscando despertar o melhor que existe no outro.

Ser o que se é por natureza, desde a criação, implica um trabalho diário de auto-conhecimento. Não quer dizer derrubar ou diminuir o outro, nem ser seu concorrente, mas simplesmente ser si mesmo, porque assim desde sempre foi criado por Deus. O ser humilde não nega aquilo que é, nem se vangloria por ser assim. Acolhe os valores não em causa ou benefícios próprios, mas a serviço de quem está ao seu redor e espera uma palavra de conforto e de esperança.

O educador voluntário precisa resgatar a humildade, ou seja, ser gente. Da raiz etimológica humus: terra, ou seja, ser pé no chão, ou mais, ser profundamente aquilo que é e para o qual foi chamado.

A humanização passa pela humildade. Jesus sendo Deus, tornou-se gente, e humilhou-se, tomou-se servo de todos. Eis a grande lição divina.

Na sociedade pós-moderna modelos são aqueles que chegam por primeiro; são os mais fortes, os mais bonitos, os mais saudáveis, os consagrados e vencedores em detrimento aos fracos, aos pequenos, pobres, derrotados e sofredores. Para nós, cristãos, vencedores são aqueles que SERVEM e oferecem o melhor de suas vidas a serviço - e de modo voluntário. Com certeza, o trabalho voluntário, como doação do melhor de si mesmo aos que necessitam, é o grande segredo e caminho de uma nova sociedade.

Vivemos num mundo onde tudo se faz por dinheiro. A gratuidade perdeu o seu sentido. Ela não aparece nos MCS, programas ou destaques, a não ser que seja alguém famoso e conhecido.

Humanizar é resgatar esse grande e supremo valor humano: a gratuidade. O que sou, o que possuo, o que recebi gratuitamente, gratuitamente ofereço aos outros. É o grande exemplo de S. Paulo: "Deus ama a quem dá com alegria", sem esperar nada em troca.

Admiração, agradecimento, humildade para construir uma sociedade mais humana, passando pelos agentes educativos, e de modo bem especial, pelos educadores voluntários.

Pra terminar, trago uma linda poesia de González Buelta, que serve plenamente ao educador voluntário, que escolhe a vida, e por isso, doa gratuitamente seu tempo em prol dos mais necessitados.

Nesta manhã
Endireito minhas costas,
Abro meu rosto,
Respiro a aurora, Escolho a vida.
Nesta manhã,
Acolho meus golpes,
Calo meus limites,
Dissolvo meus medos, Escolho a vida
Nesta manhã
Olho nos olhos,
Dou uns abraços,
Dou minha palavra, Escolho a vida.
Nesta manhã
Recolho a paz,
Alimento o futuro,

Partilho a alegria, Escolho a vida.

Nesta manhã

Busco-te na morte,

Tiro-te do lodo,

Levo-te tão fraco, escolho a vida.

Nesta manhã

Escuto-te em silêncio, Deixo-te me encher,

Sigo-te de perto, Escolho a vida.

Curitiba, aos 18 de novembro 2006

Pe. André Marmilicz